

ESCOLA DE NEGÓCIOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO EM ADMINISTRAÇÃO E NEGÓCIOS

ALINE DE GERONI RONCATO LAZZARI

AS NARRATIVAS DE MUDANÇA NO CONTEXTO DA ECONOMIA COMPARTILHADA

Porto Alegre
2019

PÓS-GRADUAÇÃO - *STRICTO SENSU*



Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

ALINE DE GERONI RONCATO LAZZARI

**AS NARRATIVAS DE MUDANÇA NO CONTEXTO DA ECONOMIA
COMPARTILHADA**

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Administração pelo Programa de Pós-Graduação em Administração da Escola de Negócios da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maira Petrini

Porto Alegre

2019

Ficha Catalográfica

L432n Lazzari, Aline De Geroni Roncato

As Narrativas de Mudança no Contexto da Economia Compartilhada /
Aline De Geroni Roncato Lazzari . – 2019.

116 f.

Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em
Administração, PUCRS.

Orientadora: Profa. Dra. Maira Petrini.

1. Economia compartilhada. 2. Narrativas de mudanças. 3. Mudança
social. I. Petrini, Maira. II. Título.

Aline Lazzari

As narrativas de mudança no contexto da economia compartilhada

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Administração, pelo Programa de Pós-Graduação em Administração da Escola de Negócios da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Aprovado em 29 de março de 2019, pela Banca Examinadora.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dra. Maira Petrini
Orientadora e Presidente da sessão

Prof. Dra. Ana Clarissa Matte Santos

Prof. Dr. Marlei Pozzebon

AGRADECIMENTOS

À meus pais Renato e Claudete, por todo amor e incentivo a minha formação acadêmica.

À meu marido Cássio, pelo apoio incondicional, todo suporte emocional e incentivo em todos os momentos da nossa vida.

À meu irmão Renato Filho, por sempre estar ao meu lado e minha cunhada Lisiane, por dividir comigo toda a sua experiência na sua trajetória acadêmica.

Aos meus colegas de mestrado, principalmente Karen e Franciele, pelas trocas e por todo o período de convivência.

Às empresas e usuários da economia compartilhada que aceitaram conceder entrevista e muito colaboraram com este estudo.

Às professoras Dr^a Ana Clarissa Santos e Dr^a Marlei Pozzebon, que tão gentilmente aceitaram participar da minha banca de avaliação e por todas as excelentes contribuições no desenvolvimento deste estudo.

Especialmente, à professora Dr^a. Maira Petrini, por toda a paciência e empenho na minha orientação e principalmente pelo estímulo em sempre melhorar.

Muito obrigada!

RESUMO

A economia compartilhada é um fenômeno emergente. A partir da entrada de novos *players* no mercado, como Uber, Airbnb e Zipcar, mais estudos são realizados com a intenção de compreender esta que é tida como uma nova economia. Ao realizar a revisão da literatura referente ao tema, identifica-se que não há um consenso por parte dos autores quanto a origens e enquadramento da economia compartilhada. Verifica-se que existe uma controvérsia desta nova economia vinculada a inovação social e ambiental ou a aspectos financeiros e econômicos gerando duas grandes perspectivas de argumentação nos estudos. Considerando a perspectiva de alguns autores, que apresentam a possibilidade do entendimento da economia compartilhada como uma perspectiva social, e entendendo que as narrativas são utilizadas na construção do social, buscamos compreender o papel destas narrativas nos processos de transformação e mudança social. Esta dissertação, teve por objetivo **analisar as narrativas de mudanças no contexto da economia compartilhada**, e desta forma verificamos a aproximação da economia compartilhada com a perspectiva social. A coleta de dados foi por meio de análise documental de relatórios emitidos por órgãos reconhecidos, netnografia de iniciativas da economia compartilhada, observação participante de evento e entrevistas com gestores das plataformas e usuários. Concluímos que a economia compartilhada apresenta diferentes narrativas conforme o posicionamento quando aos fins lucrativos da iniciativa. Iniciativas com fins lucrativos, apresentaram como macro-narrativas “oportunidade econômica”, “experiência” e “necessidade de regulamentação específica”. As iniciativas sem fins lucrativos, apresentaram como macro-narrativas “senso de comunidade”, “equidade” e “transformação”. Ainda, foram identificadas macro-narrativas que ficaram na intersecção dos dois enquadramentos, sendo “colaboratividade e conveniência” e “sustentabilidade”. A partir deste estudo, identificamos ainda o contexto, os atores e enredo destas narrativas, bem como o papel das narrativas de mudanças. Foi possível verificar que a economia compartilhada proporcionou algumas mudanças sociais como a forma de acesso a produtos e serviços, e a forma de relacionamento entre pares. Ainda, a forma de acesso a renda através das plataformas com fins lucrativos e no caso específico das iniciativas sem fins lucrativos o senso de comunidade gerado.

Este estudo contribui com o melhor entendimento do fenômeno economia compartilhada e seus potenciais impactos sociais positivos.

Palavras-chave: economia compartilhada; narrativas de mudanças; mudança social.

ABSTRACT

Sharing economy is an emerging phenomenon. From the entry of new players in the market such as Uber, Airbnb and Zipcar, further studies are carried out with the intention of understanding this which is considered as a new economy. Reviewing the literature on the subject, there is no consensus on the part of the authors regarding the origins and framing of the sharing economy. It is verified a controversy of this new economy linked to social and environmental innovation or to financial and economic aspects generating two great perspectives of argumentation in the studies. Considering the perspective of some authors, who present the possibility of understanding the sharing economy as a social perspective, and understand that the narratives are used in the construction of the social, we seek to understand the role of these narratives in the processes of transformation and social change. The purpose of this dissertation was to analyze the narratives of changes in the context of the sharing economy, and in this way we verified the approximation of the sharing economy with the social perspective. Data collection was through analysis of reports issued by recognized bodies, netnography of sharing economy initiatives, participant observation of events and interviews with managers and users of platforms. We conclude that the sharing economy presents different narratives according to the positioning when for the profit of the initiative. For-profit initiatives presented as macro-narratives "economic opportunity", "experience" and "need for specific regulation". The non-profit initiatives presented as macro-narratives "sense of community", "equity" and "transformation". Also, macro-narratives were identified that were at the intersection of the two frameworks, being "collaborative and convenience" and "sustainability". From this study, we also identify the context, actors, plot and the role of these narratives of change. It was possible to verify that the sharing economy provided some social changes as the form of access to products and services and the form of relationship between peers. Also, the form of access to income through for-profit platforms and in the specific case of non-profit initiatives the sense of community generated. This study contributes to a better understanding of the sharing economy phenomenon and its potential positive social impacts.

Keywords: sharing economy; narratives of change; social change.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Desenho de pesquisa.....	33
Figura 2 - Exemplo de narrativa que desencadeia a imaginação.....	59
Figura 3 - Imagem alusiva a renda.....	61
Figura 4 - Imagem alusiva a oportunidade econômica.....	61
Figura 5 - Imagem alusão a renda.....	62
Figura 6 - Infográfico contexto indiano.....	63
Figura 7 - Acessibilidade.....	64
Figura 8 - Comunidade.....	65
Figura 9 - Comunidade.....	65
Figura 10 - Mobilidade.....	65
Figura 11 - Oportunidade econômica.....	67
Figura 12 - Alusão a renda.....	67
Figuras 13 - Evidências economia Blablacar.....	68
Figuras 14 - Oportunidade econômica - Plataforma Dinneer.....	69
Figura 15 - Oportunidade econômica - Plataforma Dinneer.....	69
Figura 16 - Oportunidade econômica - Plataforma Dinneer.....	69
Figura 17 - Experiência Airbnb.....	72
Figura 18 - Experiência Airbnb.....	73
Figura 19 - Experiência jantar Dinneer.....	74
Figura 20 - Experiência Blablacar.....	75
Figura 21 - Altruísmo Airbnb.....	75
Figura 22 - Alusão ao tempo.....	77
Figura 23 - Alusão ao tempo.....	77
Figura 24 - Alusão senso de comunidade.....	78
Figura 25 - Evento promovido pela organização Ouishare.....	79
Figura 26 - Fotos da infraestrutura do evento.....	80
Figura 27 - Facilitação gráfica de palestras do pilar economia.....	82
Figura 28 - Facilitação gráfica de palestras do eixo cultura.....	83
Figura 29 - Facilitação gráfica de palestra do eixo tecnologia.....	84
Figura 30 - Roda de conversa - Raça, Gênero e Identidade: Como Ocupamos Lugares de Privilégio. Evento Colaboramerica 2018.....	85

Figura 31 – As nuances das macro-narrativas de mudança da economia compartilhada.....93

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Framework conceitual de análise das narrativas de mudanças	30
Quadro 2 - Lista dos relatórios emitidos por especialistas no assunto	35
Quadro 3 - Lista de iniciativas de economia compartilhada para realização de netnografia	37
Quadro 4 - Lista de entrevistas realizadas	40
Quadro 5 - Tabela utilizada para análise.....	42
Quadro 6 - Consolidação dos resultados (contexto, atores e enredo).....	56
Quadro 7 - Resumo das macro-narrativas identificadas.....	87

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
1.1 OBJETIVOS	14
1.1.1 Objetivo Geral	15
1.1.2 Objetivos Específicos	15
1.2 JUSTIFICATIVA	15
2 REFERENCIAL TEÓRICO	17
2.1 ECONOMIA COMPARTILHADA	17
2.2 NARRATIVAS E NARRATIVAS DE MUDANÇA	25
2.1.1 Conteúdo das Narrativas	31
2.1.2 Papel das Narrativas	31
2.1.3 Produção das Narrativas	32
3 MÉTODO	33
3.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA	33
3.2 DESENHO DE PESQUISA	33
3.3 COLETA DE DADOS	34
3.3.1 Análise documental	34
3.3.2 Netnografia	36
3.3.3 Observação participante	38
3.3.4 Entrevista	39
3.4 ANÁLISE DOS DADOS	40
4 RESULTADOS	43
4.1 CONTEÚDO DAS NARRATIVAS DE MUDANÇAS: CONTEXTO, ATORES E ENREDO	43
4.2 O PAPEL DAS NARRATIVAS DE MUDANÇA	56
4.3 PRODUÇÃO DAS NARRATIVAS	60
5 DISCUSSÃO	88
6 CONCLUSÃO	97
REFERÊNCIAS	99
ANEXO A	106
ANEXO B	107
ANEXO C	108
APÊNDICE A – RESULTADOS	110

1 INTRODUÇÃO

São diversas as iniciativas vinculadas a economia compartilhada ao redor do mundo. Nos últimos anos, o maior crescimento da economia compartilhada ocorreu através da entrada de novos *players* como por exemplo *Airbnb*, *Uber* e *Zipcar*, que em pouco tempo tiveram uma valorização significativa de mercado (CHENG, 2016; SCHOR, 2014). A partir da revisão de literatura referente ao tema, definição e conceitos de economia compartilhada, é claramente percebido que não há, por parte dos autores, um consenso referente as origens e enquadramento da economia compartilhada. É possível verificar na literatura que existe uma controvérsia desta nova economia vinculada a um desenvolvimento social e ambiental ou a aspectos financeiros e econômicos gerando duas grandes perspectivas de argumentação nos estudos. Enquanto alguns autores apresentam a economia compartilhada dentro de um contexto de desenvolvimento social e sustentável, com a justificativa de que esta economia proporciona a melhor utilização dos recursos globais e benefícios sociais (AVELINO et al., 2015; MONT; NEUVONEN; LÄHTEENOJA, 2014), outros autores, argumentam que a redução de custos e, conseqüentemente, preços mais baixos, é o principal motivo do interesse das pessoas na economia compartilhada, o que seria explicado, entre outros fatores, pelo seu *boom* em 2008 a partir da crise econômica, sendo assim os motivos econômicos mais relevantes que as preocupações sociais e ambientais (HABIBI; DAVIDSON; LAROCHE, 2017; MILANOVA; MAAS, 2017). Neste sentido, Morozov (2013) denomina o fenômeno de “neoliberalismo de esteroides”, dada a liberdade absoluta de mercado na qual essas iniciativas vêm ocorrendo, sem intervenção estatal ou regulamentações, levando, por exemplo, à precarização das relações de trabalho.

Na perspectiva de um caminho para a sustentabilidade, a economia compartilhada encontra-se com a temática social. Trazendo um contexto de mudança Frenken (2017) afirma que a economia compartilhada pode ser considerada contribuinte para uma transição de sustentabilidade. Mont, Neuvonen e Lähteenoja (2014) consideram esta nova economia como uma prática de inovação social, assim como Muñoz e Cohen (2017) que apresentam a economia compartilhada como um novo fenômeno social, considerando uma abordagem disruptiva dos modelos de negócios. Avelino et al. (2017) e Schor (2014) a compreendem como um movimento social, considerando as práticas de compartilhamento e cooperação que a

caracterizam. A vida social é dominada por narrativas, ou seja, as narrativas são utilizadas como uma forma de construção da realidade transformando-se em práticas sociais e gerando mudanças sociais. A análise de narrativas oferece *insights* e entendimentos ampliando a compreensão do social (BASTOS; BIAR, 2015). Portanto as narrativas podem ser utilizadas para a compreensão de uma sociedade ou parte dela (CZARNIAWSKA, 2004). De acordo com Hermwille (2016), o conhecimento e a compreensão das narrativas são fundamentais para o entendimento da política de sustentabilidade, pois as narrativas permitem a investigação dos respectivos sistemas de enquadramento dos atores envolvidos na elaboração de políticas.

Dentro do contexto de narrativas, aparecem as narrativas de mudança, que são definidos como “ideias, conceitos, metáforas, discursos ou histórias sobre mudança e inovação” (WITTMAYER et al. (2015) pg 5). As narrativas de mudança são utilizadas para identificar em qual contexto, quem são os atores e como ocorre a mudança (WITTMAYER et al., 2015). Através das narrativas de mudança, de acordo com Wittmayer et al. (2015, pg 8), é possível obter “informações sobre suas ideias, sobre por que o mundo tem que mudar, quem tem o poder de fazer isso e como isso pode ser feito”, ou seja, identificar as narrativas de mudanças nos ajuda a compreender como a mudança social é conduzida, bem como proporciona um melhor entendimento do contexto envolvido. A partir da possibilidade de aproximação da economia compartilhada a uma perspectiva social e ambiental e das narrativas de mudanças ser um meio de análise voltado a esta perspectiva, este estudo se propõe a analisar as narrativas de mudanças no contexto da economia compartilhada. Assim, apresentamos nossa questão de pesquisa: **Como se apresentam as narrativas de mudanças na economia compartilhada?** Para responder a esta questão de pesquisa, as narrativas de mudanças foram trazidas do contexto de inovação social para o contexto de economia compartilhada e analisadas conforme *framework* proposto por Wittmayer et al (2015). Assim, foi possível identificar o contexto, atores e enredo desta mudança; o papel das narrativas de mudança; as macro-narrativas produzidas, bem como as mudanças sociais emergentes da economia compartilhada.

1.1 OBJETIVOS

Para atender à problemática contextualizada, propõe-se o objetivo geral e os objetivos específicos a seguir.

1.1.1 Objetivo Geral

Para responder o problema proposto por esta pesquisa, o objetivo geral será: **Analisar as narrativas de mudança dentro do contexto da economia compartilhada.**

1.1.2 Objetivos Específicos

- a) Identificar o conteúdo das narrativas de mudanças (contexto, atores e enredo).
- b) Identificar o papel das narrativas de mudanças.
- c) Identificar as macro-narrativas produzidas e que tipos de mudanças sociais emergem da economia compartilhada.

1.2 JUSTIFICATIVA

A economia compartilhada é um fenômeno emergente, sendo um dos desenvolvimentos socioeconômicos globais mais significativos na última década (FRENKEN, 2017). Estima-se que o crescimento da economia compartilhada, passa de US\$ 15 bilhões em 2015 para US\$ 335 bilhões em 2025 (PWC, 2015). No mesmo sentido Belk (2014) afirma que o fenômeno da economia compartilhada possui projeção de crescimento nos próximos dez anos e, portanto, possui impacto em algumas organizações tradicionais já consolidadas. Assim, a economia compartilhada é responsável pelo desenvolvimento e crescimento de novos modelos de negócios bem como a adaptação de modelos de negócios já existentes. Negócios como Uber por exemplo, em 2014, acumulou mais de US\$ 1,5 bilhão e atua em mais de 70 cidades em 45 países (CUSUMANO, 2014). Murillo, Buckland e Val (2017) afirmam que a necessidade de estudar o movimento da economia compartilhada é evidente e urgente. Os autores citam que ainda é uma “área cinzenta” e recente que deve ser investigada para que possamos compreender os seus potenciais benefícios, impactos na sociedade, economia e meio ambiente. Esta afirmação dos autores é com base em dados de órgãos reconhecidos que dizem que 70% dos europeus e 72% dos americanos estão envolvidos com economia compartilhada, por isso, os estudos nesta temática também devem ser de interesse das autoridades de governo. Belk (2014, p. 1599) afirma ainda que “seria loucura ignorar o compartilhamento e o consumo

colaborativo como formas alternativas de consumo e como novos paradigmas empresariais”.

A partir da revisão de literatura, identificamos que a economia compartilhada possui duas grandes perspectivas de argumentação por parte dos autores. De um lado a perspectiva econômica, através do argumento que a economia compartilhada surgiu como uma alternativa à crise econômica de 2008, e de outro lado um contexto vinculado a formação de um ecossistema sustentável e com impacto social. Assim, considerando a necessidade de estudar o tema e a partir da lacuna identificada buscou-se verificar neste estudo que tipos de mudanças sociais emergem a partir da economia compartilhada. Kornberger et al (2018) afirma ser interessante gerar pesquisas que foquem a bidimensionalidade do compartilhamento e como ele é colocado em prática e para qual efeito.

Frenken e Schor (2017) ao realizar um estudo no campo da economia compartilhada afirmam ainda que é interessante buscar entender por que diferentes atores atribuem significados distintos ao fenômeno, e que a busca por este entendimento pode estar ligado a práticas sociais e posições discursivas. As narrativas possuem um importante papel na transformação social, e identificar quais as narrativas de mudanças no contexto da economia compartilhada proporcionará um melhor entendimento deste mercado emergente bem como a sua relação com a mudança social transformadora. Assim, ao realizar este estudo, será possível compreender se está ocorrendo uma mudança em prol da economia compartilhada e seus potenciais impactos sociais positivos.

Esta dissertação está organizada da seguinte forma. Primeiramente foi realizada uma revisão de literatura aprofundando os aspectos teóricos da economia compartilhada e sua relação com o social e ambiental bem como com fatores econômicos e financeiros e os conceitos que constroem os movimentos sociais. Na sequência, serão abordados os conceitos de narrativas, narrativas de mudanças e será apresentado um *framework* conceitual a ser utilizado na análise. A seguir é apresentado o método a ser utilizado para responder à questão de pesquisa. E por fim, os resultados, discussão e conclusões deste estudo.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Nesta seção serão apresentadas as abordagens teóricas referentes a economia compartilhada, narrativas e narrativas de mudanças de forma a sustentar este estudo.

2.1 ECONOMIA COMPARTILHADA

Nos últimos anos é crescente os modelos de negócios vinculados a economia compartilhada. O conceito de economia compartilhada traduz uma forma recente de negócios em que as pessoas e organizações trabalham de forma colaborativa, gerando interações, bem como a compra e venda de produtos ou serviços. Novos modelos de negócios surgiram nos últimos anos e algumas empresas já estão adaptando os seus modelos de negócios com o intuito de atender as demandas deste novo mercado. Esta nova economia tem como exemplo plataformas como *Uber*, *Airbnb* e *Zipcar*, em que clientes e fornecedores são vinculados através de uma plataforma *online* que faz a intermediação da operação entre pares. O *Airbnb*, por exemplo, permite que as pessoas aluguem uma parte ou a totalidade de suas residências para estadias curtas, a *Uber* permite viagens em tempo real e com base na localização do motorista e usuário (COHEN; KIETZMANN, 2014). *Zipcar*, é uma das pioneiras plataformas dentro do contexto desta nova economia, e consiste em um modelo de negócios de compartilhamento de veículos como alternativa à propriedade de um veículo. Neste modelo típico dentro do contexto de economia compartilhada, após pagar uma taxa anual, os clientes se tornam membros de um programa de compartilhamento e passam a ter acesso a uma frota de carros que podem utilizar pagando por hora de uso (BELLOS, FERGUSON e TOKTAY, 2017). Como outros exemplos, podemos citar ainda a empresa *Lyft*, na área do transporte que conecta motoristas e usuários de carros compartilhados por meio de aplicativos e a empresa *FundingCircle* na área financeira que conecta investidores a pequenos e médios negócios (YANG et al., 2017). Empresas como essas, representam um fenômeno emergente que possui projeção de crescimento nos próximos dez anos, e conseqüentemente possui impacto em algumas organizações tradicionais já consolidadas (BELK, 2014). Cusumano (2014) ao buscar alternativas para a empresa tradicional competir com a economia compartilhada, afirma que a maioria das pessoas

gostam do conceito desta nova economia porque significa maior acesso a bens e serviços com preços mais baixos. De acordo com Weber (2016) o surgimento deste mercado de compartilhamento indica uma mudança de paradigma, em que o consumo baseado na propriedade passa a ser baseado em acesso. Esta afirmação corrobora com Belk (2014, pg 1599) que ao retomar a sabedoria "Você é o que você possui" o autor a converte em "Você é o que você compartilha".

O fenômeno economia compartilhada, não possui uma definição comum na literatura, portanto é bastante discutido pelos autores e ainda está em formação. (PALGAN; ZVOLSKA; MONT, 2017). Neste sentido, esta nova economia possui diferentes perspectivas apresentadas pelos autores quanto a sua origem, estrutura e motivações. O ato de compartilhar é antigo, porém sempre foi comum entre pessoas próximas, amigos e familiares. Assim, modelos de negócios ligados ao compartilhamento existem há décadas (BELK, 2014), entretanto os aprimoramentos recentes devido a melhores tecnologias de informação e comunicação tornaram possível a escala. Portanto, o que diferencia o compartilhamento tradicional, ocorrido entre amigos e familiares, da economia compartilhada é a troca ocorrer entre pessoas estranhas no formato "*peer-to-peer*" (FRENKEN; SCHOR, 2017). Os sistemas "*peer-to-peer*" ocorrem através de rede digital, em que pares compartilham recursos de forma direta entre os sistemas individuais (DAUNORIENÈ, et al 2015). Em outras palavras, a economia compartilhada é alimentada em partes por plataformas de redes sociais que conectam facilmente pares, possibilitando que pessoas e organizações atuem de forma colaborativa, compartilhando opiniões, práticas e gerando interações ao transacionar produtos ou serviços de maneira cooperativa (BENOIT et al., 2017; LIANG et al., 2017). Neste formato *peer-to-peer* devemos considerar o termo *prosumer*, que de acordo com Palos-Sanchez e Correia (2018) é um termo que incorpora as palavras provedor e consumidor (do inglês *consumer*) e atua na lacuna entre consumidores e fornecedores, pois o contato passa a ser direto por meio das plataformas tecnológicas. O papel da tecnologia também é considerado por Roh (2016) que argumenta que o crescimento dos sistemas de compartilhamento foi particularmente alimentado pelas plataformas tecnológicas e com o aumento dos sistemas de redes sociais, que facilitam as conexões entre os pares proporcionando e facilitando o compartilhamento de bens. De acordo com Daunorienè, et al (2015) além da maior disponibilidade de tecnologia para hospedagem de um mercado on-

line, a diminuição da confiança dos consumidores em relação ao modelo econômico tradicional e o aumento da taxa de desemprego nos últimos anos também são fatores que contribuíram com o incremento da economia compartilhada, ou seja, o avanço da tecnologia facilita a interação entre pares (indivíduos ou organizações) proporcionando o compartilhamento de bens, produtos e serviços.

Na tentativa de definir a economia compartilhada Kathan, Matzler e Veider (2016) apresentam como principais características deste novo contexto a falta de propriedade; o acesso temporário; a redistribuição de bens materiais ou ativos menos tangíveis como dinheiro, espaço ou tempo; e a utilização de tecnologias e meios de comunicação flexíveis visando facilitar o compartilhamento. Daunoriené, et al (2015) ressalta que a construção do compartilhamento inclui vários componentes do ponto de vista da economia, como equilibrar os recursos disponíveis e as necessidades dos consumidores. A economia compartilhada pode ser entendida como parte de um movimento em prol do "consumo colaborativo" baseado no uso de plataformas (BOTSMAN; ROGERS, 2011), sendo que o consumo colaborativo, conforme elucidado por Petrini, Freitas e Silveira (2017) é considerado um recorte da economia compartilhada, referindo-se especificamente ao consumo. Além disso, do ponto de vista econômico, este fenômeno do compartilhamento é composto por iniciativas com e sem fins lucrativos, esta última, caracteriza-se pela busca em atender às necessidades da comunidade e não puramente o crescimento ou maximização de receitas (BELK, 2014; SCHOR, 2014). Petrini, Freitas e Silveira (2017) realizaram um estudo propondo uma tipologia de caracterização da economia compartilhada, os autores identificaram três arquétipos, sendo (1) novos modelos de negócios, representado pelos novos *players* de mercado que por meio de plataformas tecnológicas geram receita através da cobrança de taxas proveniente da transação entre os pares; (2) negócios repaginados, representados pelos negócios tradicionais que se reinventaram para apresentar vantagens ao consumidor na onda do compartilhamento, e (3) compartilhar por ideal que representa os modelos mais "puros" de compartilhamento, onde a preocupação com a geração de receita não está envolvida. Botsman e Rogers (2011), dividem o consumo colaborativo em três sistemas: (1) sistema de serviço do produto, que permite compartilhar produtos pertencentes a empresas ou indivíduos; (2) mercados de redistribuição, sistema que estimula o reuso através da redistribuição de produtos que seriam descartados e, (3)

estilos de vida colaborativos em que ocorre a interação entre pessoas de estilo de vida semelhantes com interesse em compartilhar ativos menos tangíveis, como tempo, espaço, conhecimento, etc. A partir do levantamento das definições e características referentes ao fenômeno, em um sentido mais amplo podemos entender a economia compartilhada como o compartilhamento de recursos subutilizados entre grupos, pessoas ou organizações através de uma plataforma tecnológica. Em uma abordagem mais ontológica, a revisão de literatura, evidencia duas grandes perspectivas para a economia compartilhada referentes a suas propriedades mais gerais. A primeira perspectiva identificada aponta as origens e motivações da economia compartilhada com raízes em preocupações sociais e ambientais, enquanto a segunda perspectiva apresenta motivadores econômicos e financeiros.

Por um lado, a economia compartilhada é apresentada como um caminho para um mundo mais sustentável. De acordo com Mont, Neuvonen e Lähteenoja (2014) o consumo colaborativo aparece como uma prática de inovação social, considerando que o uso global dos recursos e os impactos ambientais associados continuam a crescer e a inovação social visa atender necessidade sociais de forma mais efetiva do que as soluções já existentes. A inovação social pode ser compreendida como as mudanças nas relações sociais e inovação social transformadora, como um processo pelo qual a inovação social desafia, altera ou substitui as instituições dominantes no contexto social (AVELINO et al., 2017a). Avelino et al. (2015) justifica que os problemas de sustentabilidade em setores como energia, água e alimentos levou a um renovado interesse nas formas como a sociedade pode combinar o desenvolvimento econômico e social com a redução de sua pressão sobre o meio ambiente. A economia compartilhada surge como uma alternativa à economia tradicional, buscando combater a insustentabilidade, as injustiças e as desigualdades de mercado (MARTIN; UPHAM; BUDD, 2015). De acordo com Avelino et al. (2017) e Schor (2014) esta nova economia pode ser compreendida como um movimento social, considerando as práticas de compartilhamento e cooperação que a caracterizam. Na mesma linha, Muñoz e Cohen (2017) apresentam a economia compartilhada como um novo fenômeno social, considerando uma abordagem disruptiva dos modelos de negócios sendo que a economia compartilhada traz a promessa de ser uma forma econômica mais sustentável, pois proporciona acesso de recursos subutilizados pela sociedade a um custo reduzido. De acordo com Frenken (2017) a economia

compartilhada pode ser considerada, pelo menos potencialmente, como contribuindo para uma transição de sustentabilidade. Assim, defensores da economia compartilhada argumentam ainda que o processo de compartilhamento de recursos cria capital social permitindo uma distribuição equitativa de bens e serviços (MARTIN; UPHAM; BUDD, 2015). Voytneko Palgan, Zvolska e Mont (2017) realizaram um estudo abordando que a economia compartilhada traz a confiança como um benefício social, e as plataformas facilitam a criação de relacionamento entre os atores. Ainda nesse sentido, os potenciais benefícios de sustentabilidade associados a essas economias de compartilhamento são interessantes no sentido organizacional e ambiental, particularmente no contexto da crescente urbanização que muitos países experimentam hoje (COHEN; KIETZMANN, 2014).

Binninger, Ourahmoune e Robert (2015) realizaram um estudo para melhor compreender a relação entre consumo colaborativo e consumo sustentável e identificaram que em geral, a participação no consumo colaborativo está relacionada ao desejo de desenvolver vínculos sociais e que o consumo colaborativo está realmente desenvolvendo novas práticas baseadas em uma reutilização, troca, aluguel, empréstimo dos produtos, proporcionando assim uma “segunda vida” aos produtos. Sendo assim, as autoras entendem o consumo colaborativo como um caminho para a igualdade social mais do que um modelo ecológico e altruísta. Além disso, as autoras argumentam que ao modificar as relações entre indivíduos e bens de consumo através do consumo colaborativo, é possível estabelecer comportamentos sustentáveis mais coletivos e provavelmente mais duradouros, ou seja, consideram que se o coletivo gerar um movimento para o consumo colaborativo, este movimento modifica os interesses individuais em relação a aquisição de bens. Assim, mesmo que as pessoas em um primeiro momento optem pelo compartilhamento como principal motivador financeiro, a consequência é sustentável, pois de forma indireta ocorrerá uma redução do consumo. Fator este também considerado por Daunoriené, et al (2015) que argumentam que a economia compartilhada fornece uma lente ideal para explorar e contribuir para a natureza do desenvolvimento sustentável. Dentro do contexto de empreendedorismo social, de acordo com Roh (2016) a economia compartilhada pode proporcionar a estas empresas a oportunidades de superar eventuais problemas de mercado pois o valor social pode ser totalmente incorporado no processo de seus ciclos de economia de

compartilhamento considerando que a sustentabilidade, é um dos benefícios da economia compartilhada e um importante fator para a criação de valores econômicos e sociais. O consumo colaborativo é considerado por Binninger, Ourahmoune e Robert (2015) como um caminho alternativo a economia tradicional, pois considera uma crescente independência dos consumidores, devido ao desejo de se tornarem ativos no processo de consumo além da sua crescente desconfiança com os modelos já estabelecidos na lógica tradicional. As autoras dizem que a tendência de compartilhamento também atende um novo desejo de participar, proporcionando o ato de "co-produzir juntos" e consequentemente reduzir a mediação entre produção e consumo. Em resumo, nessa perspectiva, diversos autores apresentam ideias semelhantes, considerando que este contexto de compartilhamento é um movimento com o potencial de aumentar o bem-estar social e, promover o desenvolvimento sustentável conectando pessoas e permitindo a colaboração entre elas.

A segunda perspectiva identificada na revisão de literatura, associa a economia compartilhada a uma visão econômica e financeira. Frenken (2017) mesmo assumindo um potencial da economia compartilhada, questiona se os ganhos sociais e ambientais não são superestimados. Nesse sentido Böcker e Meelen (2017) ressaltam que a motivação econômica é dominante na adoção desta nova economia, pois a redução de custos seria o principal motivo do interesse das pessoas na economia compartilhada, o que seria justificado pelo seu *boom* em 2008 devido à crise econômica. Assim, os motivos econômicos seriam mais relevantes que os altruístas (HABIBI; DAVIDSON; LAROCHE, 2017; MILANOVA; MAAS, 2017). Nesta mesma linha, plataformas como *Uber* e *Airbnb* são criticadas por permitir a evasão fiscal e a erosão dos direitos trabalhistas (MARTIN; UPHAM; BUDD, 2015). Um estudo realizado por Voytenko Palgan, Zvolska e Mont (2017) conclui que empresas de compartilhamento de hospedagem tratam os aspectos sustentáveis como um motivador para atração de público, por considerar que ficar hospedado através de uma plataforma como *Airbnb* resulta em menor consumo de água, energia e resíduos. Porém, na opinião dos autores, para o usuário, o principal motivador consiste em aspectos econômicos e não sustentáveis. Apesar do argumento ambiental para a economia compartilhada Matzler, Veider e Kathan (2014) dizem que a intenção do consumo colaborativo é obter valor de bens subutilizados ou inexplorados pelos seus proprietários, indicando, segundo os autores que a principal motivação do consumidor

é auto-orientada, ou seja, os consumidores preferem os custos mais baixos que são oferecidos pelas empresas da economia compartilhada. Weber (2014) ao desenvolver um modelo de avaliação da reputação para gerar confiabilidade nas transações entre pares, indica que o compartilhamento de bens é um “fenômeno economicamente viável e robusto” pois compartilhar um recurso torna-se atraente quando os benefícios esperados da transação superam os custos esperados gerando rendas econômicas. Os autores acima citados apresentam uma abordagem de que a economia compartilhada é um modelo econômico que proporciona ganhos financeiros tanto para as plataformas que realizam a intermediação quanto para os usuários e fornecedores.

Morozov (2013) apresenta uma visão bastante crítica em relação a economia compartilhada denominando esta nova economia de “neoliberalismo de esteroides”, com o argumento que a economia compartilhada amplifica os piores excessos do modelo econômico dominante, ou seja, de acordo com o autor, as empresas vinculadas a economia compartilhada não estão interessadas em “reorientar a economia global para uma melhor qualidade de vida ou florescimento humano” e sim que estas empresas tem ações não revolucionárias, sendo uma utopia estabelecida pelos defensores desta economia. O autor questiona os efeitos estruturais da economia compartilhada sobre as igualdade e condições básicas de trabalho devido a possível interrupção das antigas indústrias. Na mesma linha, Mckee (2017) considera a economia compartilhada uma atividade econômica e portanto, faz uma crítica em seu estudo referente as condições legais e fiscais desta atividade. Na opinião do autor o termo “mercado de pares” é mais adequado a este novo contexto do que economia compartilhada. Isso indica que o autor parte do princípio que a economia compartilhada é um mercado com ganhos econômicos, apesar de concordar que existe um viés altruísta nas discussões acadêmicas.

Embora a maior parte dos autores apresentem-se dentro de uma das perspectivas mencionadas, percebe-se que alguns autores demonstram que mesmo que uma das perspectivas seja o principal motivador, a outra se apresenta como decorrência. Como por exemplo Milanova e Mass (2017) que argumentam que apesar do principal motivo para o compartilhamento ser econômico, o benefício social e ambiental é consequência pois ocorre a promoção de valores sociais. Ainda, McLaren e Agyenan (2014) ao comentar o trabalho realizado por Schor (2014) argumentam que os governos têm a possibilidade de investir em políticas públicas em prol da economia

compartilhada. Os autores acreditam que qualquer país pode desenvolver e promover esta economia e não apenas aqueles que possuem culturas coletivas, pois o compartilhamento poderia ou deveria ser algo mais fundamental do ponto de vista do desenvolvimento social. Cohen e Kietzmann (2014) afirmam que os desenvolvimentos da economia compartilhada começaram a desafiar o pensamento tradicional sobre como os recursos podem e devem ser oferecidos e consumidos, apoiando argumentos de que as melhorias incrementais nos atuais sistemas de produção e consumo são insuficientes para transformar a economia global em direção à sustentabilidade. Além disso Daunoriené, et al (2015) argumenta ainda que a economia compartilhada é um caminho para atingir a sustentabilidade econômica, pois considera que esta economia inclui requisitos de crescimento econômico adequados e estáveis, como estabilidade financeira, preservação, taxas de inflação baixas e estáveis, investimentos em inovação e abrangendo a distribuição justa dos recursos naturais entre a sociedade global, exigindo assim uma harmonização econômica de atividades e ecossistemas. Entretanto, dentro deste contexto os autores afirmam que a necessidade de economizar recursos, gera um movimento em prol do compartilhamento, promovendo pequenas mudanças em comunidades locais bem como ações de responsabilidade social. Com base no argumento de que diversos produtos são subutilizados ao longo de sua vida útil, Belk (2014) afirma que o compartilhamento faz sentido prático e econômico para o consumidor, o meio ambiente e a comunidade.

Em resumo, a partir do conceito fundamental da economia compartilhada, que consiste no compartilhamento de bens e serviços inexplorados e subutilizados pelos seus proprietários, ainda há na literatura divergências e incertezas. É consenso entre os autores que a partir do desenvolvimento e ascensão da tecnologia, as plataformas digitais e redes sociais atuaram como impulsionadores deste processo e com a função principal de conectar pessoas e organizações. Entretanto ainda não há consenso se a economia compartilhada consiste em um caminho para o desenvolvimento social e ambiental mediante o melhor uso dos recursos ou se estes benefícios são superestimados, sendo a economia compartilhada um caminho puramente econômico sob a perspectiva financeira, em que na verdade a opção por esta nova economia estar vinculada a redução de custos e maiores ganhos monetários. Assim, mediante a divergência apresentada na visão dos autores, e da possibilidade de aproximação

da economia compartilhada com a perspectiva social e ambiental buscamos analisar as narrativas de mudanças no contexto da economia compartilhada. Para isso, buscamos entender o papel das narrativas e narrativas de mudanças na compreensão do social.

2.2 NARRATIVAS E NARRATIVAS DE MUDANÇA

A narrativa pode ser entendida como uma prática social e é uma forma de construir a realidade. O mundo social é construído a partir da discussão, da escrita e de contestações executadas. Através da análise de narrativas é possível contemplar diversos atores sociais em diversos contextos e é útil para entender o que acontece na vida social (BASTOS; BIAR, 2015). Davis (2002), afirma que a partir da compreensão da vida social e dos aspectos do mundo, a análise narrativa é importante para a compreensão do papel da identidade coletiva. Polletta (1998) afirma que as narrativas são uma forma de transformar o anômalo em novo e é uma forma de conter o que é disruptivo dentro de uma forma familiar, ou seja, uma forma de construir a realidade trazendo significado. Czarniawska (2004) afirma que para entendermos uma sociedade ou parte de uma sociedade, é importante descobrir seu repertório de histórias legítimas e como estas histórias evoluíram, pois, para entender as suas próprias vidas, as pessoas as colocam em forma narrativa. Neste sentido, a autora afirma que as narrativas individuais se relacionam com as narrativas societais, isso significa que a sociedade pode ser entendida a partir do indivíduo, e da mesma forma o indivíduo pode ser entendido a partir da sociedade. Investigar as narrativas é justificado por Davis (2002) por auxiliar também na compreensão sobre o surgimento de movimentos sociais, a dinâmica interna e a persuasão pública, além de abordar os aspectos culturais do ativismo. O autor afirma ainda que as narrativas proporcionam uma luz sob todos os elementos culturais e os aspectos simbólicos dos movimentos. Entretanto pondera que a cultura é mais ampla do que apenas histórias, portanto é possível que nem todas as características culturais dos movimentos envolvem necessariamente narrativas.

Czarniawska (2004) afirma que “a vida social é uma narrativa”, reforçando a afirmação de Davis (2002) de que as narrativas refletem e ao mesmo tempo criam a realidade. Ao analisar as narrativas busca-se compreender como os indivíduos dão sentido aos eventos e ao mundo que os rodeia, pois, as histórias que as pessoas

produzem geram verdades articuladas sobre suas vidas e identidades. Além disso, é possível obter conhecimento específico do contexto sobre as experiências dos indivíduos. Como consequência, este conhecimento também oferece *insights* sobre normas sociais e culturais (BAÚ, 2016). Neste mesmo contexto, Fina e Georgakopoulou (2008) afirmam que as narrativas fazem parte das práticas sociais, pois tomam formas diferentes e formas genéricas que estão intimamente relacionadas com os macroprocessos e práticas que as constituem. Através do estudo da narrativa é possível investigar como as histórias são estruturadas e como elas funcionam, identificar quem a produz e por que meios, os mecanismos pelos quais são consumidos, como as narrativas são silenciadas, contestadas ou aceitas e quais os seus efeitos (ANDREWS; SQUIRE; TAMBOUKOU, 2008). Assim, podemos entender que o estudo narrativo é um caminho para compreender as formas em que uma história é construída, para quem e por que, bem como os discursos culturais sobre os quais se baseia e o que ele realiza (TRAHAR, 2009).

O estudo das narrativas é realizado a partir da afirmação de que os seres humanos dão sentido às suas vidas através da criação de histórias, ou seja, através da análise narrativa é possível entender e compreender a complexidade da vida humana. As narrativas refletem a vida social bem como o contexto cultural envolvido. De acordo com Czarniawska (2004) as pessoas dão sentido as suas próprias vidas através das narrativas, e fazem o mesmo quando buscam entender a vida de outras pessoas. Desta forma, as ações adquirem significado, ganhando um lugar em uma narrativa da vida. Por isso, o conhecido ditado "viver é como escrever um livro" faz bastante sentido quando relaciona-se as narrativas com a produção de significado (CZARNIAWSKA, 2004). Polletta (1998) afirma que a narrativa pode capturar os determinantes e as consequências da ação social melhor do que os conceitos sociológicos não narrativos e estáticos.

O conhecimento narrativo é presente em todas as práticas sociais e de acordo com Czarniawska (2000) é o principal portador de conhecimento na nossa sociedade. A narrativa é considerada uma forma de comunicação e um dispositivo para dar sentido a ação social, sendo assim tratada como uma forma de vida social, portanto, considera-se a comunicação como uma espécie de ação. As pessoas contam histórias em diversas situações, como ensinar e aprender, pedir uma interpretação e dar uma (CZARNIAWSKA, 2004). Ao contar a história como um indivíduo, nação ou um povo,

estabelecemos quem somos, por isso, as narrativas podem ser empregadas estrategicamente para fortalecer uma identidade coletiva, bem como podem preceder e possibilitar o desenvolvimento de uma comunidade (POLLETTA, 1998). Alvarez (2002) (pg 87) define narrativa como “o discurso construído na ação de se contar histórias em contextos cotidianos ou institucionais”, e o discurso, por sua vez, é definido como “um conjunto sistematicamente organizado de declarações que dão expressão ao significado”. Andrews, Squire e Tamboukou (2008) dizem que a pesquisa narrativa é possível através de histórias em discursos registrados, entrevistas, diários, fotografias, programas de TV, artigos de jornal ou as atividades padronizadas da vida cotidiana das pessoas trazendo vestígios de vidas humanas para nosso entendimento. Uma das características das práticas discursivas é a capacidade de criar, promover e difundir estruturas cognitivas, modelos mentais que influenciam a ação no mundo real, assim, as implicações práticas são percebidas na alocação e distribuição de bens sociais, como a sustentabilidade (FRANCESCHINI; PANSERA, 2015). A palavra discurso na linguagem comum refere-se ao uso da linguagem na interação social. A palavra geralmente descreve uma discussão ou tratamento articulado de um sujeito na forma de fala ou escrita. Ao mesmo tempo, o termo discurso também se refere às formas pelas quais as pessoas integram características linguísticas e não linguísticas (FRANCESCHINI; PANSERA, 2015). Contudo, Czarniawska (2000) resume dizendo que para compreensão da vida social é preciso ver a narrativa como uma forma de conhecimento, uma forma de vida social e uma forma de comunicação.

A partir da perspectiva de que as narrativas fazem parte das comunidades de prática, a narrativa é vista por Doolin (2003) como um modo de ordenar que apresenta a estrutura das relações organizacionais e que tem dimensões discursivas, considerando que os discursos institucionalizados são reproduzidos em práticas sociais e materiais. Fina e Georgakopoulou (2008), afirmam que é importante compreender o contexto das narrativas e atividades temporalizadas das quais elas fazem parte e refletem pois, ao mesmo tempo que as narrativas podem ser adaptadas para realizar atos de identidade grupal, elas também podem ser recontextualizadas e levar a outro tipo de discurso. A partir do argumento que a organização é realizada na linguagem, práticas e técnicas através dos quais as pessoas determinam a sua conduta e a relação com outros atores, Doolin (2003) entende que a organização é

um processo social que é construído e realizado. Para o autor é através do discurso que os indivíduos se explicam, tanto para si como para os outros. Por isso, faz sentido estudar as mudanças organizacionais através das narrativas, identificando assim, a ocorrência de transições. Czariawska (2000) explica o conhecimento narrativo nas organizações, ao argumentar que as relações são repletas de histórias, como gerentes e subordinados, jornalistas e pesquisadores. Contudo, a partir das definições e conceitos apresentados acerca das narrativas, podemos compreender o seu papel e seu vínculo com as práticas sociais. A partir dos estudos apresentados, para que possamos responder à questão de pesquisa, é importante buscarmos entender o papel das narrativas especificamente nos processos de mudança e transformação.

Franceschini e Pansera (2015) demonstraram em seu estudo dentro do contexto de sustentabilidade ambiental como diferentes narrativas podem levar à transformação do setor, alterando a ação dos principais *players* na indústria e seus modelos de negócios. De acordo com Hermwille (2016) o conhecimento e a compreensão das narrativas são fundamentais para a compreensão das políticas de sustentabilidade. Neste sentido, dentro do contexto de narrativas e transformação social, Wittmayer et al (2015) apresentam a definição de “narrativas de mudanças” como uma parte integrante da inovação social. Elas são uma forma discursiva particular que posiciona os atores em um contexto e ordena eventos ou atividades na sequência temporal em direção a um objetivo ou futuro. Através das narrativas de mudança é possível obter informações “por que o mundo tem que mudar, quem tem o poder de fazer isso e como isso pode ser feito” (WITTMAYER et al, 2015, pg 8). O argumento dos autores é baseado que muitas iniciativas contribuem para mudanças transformadoras, que inspiram projetos e atividades reais. O estudo das narrativas de mudanças indica como a mudança pode ser trazida e contribui com uma melhor compreensão da mudança transformadora. Nesse sentido, obter informações sobre como essas aspirações da mudança transformadora são criadas e compartilhadas contribuem para a compreensão de como a mudança social é conduzida. Mudança social pode ser definido como o “processo no qual novas práticas sociais emergem, tornam-se socialmente aceitas e difundidas na sociedade por processos de imitação, adaptação e aprendizagem social” (HOWALDT; SCHWARZ, 2016) (pg 58). Ou seja, a partir da aceitação da sociedade, mudanças sociais passam a ser adotadas e tornam-se uma prática social. Howaldt e Schwarz (2016) afirmam ainda que é a partir da

prática social que as inovações são incorporadas pela sociedade e que, portanto, é um elemento central quando falamos em mudança transformadora. Por isso, faz sentido utilizarmos as narrativas de mudanças para analisar o contexto da economia compartilhada bem como identificar que tipos de mudanças sociais emergem deste contexto. A análise narrativa de acordo com Czarniawska (2000) busca as conexões frequentes (ou usuais) nos elementos de uma narrativa, ou seja, esta análise procura padrões e regularidades. Em outras palavras, a partir da análise narrativa podemos identificar as narrativas principais, ou as macro-narrativas existentes e assim melhor compreender o contexto da economia compartilhada. Urhammer e Ropke (2013) afirmam que uma narrativa pode ser entendida como a ordenação linguística de eventos e fenômenos em estruturas gerando histórias. A partir de uma revisão abrangente da literatura, Wittmayer et al (2015) propuseram um método de análise com o objetivo de capturar ideias sobre mudança transformadora em narrativas. Este método surgiu a partir do projeto de pesquisa intitulado TRANSIT – TRANSformative Social Innovation Theory, que estuda os caminhos que as iniciativas de inovação social interagem com outras formas de mudança transformadora. Conforme apresentado na nossa revisão de literatura, a economia compartilhada é compreendida por alguns autores como um caminho voltado a uma perspectiva social e ambiental, portanto faz sentido utilizarmos o método de análise de narrativas proposto pelo grupo TRANSIT para reconstruir e analisar as narrativas de mudanças dentro do contexto da economia compartilhada. O foco desta análise é identificar as macro-narrativas nas redes estudadas. O *framework* (quadro 1) foi proposto por Wittmayer et al (2015) e foi utilizado como apoio referencial de análise para responder à questão de pesquisa deste estudo. É importante ressaltar que para fins de realização da análise narrativa Baú (2016) afirma que é imprescindível considerar o contexto da história, pois a interpretação do narrador de sua vida e os eventos que acontecem é um processo dinâmico que muda de acordo com o tempo e as circunstâncias. Portanto, a análise narrativa deve iniciar pelo narrador, pois é a partir daí que todas as informações contextuais, incluindo pessoas, eventos, normas e valores são atribuídos a um significado e interpretação bem como a sua localização cultural e histórica moldará a forma como a realidade é construída na narração. Essa abordagem implica em compreender como as narrativas são produzidas socialmente, portanto, deve-se considerar o posicionamento da narrativa em relação aos aspectos

culturais e tempo (DE FINA; GEORGAKOPOULOU, 2008). Wittmayer et al (2015) argumenta que as histórias possuem um papel instrumental para muitas iniciativas de inovação social ao desafiar e enfrentar normas, valores e crenças dominantes e na elaboração de futuros alternativos. Para fins deste estudo, onde buscamos compreender as mudanças sociais que emergem da economia compartilhada, o conceito de narrativas de mudanças será aplicado conforme indicado por Wittmayer et al (2015), bem como será aplicada a abordagem para análise das narrativas também indicada pelos autores. O interesse nas narrativas de mudanças, conforme abordado por Avelino et al (2017b), concentra-se em compreender como elas são percebidas, construídas e utilizadas. Assim, ao aplicar o *framework*, vamos desconstruir as narrativas no sentido de identificar o contexto, atores e enredo da mudança; o papel das narrativas e as macro-narrativas produzidas. Por fim, vamos identificar que tipos de mudanças sociais emergem das narrativas.

Quadro 1 - *Framework* conceitual de análise das narrativas de mudanças

CONTEÚDO DAS NARRATIVAS	
Contexto <i>Por quê?</i> <i>(Quando?)</i> <i>(Onde?)</i>	Como foi construído o contexto na narrativa de mudança em estudo? - Quais os problemas passados e atuais e desafios sociais estão enquadrados nas narrativas de mudanças? - Qual o futuro desejado ou objetivo descrito?
Atores <i>Quem?</i>	Como os atores são construídos nas narrativas de mudanças em estudo? - Quem são os atores individuais, organizacionais e setoriais que dirigem e / ou dificultam a mudança?
Enredo <i>Como?</i>	Como o processo de mudança social ocorre na narrativa de mudanças em estudo? - Que eventos, experiências ou atividades levam ao futuro desejado e em que sequência? - Que atividades da iniciativa e outros atores estão dirigindo e / ou dificultando a mudança?
PAPEL DAS NARRATIVAS	
Como é percebido o papel das narrativas em geral e especificamente nos processos de mudança social? - Qual o papel que os atores da inovação social atribuem à narrativa que compartilham e as narrativas dos outros?	
PRODUÇÃO DE NARRATIVAS	
Como foram/são as narrativas de mudanças em estudo? - Que tipo de ideias, conceitos, metáforas são incluídos ou aludidos na narrativa? (O conceito de "inovação social" é explicitamente usado?) Quais auxílios visuais são usados para apoiar ideias, conceitos ou metáforas usados? Quão centrais são as práticas narrativas para as atividades de inovação social?	

Fonte: Wittmayer et al (2015); Tradução da autora.

A seguir detalhamos as etapas analíticas das narrativas de mudança conforme proposto pelo *framework*.

2.1.1 Conteúdo das Narrativas

Nesta etapa são descritos o contexto, os atores e o enredo das narrativas. O contexto das narrativas nos posiciona o cenário da narrativa, situando no tempo (quando) e espaço (onde). De acordo com Wittmayer et al (2015) as narrativas de mudanças são compostas por diversas narrativas simples e através da sua análise é possível descrever situações no passado, situações presentes e cenários futuros. Consideramos atores os agentes que realizam os atos podendo ser humanos ou não humanos. Ao analisar os atores das narrativas é possível identificarmos quem colabora ou dificulta a mudança social. Os atores podem ser classificados em setores como governo, comunidade, mercado, órgãos setoriais; em indivíduos como empreendedores, cidadãos; ou organizações como empresas públicas e privadas. Os atores podem ainda ser classificados quanto ao seu papel, como apoiante (favorece o desenvolvimento da economia compartilhada), beneficiário (atores que se beneficiam de alguma forma da economia compartilhada), protagonista (atores principais da economia compartilhada), etc (WITTMAYER et al., 2015). Por fim, o enredo é a forma de organizar as narrativas para compreendermos o “como” ocorre o processo de mudança social. O enredo é uma maneira de organizar o conteúdo narrativo, demonstrando a sua estrutura (URHAMMER; ROPKE, 2013). Ou seja, são as atividades que levam da situação atual para a futura (WITTMAYER et al., 2015). Em outras palavras, oferece a sequência temporal das narrativas descrevendo como os dados as iniciativas e experiências necessárias para o futuro descrito.

2.1.2 Papel das Narrativas

Esta etapa visa verificar como é percebido o papel das narrativas em geral e especificamente nos processos de mudança social e qual o papel que os atores da inovação social atribuem à narrativa que compartilham e as narrativas dos outros. Ou seja, esta etapa verifica o que as narrativas criadas pelos atores revelam. Além, disso esta etapa desmembra o papel das narrativas no processo de mudança social que de acordo com Wittmayer et al. (2015), a literatura distingue três grandes papéis das narrativas nos processos de mudança social:

1. Desencadeiam a imaginação: As narrativas que desencadeiam a imaginação convidam-nos a pensar no futuro. Ou seja, “o que acontecerá em seguida”; portanto são as narrativas que evocam a imaginação.
2. Expressões de contra-cultura: são instrumentos utilizados quando os movimentos sociais lutam contra narrativas culturais e institucionais estabelecidas e estruturas de poder existentes. Neste sentido, também podem apelar para a imaginação humana, uma vez que desenham um futuro.
3. Recursos para o empoderamento: As narrativas podem ser vistas ainda como um recurso para o empoderamento individual e coletivo. O empoderamento individual pode ser reforçado a partir do coletivo e vice-versa.

2.1.3 Produção das Narrativas

As narrativas não podem ser extraídas do seu contexto. Uma vez que os dados narrativos são situacionais, de acordo com Wittmayer et al (2015) as narrativas podem variar de acordo com os atores, tempo e espaço, entretanto são consideradas habituais e estáveis em um determinado ambiente. Assim, nesta etapa a partir dos questionamentos “Como foram/são as narrativas de mudanças em estudo? Que tipo de ideias, conceitos, metáforas são incluídos ou aludidos na narrativa? (O conceito de "inovação social" é explicitamente usado?) Quais auxílios visuais são usados para apoiar ideias, conceitos ou metáforas usados? Quão centrais são as práticas narrativas para as atividades de inovação social?” visa a identificação das mudanças sociais emergentes do objeto de estudo através da narrativa principal e frequente, chamada nesta dissertação de macro-narrativa. A macro-narrativa pode estar articulada em várias formas, imagens orais, escritas e movimentos. Wittmayer et al (2015) ressalta ainda que embora diferentes narradores e ambientes tenham impacto sobre o conteúdo das histórias, é possível identificar linhas de tópicos (macro-narrativas) suficientemente coerentes para análise.

3 MÉTODO

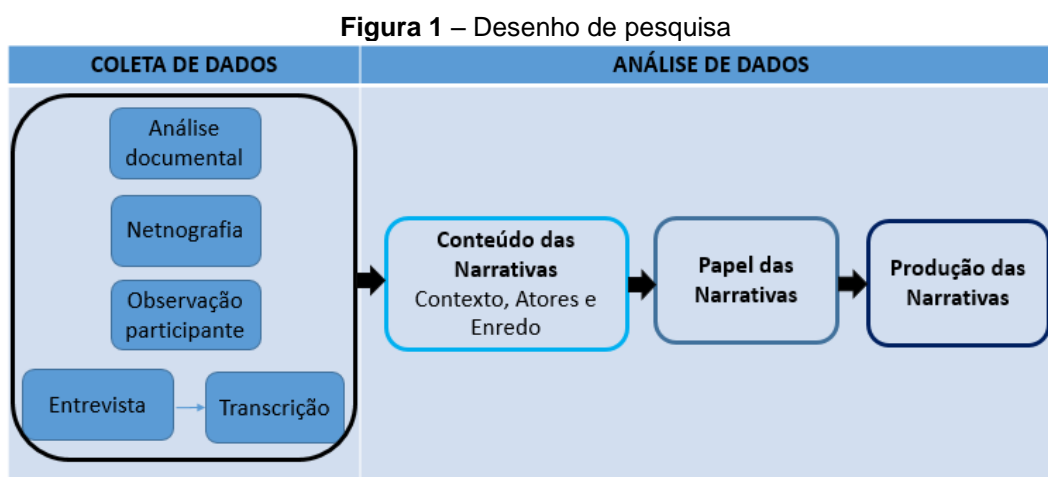
Nesta seção serão apresentados os aspectos metodológicos como a caracterização da pesquisa, o critério a ser utilizado para a seleção dos dados e o método para a análise de dados.

3.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

Para responder à questão de pesquisa, será realizada uma pesquisa exploratória, cujos dados coletados serão de natureza qualitativa. Para Gil (2008), a pesquisa exploratória deve ser executada pois é útil para analisar dados que não foram pesquisados em profundidade anteriormente, proporcionando o desenvolvimento de proposições podendo gerar pesquisas futuras e uma melhor compreensão sobre o problema levantado. Será aplicada uma abordagem construtivista que parte do princípio que o conhecimento é uma construção social fruto de interação entre sujeitos portanto, busca a compreensão das práticas sociais (SCHWANDT, 2000). Segundo Wittmayer et al. (2015) ao aplicar este tipo de abordagem em análise narrativa, nos permite compreender como ocorrem a produção do social e os processos de mudança da sociedade. Além, de proporcionar a análise direta do conteúdo narrativo.

3.2 DESENHO DE PESQUISA

A figura 1 apresenta o desenho de pesquisa e a sequência metodológica de coleta de dados e análise a serem seguidas para execução deste estudo.



Fonte: Elaborado pela autora

3.3 COLETA DE DADOS

Para atender a problemática de pesquisa, o material empírico foi coletado através de dados primários e secundários. As técnicas foram selecionadas, com o objetivo de contemplar a análise narrativa de acadêmicos e *practitioners*, bem como as narrativas de usuários de plataformas de economia compartilhada, e as narrativas da própria plataforma. A etapa de coleta iniciou através dos dados secundários seguida dos dados primários, esta sequência teve por objetivo proporcionar que a pesquisadora fosse a campo com maior conhecimento do tópico em estudo. Os dados secundários foram coletados através de análise documental e netnografia. A análise documental ocorreu com o objetivo de contemplar as narrativas de *practitioners* e acadêmicos que pesquisem a temática de economia compartilhada e foi realizada através de relatórios publicados por empresas de consultoria, institutos de pesquisa, seminários, etc. A netnografia foi realizada com o objetivo de contemplar as narrativas das plataformas e usuários de iniciativas vinculadas à economia compartilhada. Assim foram selecionadas previamente algumas iniciativas da economia compartilhada e a análise netnográfica realizada. Os dados primários foram coletados com o objetivo de enriquecer a pesquisa e garantir a interpretação realizada pela pesquisadora. Neste sentido, correu observação participante em evento vinculado à economia compartilhada e entrevistas com gestores e usuários de iniciativas da economia compartilhada. É importante ressaltar que as diferentes fontes de dados aplicadas proporcionaram a pesquisadora a oportunidade de analisar diferentes atores e contextos. A seguir detalhamos cada técnica de coleta aplicada.

3.3.1 Análise documental

De acordo com Godoy (1995) a análise documental é útil quando o interesse do pesquisador consiste em verificar a linguagem e a comunicação dos atores envolvidos. Uma das principais vantagens da análise documental é ter acesso a contextos e atores às quais não temos acesso físico, seja por problemas de distância, mudanças de contextos, impossibilidade de contato com atores, etc. Outra vantagem apresentada neste tipo de análise é que os documentos constituem uma fonte de informação não-reativa, isso significa que através deles é possível avaliar as mudanças de contexto ocorridas ao longo do tempo, uma vez que as informações

contidas nos documentos permanecem as mesmas com o passar do tempo. Além disso, é uma situação em que por não ter a interferência humana, não existe o risco de alteração de comportamento por parte do pesquisado (GODOY, 1995). A seleção do relatórios ocorreu em plataforma de busca, tendo como premissas tratar do tema economia compartilhada e ser emitido por órgão ou instituição amplamente reconhecidos. A busca foi realizada pelas palavras-chave: “report sharing economy”, “workshop sharing economy” e “relatório economia compartilhada”. Uma primeira busca foi realizada em janeiro de 2018 e com a intenção de contemplar novos reports, foi repetida em novembro de 2018 (quadro 2).

Quadro 2 - Lista dos relatórios emitidos por especialistas no assunto

Título	Emitido por	Detalhamento	Ano
Sharing Economy Implications for the Insurance Industry in Canada	Insurance Institute of Canada	Organização sem fins lucrativos.	2017
Harnessing the Power of the Sharing Economy – Next Steps for Ontario	Ontario Chamber of Commerce	Entidade de classe (câmara de comércio).	2015
Comunicação da Comissão do Parlamento Europeu, ao Conselho, ao Comitê Econômico e Social Europeu e ao Comitê das Regiões - Uma Agenda Europeia para a Economia Colaborativa	Comissão Européia	Instituição que é politicamente independente e que representa e defende os interesses da União Europeia (UE).	2016
Developments in the Collaborative Economy in NSW - NSW Department of Finance, Services & Innovation	Deloitte Acess Economics	Empresa de serviços de Auditoria e Consultoria.	2017
The rise of the sharing economy - The Indian landscape	Ernst & Young LLPP	Empresa de serviços de Auditoria e Consultoria.	2015
Making sense of the UK collaborative economy	Nesta e Collaborative Lab	National Endowment for Science, Technology and the Arts é uma instituição independente que trabalha para aumentar a capacidade de inovação do Reino Unido.	2014
Is sharing the new buying? Reputation and Trust are emerging as new currencies	Nielsen	Líder global da prestação de serviços de informação.	2014
The Sharing Economy	PwC	Empresa de serviços de Auditoria e Consultoria.	2015
Symposium on the Sharing Economy - Public Forum Summary Report	University of Minnesota	Universidade.	2016
The Data Sharing Economy: Quantifying Tradeoffs that Power New Business Models	American International Group - AIG	Elaborado por RTi Research, agência global em pesquisa.	2016
Research on the Sharing Economy	NatCen – Social Research that works for society	Agência britânica independente de pesquisa.	2017

(continuação)

Título	Emitido por	Detalhamento	Ano
The “Sharing” Economy Issues Facing Platforms, Participants & Regulators	An FTC Staff Report - Federal Trade Commission	Agência independente do governo dos Estado Unidos.	2016
Understanding the Sharing Economy	System Initiative on Environment and Natural Resource Security – World Economic Forum	Organização sem fins lucrativos – Fórum Econômico Mundial.	2016
Timbro sharing economy index	Timbro através de Pesquisadores acadêmicos da Universidade da Pensilvânia, Univerisdade de Lund.	A Timbro é uma think tank e editora de livros de livre mercado com sede em Estocolmo, na Suécia, que trabalha para promover idéias, influenciar a legislação e a opinião pública	2018

Fonte: Elaborado pela autora (2019)

3.3.2 Netnografia

De acordo com De Rivera et al (2017) através da etnografia é possível compreender as novas realidades que são produzidas através de tecnologias digitais. O termo netnografia ou etnografia digital, consiste em uma adaptação da etnografia clássica para o mundo digital, onde temos comunidades digitais, como ocorre no caso das plataformas de economia compartilhada. De Rivera et al (2017) afirmam ainda que o entendimento de comunidade digital é viável pois as pessoas se envolvem em ações coletivas e dessa forma produzem significado, porém digitalmente. Assim, através desta técnica, podemos coletar os dados de plataformas digitais para que possamos analisar e identificar como os discursos e representações influenciam as relações sociais. Para Kozinets (2015) (pg. 3), a netnografia mostra-se útil para “para revelar estilos de interação, narrativas pessoais, trocas comunais, regras, práticas e rituais on-line, estilos discursivos, formas inovadoras de colaboração e organização e manifestações de criatividade”. Costello, Mcdermott e Wallace (2017) dizem que a netnografia possui rigor e pode ser combinada com outras técnicas de pesquisa, sendo uma técnica que pode fazer uso de vídeos, imagens e sons, além de dados textuais. Referente a participação do pesquisador, pode ser ativa ou passiva. Costello, Mcdermott e Wallace (2017) reconhecem que o não envolvimento do pesquisador em uma netnografia, pode ser visto como uma vantagem, pois entende-se que esta postura permite o fluxo normal da comunidade e não afasta os membros, em outras palavras, mantendo o ambiente online de forma natural. O posicionamento passivo do

pesquisador, permite o levantamento de informações imparciais e inalteradas, pois a captação de dados ocorre através das conversas dos participantes, disponíveis de forma pública nas comunidades (BREM; BILGRAM, 2015). Neste sentido, com a intenção de coletar as informações publicadas de forma espontânea por parte dos membros, a netnografia será realizada sem a influência da pesquisadora nas comunidades selecionadas, adotando assim, uma postura passiva.

As organizações foram selecionadas com base em critérios definidos: 1) Iniciativa no formato *peer-to-peer*; 2) Contemplar iniciativas com e sem fins lucrativos; 3) Acesso aos dados. Foram considerados os sites e redes sociais de organizações que apresentem discursos vinculados a economia compartilhada. Assim, foram selecionadas as seguintes fontes de dados (quadro 3):

Quadro 3 - Lista de iniciativas de economia compartilhada para realização de netnografia

Organização	Descrição	Como funciona	Monetização
Airbnb	Plataforma de aluguel de quartos ou residências inteiras. Conecta anfitriões com pessoas que precisam de hospedagem. www.airbnb.com.br E fórum da comunidade de anfitriões do Airbnb https://community.withairbnb.com	Pessoas dispostas a alugar seus espaços divulgam no site da iniciativa (anfitriões). Assim, pessoas que precisam de um espaço podem pesquisar e conectar-se com os anfitriões.	A taxa de serviço do anfitrião para acomodações costuma ser de 3%. Esta taxa é calculada a partir do subtotal da reserva e é automaticamente deduzida do pagamento enviado ao anfitrião.
OuiShare	Blog da organização sem fins lucrativos OuiShare que tem por objetivo fomentar a economia compartilhada, site http://magazine.ouishare.net/	Promoção de eventos de fomento a economia compartilhada além de assessoria a iniciativas da economia compartilhada.	Através de eventos, serviços e patrocinadores.
Banco de tempo de Porto Alegre e Estados Unidos	Um sistema de organização de trocas solidárias em que a moeda de troca é o tempo. O banco funciona através de um sistema de oferta e procura de talentos disponibilizados entre os membros do grupo. Os talentos são prestados a partir da doação de tempo mensurado em horas. Atualmente, o Banco de Tempo de Porto Alegre, é gerido através da rede social Facebook. O Banco de Tempo dos Estados Unidos foi analisado a partir da sua <i>home page</i> disponível em https://timebanks.org .	Ao se cadastrar no banco de tempo a pessoa recebe um número de créditos. Cada crédito é equivalente a uma hora. Ao se cadastrar, as pessoas registram habilidades em forma de atividades, e dimensionam o número de horas previstas para a execução. Os pares se conectam através da plataforma e realizam a troca destas horas em função das atividades.	Não há monetização financeira. A moeda de troca é o tempo.

(continuação)

Organização	Descrição	Como funciona	Monetização
Blablacar	Blog da plataforma de caronas Blablacar. A plataforma foca em caronas de longas distância, principalmente para atender lugares com deficiência no transporte público. Disponível em https://www.blablacar.co.uk/ e https://www.blablacar.com.br . Facebook da iniciativa.	Pessoas dispostas a fornecer uma carona disponibilizam a oferta no site da iniciativa deixando claro o trajeto que será realizado. Pessoas interessadas em uma carona, podem fazer a busca no site da plataforma e identificar a possibilidade de pegar uma carona.	No Brasil, a plataforma está atuando com uma taxa fixa de serviço para acessar as funcionalidades da plataforma.
Dinneer	Plataforma de experiências gastronômicas disponível em https://www.dinneer.com/ . Facebook da iniciativa.	Pessoas que gostam de cozinhar e dispostas a receber pessoas estranhas em sua residência fazem a divulgação da refeição no site da iniciativa. Pessoas interessadas podem pesquisar e se conectar, indo até a casa do anfitrião para a refeição.	20% do valor do jantar é retido pela Dinneer, sendo 10% do anfitrião e 10% do valor pago pelo participante da experiência gastronômica.

Fonte: Elaborado pela autora (2018).

Foram analisados os sites da Blablacar no Brasil, Índia e Reino Unido; e Airbnb Brasil e Reino Unido. Porém não foram encontradas diferenças significativas, os sites são iguais, apenas traduzidos. A plataforma Dinneer possui um único endereço, assumindo o idioma automaticamente a partir do local de acesso.

3.3.3 Observação participante

A observação participante é uma técnica de pesquisa no qual o pesquisador se coloca no meio da comunidade que está estudando (ANGROSINO, 2009). Em uma entrevista, por exemplo, o entrevistado pode não responder fielmente as questões apresentadas pelo pesquisador. Portanto, um dos principais benefícios da técnica de observação é que permite ao pesquisador avaliar como algo realmente funciona ou ocorre sem influências, ou seja, ao aplicar a técnica de observação, os dados são coletados em situações naturais (FLICK, 2009). Assim, a pesquisadora participou e realizou notas de campo reflexivas de evento que tratou do tema economia compartilhada chamado Colaboramerica. É um festival com foco em Economia Colaborativa e seus desdobramentos e faz parte da rede internacional do OuiShare. O evento tem por objetivo debater ideias e tendências globais em inovação social e

nova economia, co-criar o futuro e promover a colaboração e compartilhamento de conhecimento dentro da rede. Ocorreu nos dias 09 e 10 de novembro de 2018 no Rio de Janeiro/RJ. A intenção em participar do evento foi no sentido de acompanhar as discussões ocorridas e iniciativas dos participantes. Para auxiliar nas observações e anotações, foi utilizado um protocolo de observação detalhado no anexo A.

3.3.4 Entrevista

Por fim, para compor o estudo, foram realizadas entrevistas semi-estruturada com membros e gestores de iniciativas de economia compartilhada e usuários destas iniciativas. As entrevistas foram realizadas com a intenção de complementar e enriquecer as interpretações realizadas pela pesquisadora. Esta etapa foi importante como mecanismo de releitura dos resultados obtidos nas análises dos outros instrumentos de coleta à luz da voz dos atores. Para auxiliar na execução da entrevista, foi elaborado um protocolo de pesquisa (Anexo B) considerando questões para os gestores e usuários da plataforma. De acordo com Flick (2009), o protocolo deve ser composto por questões abertas e confrontativas no sentido de guiar a entrevista, porém sem atuar como limitador. Assim, seguindo a orientação dos autores, as entrevistas foram realizadas seguindo o protocolo em anexo e conforme descrito no quadro 4 de forma presencial ou online quando não foi possível encontrar pessoalmente o entrevistado devido a distância. Mediante autorização, as entrevistas foram gravadas e na sequência transcritas, para que pudessem ser analisadas. De acordo com Gibbs (2009) a transcrição é uma etapa que exige atenção, de forma que o pesquisador não interfira no sentido de alterar a fala do entrevistado. Assim, para evitar interpretações inadequadas, a transcrição foi realizada na íntegra. É importante ressaltar, que todos os entrevistados assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido conforme Anexo C deste projeto de pesquisa e que os nomes não foram citados para garantir a anonimização. A escolha dos entrevistados foi no sentido de contemplar iniciativas com e sem fins lucrativos, que fossem inerentes a economia compartilhada e a disposição para conceder entrevista. Para isso, considerou-se indicações. Todos os entrevistados são atores protagonistas da economia compartilhada, atuando como gestores da plataforma ou usuário, de alguma forma se beneficiando da economia compartilhada. Assim, atendendo aos requisitos mencionados as entrevistas foram realizadas com as iniciativas:

- Plataforma AtraiA: plataforma que conecta usuários que desejam doar produtos à usuário que desejam receber gratuitamente aquele produto. Podem ser doados produtos ou serviços. Disponível em www.atraia.com a plataforma monetiza através de apoiadores e os usuários não possuem fins lucrativos.

- Garupa: é um aplicativo de mobilidade urbana que realiza a conexão entre passageiros e motoristas. O Garupa está presente desde maio de 2017 na cidade de Santa Maria/RS e, hoje, atua em mais de 500 municípios em 5 estados do Brasil.

- Banco de Tempo, Airbnb e Blablacar já mencionados no item 3.3.2 – Netnografia.

Quadro 4 - Lista de entrevistas realizadas

Iniciativa	Entrevistado	Data	Duração
Plataforma AtraiA	Fundador e gestor da plataforma	23/11/2018	00:41:22
	Usuária da plataforma	01/02/2019	00:25:03
Banco de Tempo Porto Alegre	Fundador e gestor da iniciativa	10/12/2018	00:24:48
	Participante da iniciativa	31/01/2019	00:15:56
Garupa	Fundador e gestor da plataforma	18/01/2019	01:16:33
Airbnb	Usuária da plataforma (anfitriã e hóspede)	28/01/2019	00:14:51
Blablacar	Usuário da plataforma	28/01/2019	00:12:11
Dinneer	Fundador e gestor da plataforma	30/01/2019	00:24:53

Fonte: Elaborado pela autora (2019)

3.4 ANÁLISE DOS DADOS

A partir do *framework* conceitual de análise das narrativas de mudanças estabelecido por Wittmayer et al. (2015) foi elaborada uma planilha (quadro 5) para a análise de cada fonte de dado. Cada coluna da planilha representa uma etapa de análise propostas no *framework*, seguido de informações extras como imagens, o que é promovido/marginalizado como sugerido com base na revisão de literatura.

A partir da leitura das narrativas, executou-se uma etapa descritiva de identificação dos documentos analisados (título/iniciativa, narrador, ano e local/site) e na sequência as colunas foram preenchidas com as evidências e interpretações da autora seguindo as questões propostas pelo *framework* de análise. Essa análise, conforme desenho de pesquisa ocorreu em três etapas principais. A etapa 1 identificou o conteúdo das narrativas de mudanças, contemplando o contexto, a identificação e o papel dos atores e o enredo. Na etapa 2 identificou-se o papel das narrativas e com base na identificação do contexto e papel das narrativas, foi possível

identificar as macro-narrativas dentro da etapa de produção das narrativas, etapa 3 de análise. As macro-narrativas de acordo com Czarniawska (2000) são as narrativas mais frequentes, usuais que apresentam um determinado padrão ou regularidade. Como apoio à interpretação das macro-narrativas foi utilizado como evidências imagens conforme base teórica utilizada neste estudo. Esta rotina analítica foi executada para análise documental, netnografia, anotações de campo provenientes da observação participante e transcrição das entrevistas. Os resultados foram evidenciados de acordo com a técnica de coleta, iniciando pela análise documental, seguida pela netnografia, observação participante e finalizado com as entrevistas conforme método proposto. É importante ressaltar, que ao longo de toda a análise ocorreu a interação entre as diferentes técnicas de coleta. De posse das macro-narrativas identificadas realizou-se a apresentação dos resultados e discussão presente a seguir.

Quadro 5 - Tabela utilizada para análise.

TÍTULO/ INICIATIVA	NARRADOR	ANO	LOCAL/ SITE	CONTEÚDO DAS NARRATIVAS			PAPEL DAS NARRATIVAS	PRODUÇÃO DAS NARRATIVAS	IMAGENS
				<p>Contexto Por quê? (Quando?) (Onde?)</p> <p><i>Como foi construído o contexto na narrativa de mudança em estudo?</i></p> <p>- Quais os problemas passados e atuais e desafios sociais estão enquadrados nas narrativas de mudanças?</p> <p>- Qual o futuro desejado ou objetivo descrito?</p>	<p>Atores Quem? <i>Como os atores são construídos nas narrativas de mudanças em estudo?</i></p> <p>- Quem são os atores individuais, organizacionais e setoriais que dirigem e / ou dificultam a mudança?</p> <p>- Qual o papel destes atores?</p>	<p>Enredo Como? <i>Como o processo de mudança social ocorre na narrativa de mudanças em estudo?</i></p> <p>- Que eventos, experiências ou atividades levam ao futuro desejado e em que sequência?</p> <p>- Que atividades da iniciativa e outros atores estão dirigindo e / ou dificultando a mudança?</p>	<p><i>Como é percebido o papel das narrativas em geral e especificamente nos processos de mudança social?</i></p> <p>- Qual o papel que os atores da inovação social atribuem à narrativa que compartilham e as narrativas dos outros?</p>	<p><i>Como foram/são as narrativas de mudanças em estudo?</i></p> <p>- Que tipo de ideias, conceitos, metáforas são incluídos ou aludidos na narrativa? (O conceito de "inovação social" é explicitamente usado?)</p> <p>Quais auxílios visuais são usados para apoiar ideias, conceitos ou metáforas usados?</p> <p>Quão centrais são as práticas narrativas para as atividades de inovação social?</p>	

Fonte: Elaborado pela autora (2018)

4 RESULTADOS

Seguindo o *framework* de análise, em um primeiro momento apresentamos o conteúdo das narrativas de mudanças descrevendo o contexto (por que a mudança é considerada necessária?), os atores (quem são os atores que estão dirigindo ou obstruindo a mudança?) e o enredo (como esta mudança ocorre?). Na sequência, apresentamos o papel destas narrativas e as macro-narrativas produzidas. Por fim apresentamos uma discussão referente as macro-narrativas identificadas.

4.1 CONTEÚDO DAS NARRATIVAS DE MUDANÇAS: CONTEXTO, ATORES E ENREDO

A economia compartilhada é uma realidade dada e o esforço das análises apresentadas nos *reports* é compreender o processo de mudança que ela traz. A partir do crescimento e desenvolvimento da economia compartilhada busca-se a compreensão deste mercado emergente, seu impacto, motivadores e formas de regulamentação. É perceptível que a mudança se dá a partir de um movimento da sociedade em resposta à crise econômica de 2008. A internet, aliada ao acesso a smartphone possui papel fundamental no desenvolvimento da economia compartilhada:

A internet tem sido um poderoso impulsionador da colaboração por dois motivos. Em primeiro lugar, permite que as pessoas se comuniquem de maneira peer-to-peer (de fato, essa é uma característica definidora da internet). Em segundo lugar, permite que as pessoas se comuniquem enquanto fazem transações (STOKES et al., 2014) (pg 10).

Os reports foram elaborados como a formalização de análises executadas por diferentes atores na tentativa de compreensão da mudança de mercado vigente, uma possível ameaça a economia tradicional e os possíveis impactos na sociedade, economia e meio ambiente. Um dos desafios constatados e discutidos referem-se as questões regulatórias envolvendo a economia compartilhada e impacto na indústria tradicional.

A Câmara de Comércio de Ontário (OCC), em parceria com a PwC Canada e a CGI, convocou um fórum de primeira qualidade em 28 de maio de 2015, em Toronto, *The Sharing Economy: Implications for Ontario*. O fórum reuniu tomadores de decisão do governo, empresas de economia compartilhada e especialistas de ponta no campo para discutir como abordar os desafios regulatórios da economia compartilhada (HOLMES; MCGUINTY, 2015) (pg 2).

Nos dias 16 e 17 de maio de 2016, a Universidade de Minnesota sediou o Simpósio sobre Economia Compartilhada para explorar a tendência emergente de uso compartilhado e consumo por meio de plataformas on-line *peer-to-peer*. As consequências dessa tendência para o setor de transporte são muitas, afetando potencialmente tudo, desde a propriedade de carros até o congestionamento de estradas, investimentos em infraestrutura e transporte público (THILMANY, 2016) (pg 2).

Este documento representa um instantâneo da análise inicial relacionada ao impacto da economia compartilhada na China. Começa a explorar as implicações de novos modelos de consumo na economia, na sociedade e no meio ambiente (GAWEL; MACHUR; PENNINGTON, 2016) (pg 3).

Os estudos realizados não têm uma periodicidade sistemática de publicação, e portanto foram uma ação específica de compreensão do fenômeno para entender e definir ações diante das alterações de cenário. O que denota a preocupação em compreender este fenômeno emergente.

Em todo o mundo, uma nova onda de empresas *peer-to-peer* e baseadas em acesso está abalando as categorias estabelecidas. Decidimos explorar como o ethos de compartilhamento deixará sua marca no mercado mais amplo - e entender o que os incumbentes e os concorrentes devem fazer para se posicionar à frente da ruptura e capitalizar novas fontes de receita (PWC, 2015) (pg 4).

Esta mudança envolveu atores protagonistas e beneficiários deste processo que atuam como *prosumers*¹, ou seja, atuando como consumidores e como fornecedores ao mesmo tempo, e a plataforma tecnológica, ator não-humano que faz

¹ *Prosumers* é um termo que incorpora as palavras provedor (fornecedor) e consumidor, definindo a aproximação entre consumidores e fornecedores (PALOS-SANCHEZ; CORREIA, 2018).

a intermediação entre os pares através da internet. A plataforma, além de protagonista da mudança, pode ser entendida como um apoiador aos *prosumers*, uma vez que faz a transição ocorrer e funciona como uma “central de suporte” aos indivíduos que participam (tanto como usuário como fornecedor). Em sua maioria, os reports são narrados por empresas e instituições ligadas a setores (por exemplo: câmara do comércio, instituto de segurança), órgãos governamentais, empresas de consultoria, institutos de pesquisa e especialistas que da mesma forma são atores do processo de mudança ao buscar compreender a economia compartilhada, mesmo não sendo os protagonistas deste processo. Empresas ou instituições ligadas a economia tradicional buscam caminhos para se posicionar frente ao crescimento da economia compartilhada, seja concorrendo ou se repaginando. O governo possui papel neste processo ao tentar compreender este mercado para traçar caminhos de regulamentação e é perceptível que o governo pode ser um aliado ou não da economia compartilhada, dependendo se estabelecer ações para apoiar ou burocratizar o seu crescimento:

O governo do Ontário está começando a dar uma boa olhada em como deve abordar a economia compartilhada, como evidência do Orçamento de Ontário de 2015, que reconhece a importância de um marco regulatório e tributário que permita que a inovação prospere. O Orçamento orienta o governo provincial a trabalhar com empresas e indústrias de economia compartilhada para ajudá-las a cumprir as obrigações existentes e garantir que essas obrigações reflitam uma economia em mudança (HOLMES; MCGUINTY, 2015).

Muitos participantes do Workshop descreveram como a atividade empreendedora na economia compartilhada geralmente aumenta a concorrência e o bem-estar do consumidor, permitindo a entrada de novas fontes de suprimento. (RAMIREZ; OHLHAUSEN; MCSWEENEY, 2016) (pg 18)

A ameaça vem do potencial de interrupção. O momento em que a nova concorrência virá na indústria de seguros canadense é desconhecido, mas a experiência de outras indústrias mostra que a mudança pode ocorrer rapidamente e atrapalhar os provedores estabelecidos. A expansão da economia de compartilhamento provavelmente desafiará a reputação do setor de seguros, incluindo críticas a práticas e comportamentos tradicionais de seguro. (KOVACS, 2017) (pg 3).

Os *reports* se referem principalmente ao Uber e Airbnb como objeto de análise. Estas empresas são citadas na literatura como os *players* de maior taxa de valorização do mercado e por isso despertaram a curiosidade para a execução de estudos dentro dos segmentos, mobilidade e hospedagem, respectivamente. Essas empresas são pioneiras na economia compartilhada no mundo e por serem com fins lucrativos passaram a ser vistas como concorrentes aos negócios vinculados a economia tradicional e geraram polêmicas referente as relações de emprego, legalidade das atividades e possível impacto tributário.

“Nos últimos anos, a inovação disruptiva por plataformas peer-to-peer, como Uber, Lyft e Airbnb, vem alterando a paisagem de setores como transporte para locação e hospedagem de curta duração. Essas plataformas, coletivamente apelidadas de “economia compartilhada” por muitos observadores, estabelecem mercados que possibilitam transações entre inúmeros fornecedores (que freqüentemente são indivíduos ou pequenas entidades) e consumidores. Essas plataformas, e as partes envolvidas nelas, estão aproveitando a ampla adoção da tecnologia de internet e smartphone e redefinindo significativamente a forma como os produtos e serviços são fornecidos.” (RAMIREZ; OHLHAUSEN; MCSWEENEY, 2016) (pg 5)

É interessante perceber que os relatórios descrevem um futuro para a economia compartilhada, que pode gerar benefícios ou impactos negativos para a sociedade. Estes benefícios giram em torno da forma de consumo de acesso promovido pela economia compartilhada, gerando receitas aos usuários, melhor uso de recursos ociosos e opção de atuação econômica como microempreendedor e os impactos negativos são discutidos em torno das relações de emprego e falta de pagamento de impostos pelas empresas e usuários.

Mais amplamente, o rápido crescimento e a natureza fluida da Economia Compartilhada traz consigo complexidades tributárias, obscurecendo a distinção entre emprego e trabalho autônomo, e criando novos "setores" de emprego dentro dos quais a renda pode ser difícil de categorizar (RAHIM et al., 2017) (pg 11).

(Objetivo do report...) para discutir a tecnologia que está impulsionando a transição para a economia compartilhada e o efeito que isso provavelmente terá na sociedade (GAWEL; MACHUR; PENNINGTON, 2016) (pg 3).

...vários drivers diferentes podem ser amplamente identificados, embora não sejam mutuamente exclusivos. Esses fatores são: Criar valor a partir de ativos ociosos; Reconstrução do capital social; Criar novas relações econômicas; Sustentabilidade ambiental (STOKES et al., 2014) (pg 17).

Os benefícios da economia compartilhada são profundos: Uso mais sustentável de recursos ociosos ou subutilizados; Opções de emprego flexíveis; Mecanismos autorreguladores de baixo para cima; Menores despesas gerais que levam a preços mais baixos para os consumidores; Produtos mais adaptados e personalizados para usuários. (KOVACS, 2017) (pg 3)

Referente a análise netnográfica e entrevistas, em que o foco de verificação foram diretamente as iniciativas da economia compartilhada, percebemos que o conteúdo das narrativas é diferente em relação ao apresentado pela análise documental. Quanto ao contexto, observa-se que as plataformas com fins lucrativos analisadas (Airbnb, Blablacar, Dinneer e Garupa) surgiram a partir da identificação de uma oportunidade de negócio e não em função da crise econômica. O Airbnb, surgiu em 2008 em São Francisco na Califórnia, a partir da oportunidade de ganhos financeiros de seus fundadores aliado a necessidade de hospedagem diante de hotéis lotados em períodos de grandes eventos na cidade em que moravam. Ou seja, em função de grandes eventos, os hotéis lotam e por isso os quartos ociosos nas residências passaram a ser uma alternativa de hospedagem e renda para os anfitriões. O Blablacar, surgiu em 2006 na França em um contexto de dificuldade de transporte público eficiente para trajetos de longa distância em direção a localidades do interior ou fora dos grandes centros. Essas empresas foram pioneiras, no que se tornaria um *boom* econômico conforme citado pelos reports. Ou seja, essas empresas ao buscar a solução dos problemas identificados, vislumbraram na economia compartilhada a solução, como uma estratégia de conectar os *prosumers* e assim, atingindo uma necessidade direta dos consumidores. Portanto, estas empresas são contribuintes para o contexto da realidade vigente da economia compartilhada. Já a plataforma **Dinneer** surgiu mais tarde, em 2015 no Brasil, também a partir da

oportunidade identificada diretamente no mercado e redes sociais. O fundador percebeu a oportunidade a partir do hábito das pessoas em postar as suas refeições nas redes sociais, e assim, propôs uma plataforma com foco em proporcionar experiências gastronômicas aos seus usuários. Assim, neste caso, já em um contexto crescente da economia compartilhada, a solução para a conexão dos pares já era mais evidente ao emergir na realidade da economia compartilhada já estabelecida.

O Dinneer é um marketplace igual qualquer outro, igual o Olx, igual o Mercado Livre, igual... é... o... Airbnb, então assim a gente não realiza nenhuma experiência, a gente não cozinha, não faz nenhum jantar, quem faz são os usuários (ENTREVISTA – FUNDADOR E GESTOR DINNEER, 2019).

A plataforma Garupa é um aplicativo de mobilidade urbana que chegou ao mercado em março de 2017 a partir de uma oportunidade de negócio identificada pelo CEO da empresa. Surgiu em um contexto onde já existiam outros aplicativos de transporte (Uber, por exemplo) por isso buscaram um diferencial no mercado oferecendo serviços diferentes de outros aplicativos como Garupa Kids, Garupa Pet, Garupa Objeto, Garupa Executivo e Kids Executivo. De acordo com entrevista realizada com o diretor de novos negócios, desde o lançamento a empresa cresceu cerca de 700%. O Garupa está presente desde maio de 2017 na cidade de Santa Maria/RS e, hoje, atua em mais de 500 municípios em 5 estados do Brasil.

A gente colocou coisa que os outros não tinham. Foi fazendo o diferencial. Um aplicativo diferenciado... Hoje qualquer empresa que vem do mercado corporativo, tu crescer 5%, 6%, 10% ao ano numa empresa é uma né. Então isso é uma característica da startup. Esse crescimento exponencial, né? Cresci 700%, 800%. Nós tínhamos 09 funcionários em janeiro (2018). Hoje nós temos 55 (janeiro 2019) (ENTREVISTA – FUNDADOR E GESTOR GARUPA, 2019).

Analisando as iniciativas sem fins lucrativos, identificamos um contexto diferente das iniciativas com fins lucrativos. O portal AtraiA consiste em uma plataforma de doações de produtos ou serviços. Qualquer pessoa que deseja doar algum objeto ou serviço pode realizar um anúncio na plataforma. Para os usuários não há fins lucrativos, já a plataforma e administradores se mantêm através do patrocínio de empresas parceiras. De acordo com o gestor e fundador da plataforma em

entrevista concedida, os patrocínios consistem no aporte de pequenos valores, apenas para o custeamento da plataforma e do administrador:

“Como é que a gente vai monetizar? Daí eu pensei: bom, vamos, de repente, explorar colocando marcas de empresas, né? Daí eu criei ali um menu de parceiros, né, e ali colocar a marca de cobrar um valor "x" e sei lá, a marca ficar ali por um ano e tal. E a minha ideia era, sabe, colocar centenas... Centenas e centenas. Meus familiares sempre falam, vamos fazer um valor simbólico. A gente colocou, dá duzentos reais e aí várias toparam e tal.” (ENTREVISTA – FUNDADOR E GESTOR PORTAL ATRAIA, 2018).

Inicialmente a plataforma surgiu como uma potencial fonte de renda para o administrador, mais tarde a partir do relacionamento com a Zona de Inovação Sustentável de Porto Alegre (ZISPOA) que visa tornar o Estado do Rio Grande do Sul o lugar mais sustentável e inovador da América Latina até 2030, foi possível compreender melhor os conceitos de sustentabilidade e assim, adaptar o propósito do negócio. Hoje a ideia é engajar-se ainda mais em ações de sustentabilidade e utilizar a plataforma como um caminho para a colaboração:

“Aquilo ali (projetos de sustentabilidade) me encheu os olhos, sabe? Que eu comecei a ver um... Sei lá. E além do meu... De a minha plataforma virtual poder colaborar com uma das iniciativas, entendeu?” (ENTREVISTA – FUNDADOR E GESTOR PORTAL ATRAIA, 2018).

O Banco de Tempo, é uma iniciativa mais antiga. Nos Estados Unidos foi fundado em 1995², chegando a Porto Alegre em 2017. O Banco de Tempo é uma iniciativa sem fins lucrativos que tem por objetivo conectar pessoas que queiram se relacionar e trocar serviços. Anterior ao *boom* da economia compartilhada, possui como filosofia o estímulo a colaboração entre a comunidade local. A tecnologia veio como uma ferramenta para facilitar e impulsionar a conexão entre os participantes e disseminação da filosofia pelo mundo. Nesta iniciativa, a moeda de troca passa a ser o tempo, e não dinheiro. Assim, a habilidade das pessoas é transformada em horas, sendo estas habilidades trocadas entre os participantes. Através da entrevista

² De acordo com o site no Banco de Tempo dos Estados Unidos - <https://timebanks.org/> acesso em 09/02/2019.

realizada com um dos fundadores do Banco de Tempo de Porto Alegre a atividade no Brasil adquire características regionais e o controle das horas é bastante manual no caso de Porto Alegre, diferente de outras localidades, como Portugal, em que a estrutura de controle existe há mais tempo e é mais rigorosa e formal:

...aqui no Brasil ele tem um formato um pouquinho diferente dado as especificidades das regiões que ele foi se desenvolvendo e a gente é bem menos rigoroso assim, tem um aspecto bem menos informal. Apesar de ter uma plataforma que se dá através do *facebook* atualmente para que as pessoas possam congregam, as pessoas possam fazer parte do grupo e a gente administra dados dos usuários a partir de planilhas do Google. (ENTREVISTA – FUNDADOR E GESTOR BANCO DE TEMPO, 2018).

É possível evidenciar que o Banco de Tempo trata-se essencialmente de uma alternativa ao modelo econômico tradicional:

...na verdade sempre existiram formas diferentes das pessoas se relacionarem economicamente e a gente tem de duzentos anos pra cá uma forma que se colocou como, enfim... como um monopólio na economia, monetarista e que as pessoas antes de terem oportunidades de se descobrirem no mundo e descobrirem o mundo, fazerem sentido, darem sentido pro mundo já tão postas pra elas como a forma que existe, sempre existiu e sempre vai existir das pessoas se relacionarem economicamente (ENTREVISTA – FUNDADOR E GESTOR BANCO DE TEMPO, 2018).

A partir da análise netnográfica do site da organização de fomento a economia compartilhada Ouishare (fundação em 2012), identificamos que o contexto da narrativa é apresentado com o propósito de “transformar o mundo através do compartilhamento” usando a tecnologia como ferramenta para conectar os pares. A instituição promove atividades para estimular e fomentar o compartilhamento e assessorias a iniciativas que desejam se desenvolver com este propósito. São bastante conhecidos pela experiência em organização de eventos para fomentar o compartilhamento e conectar pessoas com o mesmo propósito, a iniciativa possui atuação em todo o mundo, através da promoção de eventos de locais.

Em relação aos atores, verifica-se de forma geral diretamente nas iniciativas (Airbnb, Blablacar, Dinneer, Banco de Tempo e Garupa) sendo as pessoas atuando como *prosumers* e a plataforma (ator não humano) executando a intermediação. No Banco de Tempo de Porto Alegre, por ainda ser um processo de controle bastante manual, é possível destacar os administradores da plataforma como importantes atores, pois são os responsáveis diretos em gerenciar as horas do banco de forma manual. No caso da organização de fomento Ouishare, é composta por pessoas que desejam fomentar o contexto de transformação da economia compartilhada, sendo composta por *freelancers*, empreendedores e líderes de pensamento que são os atores que atuam diretamente na mudança e através dos eventos fazem a intermediação entre pessoas interessadas na temática economia compartilhada. A plataforma AtraiA, de acordo com o administrador da empresa os usuários consistem em pessoas que desejam fazer o bem para a comunidade em que estão inseridas:

Eu acho que eles veem uma visão mais altruísta, entendeu? Mais do que da questão da sustentabilidade (ENTREVISTA – FUNDADOR E GESTOR PORTAL ATRAIA, 2018).

No caso específico da plataforma Garupa, além dos *prosumers* existe o papel do ator chamado de sócio operador, ele é o gestor da plataforma em cada região. E tem por objetivo se o contato da plataforma com o *prosumers*. Esta ação faz parte do marketing da plataforma, gerando uma aproximação do *prosumers* com a plataforma. Além disso, os sócios operadores atuam como representantes da plataforma no caso de discussões com o governo local. Ou seja, são as pessoas que negociam com o governo em caso de burocracias aplicadas.

Ele faz mídia e relacionamento local. Ele é que trata do setor público, da imprensa, com cliente da região, com o motorista da região. Ele faz essa linha de frente. Ele é como um departamento de comunicação na cidade. Né? Essa é a parte dele. Ele tem que promover, divulgar, se relacionar com o motorista. Ele tem que fazer uma reunião por mês com motorista. Ele tem que conseguir benefícios pro, pro cliente. Deu problema na lei, é ele que vai negociar com a câmara municipal. Ele faz minha comunicação em cada município. Ele cria um relacionamento local (ENTREVISTA – FUNDADOR E GESTOR GARUPA, 2019).

O governo, diferente da narrativa dos reports, não aparece claramente como ator na netnografia e nas entrevistas. Apenas na entrevista realizada com o diretor da plataforma Garupa, o governo foi citado como burocrata do desenvolvimento das atividades, o que justifica uma das atuações do sócio operador. Isso seria justificado pois o segmento de mobilidade urbana, principalmente a partir da entrada do Uber, tem gerado discussões nos governos locais em função de um potencial impacto na tradicional indústria dos táxis.

E espero que o governo não atrapalhe, né? Eu espero que o governo não atrapalhe (o desenvolvimento da economia compartilhada) ... tu enfrenta alguns cartéis do interior. Eu tenho cidades aí turísticas em que quase 50% da frota é de dois, três vereados e eles fazem a lei. Eles fazem de tudo para te incomodar, entendeu? Então prejudicando toda a sociedade e tal (ENTREVISTA – FUNDADOR E GESTOR GARUPA, 2019).

O fundador da plataforma Dinneer destaca algumas características dos *prosumers*, que são chamados de anfitriões - a pessoa que prepara a refeição e recebe em sua casa, e visitante a(s) pessoa(s) que vão até a casa do anfitrião:

...os anfitriões tem como característica duas características principais: eles amam cozinhar e são hospitaleiros. Então todos os anfitriões tem essas duas características aí que são... não é que são obrigatórios, a gente não exige isso, mas só entra no site para colocar uma experiência à venda quem sabe cozinhar e quem gosta. E quem é hospitaleiro, porque você vai abrir sua casa para pessoas que você não conhece, então tem essas características aí. Já do outro lado são os visitantes que você perguntou, sobre os atores, então é o anfitrião, esse que eu falei, e agora são os visitantes, que são moradores locais e turistas que querem vivenciar uma experiência gastronômica diferente de um restaurante. ... o Dinner é só a plataforma, nós somos a tecnologia e eles usam a tecnologia para facilitar o contato e o pagamento entre eles (ENTREVISTA – FUNDADOR E GESTOR DINNEER, 2019).

A rede OuiShare, organiza anualmente três festivais internacionais com foco em Economia Colaborativa e seus desdobramentos. O Colaboramerica é a versão que ocorre no Brasil, e se intitula um festival de novas economias da América Latina. Ao realizar observação participante, foi possível perceber um contexto de transformação para de alguma forma gerar impacto positivo no mundo, considerando que o mundo

está enfrentando diversas mudanças estruturais. O tema desta 3ª edição, ocorrida em novembro de 2018, foi “Olhar para o todo”, e teve como objetivo principal “contribuir para a diminuição da desigualdade, valorizando a diversidade e cuidando do meio-ambiente” (Release divulgação evento, 2018). O evento foi estruturado a partir de quatro grandes pilares: cultura, tecnologia, economia e autoconhecimento. De acordo com a organização do evento o pilar de economia, foi estruturado pensando nas novas economias – circular, colaborativa, criativa, solidária, para o bem comum – buscando entender como estas novas economias se conectam, geram valor, movimentam recursos e geram emprego. O pilar de tecnologia tratou de inovação tecnológica, geração e tratamento de dados, e recursos digitais. O pilar da cultura, partiu do princípio que “transacionar uma sociedade passa por uma transformação cultural” (pg 11; (COLABORAMERICA, 2018)), assim teve a participação de curadores de museus e organizadores de festivais, exposições e expressões artísticas. O pilar de autoconhecimento foram atividades para desenvolver e pensar no físico, emocional e espiritual. Ainda, a programação foi classificada em jornadas, que transmitiam o grande tema em discussão. As jornadas levaram o nome iguais aos pilares, e ainda mais duas: a jornada de sustentabilidade foram atividades em que o foco foi discutir a ideia do “extrair, produzir, consumir, utilizar e jogar fora” (pg 17; (COLABORAMERICA, 2018)). E a jornada da colaboração em que o poder do coletivo, união de recursos e esforços e empatia. E por fim, a jornada de desigualdade, com o objetivo de repensar as formas de distribuição da riqueza e criação de sistemas que não perpetuem as desigualdades estruturais. Ao todo foram dois dias com mais de 130 horas de conteúdo dividido entre palestras, workshops, exposições, oficinas, etc.

Por fim, referente aos atores, podemos classifica-los em quatro grandes grupos: 1) Empresas vinculadas a economia tradicional demonstrando ações em prol da sustentabilidade e impacto positivo (Ex. Coca-Cola e Instituto C&A) e empresas da economia tradicional interessadas e apoiantes da certificação no Sistema B³ que apareceu fortemente como incentivo às empresas para geração de impacto positivo. Essas ações se devem a uma crescente mudança de comportamento do consumidor, portanto são ações estabelecidas para atender a esta mudança, e não por iniciativa das empresas. 2) Inovadores sociais, pessoas engajadas em movimentos e projetos

³ Trata-se de um reconhecimento a empresas que enxergam o sucesso não apenas no lucro, mas também a preocupação com o social e ambiental. Fonte: divulgação site Sistema B - <https://sistemab.org/brasil/>

sociais que apresentaram projetos e depoimentos de ações sociais no sentido de inspirar pessoas na transformação. 3) Empresas da economia compartilhada com foco em arrecadar fundos para projetos ou soluções em prol do social (Ex.: Benfeitoria e Compartilhar). 4) Curiosos e pessoas sensibilizadas com a importância da inovação social.

Quanto ao enredo, observa-se que o que colabora com o processo de mudança é a percepção dos benefícios da economia compartilhada pela sociedade. Seja este benefício financeiro no caso das plataformas com fins lucrativos ou de propósito como no caso das plataformas sem fins lucrativos.

Mas então assim, não é só uma forma de resgatar isso, resgatar as outras formas que já existiam da gente se relacionar economicamente, não uma das formas não clássicas que permeiam sempre assim sobre as conversas sobre Banco de Tempo é que assim, é que o próprio Banco de Tempo em si no Brasil, o formato que ele tem aqui no Brasil ele é transitório. É uma forma das pessoas lembrarem e exercitarem outras formas de se relacionar economicamente, mas vai chegar um momento em que elas não vão precisar de alguém ou de algo, ou de uma estrutura externa para que aconteçam essas relações elas vão se dar de forma fluida, automática, natural, vão se compondo através dos encontros e através dos sentidos que as pessoas constroem juntas, né sobre essas novas ou velhas formas de se relacionar economicamente (ENTREVISTA – FUNDADOR E GESTOR BANCO DE TEMPO, 2018).

Eu tenho motorista aí que tira limpo, por semana, R\$ 2.500, 00 a R\$ 2.800 (ENTREVISTA – FUNDADOR E GESTOR GARUPA, 2019).

Para passarmos de uma situação atual e chegarmos a um momento futuro discute-se as ações governamentais em não burocratizar o crescimento da economia compartilhada e permitir o acesso da sociedade. São desafios e ainda é questionável as possíveis exploração de trabalhadores pelas iniciativas com fins lucrativos, bem como a legalidade destas atividades. Percebe-se que as iniciativas com fins lucrativos fazem uso do marketing estratégico da economia tradicional ao estimular a sociedade na adesão da economia compartilhadas. E as iniciativas sem fins lucrativos entendem ser necessário uma mudança de propósito e cultura da sociedade em se desvincular da economia tradicional e se relacionar de forma mais humana e menos monetária.

A (economia) recorrente, eu tenho muito é com o cliente. Eu tenho que criar maneiras dele ser purificado, usando, né, solicitando serviço, demandando serviço e eu criando um produto que ele vive um, um... movimento a economia recorrente (ENTREVISTA – FUNDADOR E GESTOR GARUPA, 2019).

O meu cliente, ele pode trocar os quilômetros e o que ele gasta por pontos e aí ele ganha desconto em supermercado, ele ganha desconto em farmácia. Entendeu? Então essa parte recorrente. A parte compartilhada, eu tenho muito é com o motorista. Ele tem um negócio, um carro que ele compartilha comigo e nos dois ganhamos dinheiro com sistema dela. Com o carro dele, né. Eu tenho compartilhada com posto de combustível. Ele entrou com o benefício e o motorista desconta e a gente compartilha espaço, a gente compartilha mídia, a gente compartilha, é, várias coisas a gente compartilha. Então, essa... e eu tenho também outro que entra compartilhada. Eu tenho o socio operador. Eu sou diferente dos outros a aplicativos. Em casa cidade onde eu pego, eu tenho um socio operador (ENTREVISTA – FUNDADOR E GESTOR GARUPA, 2019).

Mas então assim, hã é só uma forma de resgatar isso, resgatar as outras formas que já existiam da gente se relacionar economicamente, hã uma das falas hã clássicas que permeiam sempre assim sobre as conversas sobre Banco de Tempo é que assim, é que o próprio Banco de Tempo em si no Brasil, o formato que ele tem aqui no Brasil ele é transitório. É uma forma das pessoas relembrem e exercitem outras formas de se relacionar economicamente, mas vai chegar um momento em que elas não vão precisar de alguém ou de algo, ou de uma estrutura externa para que aconteçam essas relações elas vão se dar de forma fluída, automática, natural, vão se compondo através dos encontros e através dos sentidos que as pessoas constroem juntas, né sobre essas novas ou velhas formas de se relacionar economicamente (ENTREVISTA – FUNDADOR E GESTOR BANCO DE TEMPO, 2018).

O quadro 6 apresenta a consolidação dos resultados a partir da análise de contexto, atores e enredo para as diferentes fontes de coleta de dados.

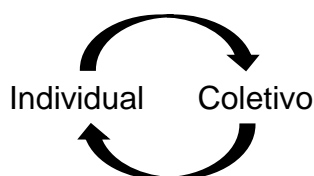
Quadro 6 - Consolidação dos resultados (contexto, atores e enredo).

	Reports	Netnografia + Entrevistas + Observação Participante
Contexto	<ul style="list-style-type: none"> - Necessidade de compreensão da realidade dada; - Resposta a crise econômica de 2008; - Análise: ameaça vs oportunidade para as empresas tradicionais. 	<ul style="list-style-type: none"> - Iniciativas com fins lucrativos: Oportunidade de negócios diante de uma realidade dada; - Iniciativas sem fins lucrativos: Alternativa a economia tradicional.
Atores	<ul style="list-style-type: none"> - Cidadãos que atuam como empreendedores e fornecedores (<i>Prosumers</i>). Possuem um papel de protagonistas e beneficiários; - Ator não-humano: plataforma - Empresas da economia compartilhada (protagonista, apoiador e beneficiário); - Empresas da economia tradicional e governo que buscam a compreensão para definir ações. - Órgãos setoriais e empresas de consultoria: narradores e expectadores 	<ul style="list-style-type: none"> - Cidadãos que atuam como empreendedores e fornecedores (<i>Prosumers</i>). Possuem um papel de protagonistas e beneficiários; - Ator não humano: plataforma - Empresas da economia compartilhada (protagonista, apoiador e beneficiário); - Sócio-operador (Específico Garupa): gestor e negociador local; - Governo: burocrata; - Empreendedores, líderes e entidades: apoiadores
Enredo	<ul style="list-style-type: none"> - Caminho: Construção de um ambiente menos burocrático como maior conveniência aos principais atores. - Desafios: relações de empregos e legalidade das atividades. 	<p>Com fins lucrativos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Desafio: o governo para desburocratização; - Estimulo à sociedade para pressionar o governo através de <i>marketing</i> da economia tradicional; <p>Sem fins lucrativos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Estimulo a mudança de mentalidade da sociedade para estabelecer uma cultura com foco no propósito e relações humanas.

Fonte: Elaborado pela autora (2019)

4.2 O PAPEL DAS NARRATIVAS DE MUDANÇA

As narrativas de mudanças estudadas são utilizadas como um recurso de empoderamento individual para o coletivo, e vice-versa.



Ou seja, a partir da identificação dos benefícios individuais o coletivo passa a ter força. E ao coletivo compreender os benefícios, a economia compartilhada passa a ser uma necessidade da sociedade. Este papel fica evidente, através da aceitação

da sociedade referente a economia compartilhada e no próprio crescimento desta nova economia. Ao analisar o fenômeno evidencia-se que as narrativas buscam o empoderamento através da força do coletivo e colaboração independente das características de cada iniciativa, que serão discutidos mais adiante.

A economia compartilhada aumentou as oportunidades de emprego na Índia. (...) O surgimento da economia compartilhada tornou o caminho para o trabalho por conta própria mais fácil e mais pessoas estão transformando empreendedores. Isso se traduz em maior renda para as partes interessadas na economia compartilhada (BISWAS; PAHWA; SHETH, 2015) (pg. 16).

...quando tu começa a realizar as trocas, tu começa a sentir na prática como aquilo traz benefícios, que são benefícios compartilhados é e são outras formas da gente se relacionar, pra além das que são postas (ENTREVISTA – FUNDADOR E GESTOR BANCO DE TEMPO, 2018).

Teoricamente, isso poderia trazer ganhos econômicos adicionais ao espalhar os gastos turísticos e hospedar a renda em áreas que normalmente não recebem grande número de turistas, impulsionando a economia local (GAWEL; MACHUR; PENNINGTON, 2016).

Então nosso público é mulheres jovens. Por que? Hoje o jovem não tem mais o compromisso de ter casa, ter carro. Ele quer muito mais investir nele mesmo. A mulher tem a segurança hoje. Ela pode sair com as amigas e pegar um aplicativo. Não depende mais de pai, de marido. Nem dela estar disposta. Também com balada segura, essas coisas. Então as pessoas estão demandando mais isso. E o transporte coletivo da cidade é muito ruim, né? Então, abriu esse espaço para essa economia do mercado, esse negócio mercado (ENTREVISTA – FUNDADOR E GESTOR GARUPA, 2019).

Então eu acho que é um efeito dominó assim de escolhas que as pessoas vão começar a ter na vida e de consciência sobre si, sobre os seus próprios consumos né. (ENTREVISTA – USUÁRIA PORTAL ATRAIA, 2019).

As narrativas, desencadeiam a imaginação, ao promover os benefícios da economia compartilhada. Diferentes benefícios foram identificados, que ficaram evidentes de acordo com o tipo de iniciativa e que são discutidos nas macro-narrativas identificadas. Os benefícios variam de oportunidade de renda (figura 2), oportunidade

de emprego a benefícios sociais e ambientais. Portanto, ao promover a economia compartilhada, as narrativas desencadeiam a imaginação por descrever um futuro possível. À economia compartilhada é atribuída também, o estímulo a população a se tornar microempreendedora além de facilitar a criação de novos mercados e atividades que não existiam anteriormente. É interessante que a narrativa do usuário representa uma incerteza com o futuro, ou seja, que a mudança é inevitável, está apenas começando e o futuro é imprevisível.

Fisher acredita que os moradores da cidade dirigirão menos do que atualmente e que os padrões de deslocamento mudarão. "Nosso modo de se mover de maneira autocêntrica foi bastante razoável em resposta a uma economia de consumo em massa e produção em massa", disse Fisher. "A economia compartilhada se move na direção oposta" (THILMANY, 2016) (pg 4).

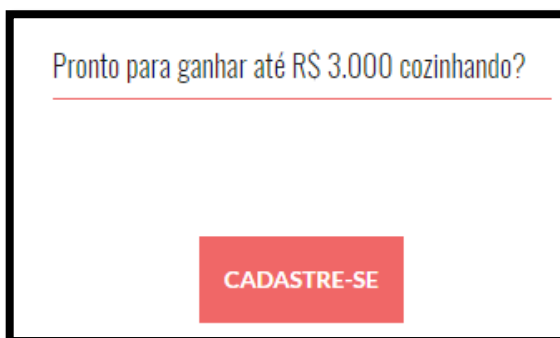
Acreditamos que a economia compartilhada abrirá uma série de possibilidades interessantes em diferentes atividades econômicas e mudará o futuro do trabalho, produção e colaboração. (BISWAS; PAHWA; SHETH, 2015) (pg 2)

Eu acredito que o banco de tempo e outras iniciativas de economia colaborativa ou compartilhada são apenas o primeiro passo pra gente depois no futuro chegar e não precisar mais de nada para trocar (ENTREVISTA – PARTICIPANTE BANCO DE TEMPO, 2019).

O mercado ainda vai mudar ainda muito mais e vai ter novas formas de se compartilhar ou de... De contratar um serviço ou produto né. Então, não sei. Eu acho que é presente mesmo, sabe? Tudo ainda vai ser bem diferente. (ENTREVISTA – USUÁRIO BLABLACAR, 2019).

E a economia compartilhada ela trabalha em prol disso também, criar as relações, mas a partir disso, de poder transcender a confiança, o que vem depois? Né. Um respeito, um sentimento de gratidão, uma consideração pelo sujeito que provê o serviço ou o objeto. E eu acho que assim a gente vai construindo a relação, mas... Uma sociedade mais fraterna, né, mais humana, mais gentil (ENTREVISTA – USUÁRIA PORTAL ATRAIA, 2019).

Figura 2 - Exemplo de narrativa que desencadeia a imaginação.



Fonte: Site Plataforma Dinneer (2018)

Para empresa nossa, nós não chamamos de motorista. Para nós é parceiro ou garuper. Então pra nós o garuper mais que motorista, ele é um empreendedor (ENTREVISTA – FUNDADOR E GESTOR GARUPA, 2019).

Eu gero emprego, novas fontes de renda que gera movimentação da economia e gera aumento da arrecadação tributária, tá? E a comunidade tem vantagens sociais comunitárias. Tem transporte seguro, confiável e econômico, 24h por dia, que ele não no taxi, não tem transporte coletivo. Apoio e incentivos culturais, sociais, locais. Eu me envolvo com a comunidade, tá, incentivo empreendedores local (ENTREVISTA – FUNDADOR E GESTOR GARUPA, 2019).

O papel das narrativas como expressões de contra-cultura não foi identificado. Não verificamos a percepção da economia compartilhada como um movimento que luta claramente contra narrativas culturais e institucionais estabelecidas e estruturas de poder existentes. É possível compreender apenas que existe uma busca por ação regulamentares que não burocratizem o avanço da economia compartilhada:

Todos esses modelos de negócios estão mudando a natureza de como trabalhamos (PWC, 2015).

E que existe uma busca por modelos econômicos como alternativa a economia tradicional:

Eu particularmente venho há uns cinco anos pesquisando sobre economia colaborativa e solidária, participei de inúmeros processos coletivos né, que visam, que buscam alternativas ao sistema monetarista que está posto e outras formas de relação, não só em relação à economia, mas também a educação, entre outros. Então surgiu daí minha trajetória em movimento sociais e coletivos, buscar alternativas para outras formas da gente se relacionar com a economia (ENTREVISTA – FUNDADOR E GESTOR BANCO DE TEMPO, 2018).

Porém, em nenhum dos casos se trata de uma luta contra narrativas institucionais, apenas um posicionamento analítico frente a uma realidade dada.

4.3 PRODUÇÃO DAS NARRATIVAS

Os reports analisados apresentam como macro-narrativas da economia compartilhada (1) oportunidade econômica, (2) necessidade de regulamentação específica, (3) colaboratividade e conveniência e (4) sustentabilidade.

A oportunidade econômica fica evidente na tratativa da economia compartilhada como uma possibilidade de renda aos participantes gerando lucro aos atores protagonistas deste processo. Esta geração de renda se dá por meio da possibilidade de emprego para o usuário ou ainda tratando-os como microempreendedores inclusive, com análises referentes a competição de mercado quando comparada à indústria tradicional. Assim, a economia compartilhada, passou a ser uma nova alternativa de renda aos pares, sendo um recurso de empoderamento econômico.

A participação na economia compartilhada foi impulsionada principalmente pela oportunidade de ganhar dinheiro e pela flexibilidade do trabalho oferecido. (RAHIM et al., 2017) (pg. 7)

Entende-se que a economia compartilhada é uma oportunidade econômica que não pode ser descartada, além disso a população apoia a economia compartilhada. (HOLMES; MCGUINTY, 2015) (pg 13)

Os indivíduos podem obter uma renda flexível de ativos subutilizados, e os consumidores podem obter acesso a itens caros que, de outra forma, prefeririam não possuir (THILMANY, 2016) (pg 1)

A economia compartilhada também representa uma mudança de paradigma no mercado de trabalho e permite que muitos indivíduos obtenham um emprego lucrativo através do aumento do microempreendedorismo (BISWAS; PAHWA; SHETH, 2015) (pg 2).

A macronarrativa de oportunidade econômica é tão evidente que aparece não apenas nos textos, mas também nas imagens, como por exemplo demonstrado na Figura 3, 4 e 5.

Figura 3 - Imagem alusiva a renda.



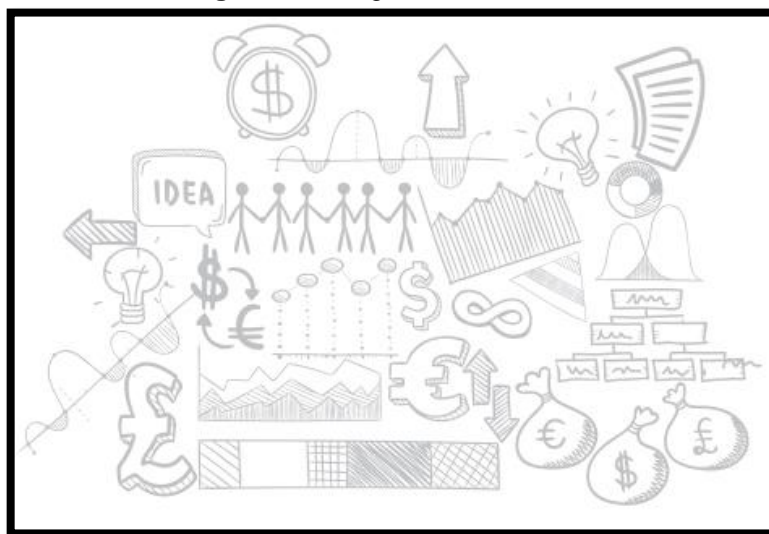
Fonte: (THILMANY, 2016) (pg. 6)

Figura 4 - Imagem alusiva a oportunidade econômica.



Fonte: (HOLMES; MCGUINTY, 2015) (pg. 4)

Figura 5 - Imagem alusão a renda.



Fonte: (BISWAS; PAHWA; SHETH, 2015) (pg 20).

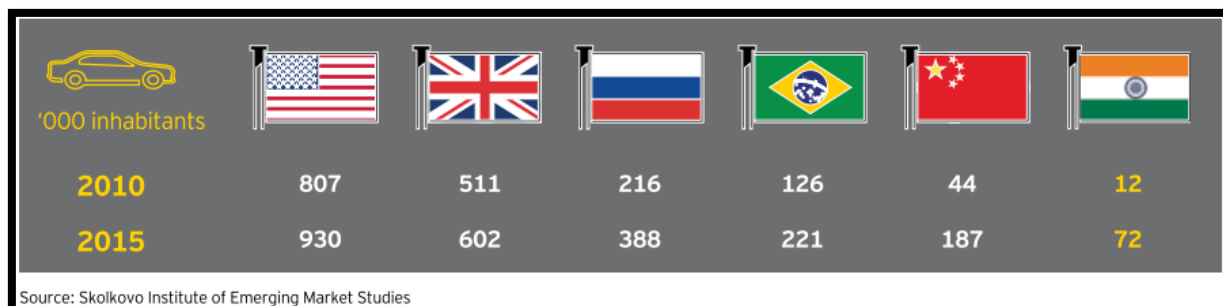
É interessante notar ainda, que a macro narrativa oportunidade econômica aparece bastante vinculada ao contexto em que a economia compartilhada está inserida. Ou seja, enquanto em países desenvolvidos é entendida como uma oportunidade de renda incremental aos participantes, em países subdesenvolvidos esta renda extra possui papel ainda mais fundamental, gerando assim benefícios como emprego, desenvolvimento de habilidades, acesso a bens e produtos e alfabetização digital e atuando como um meio de mobilidade social e mecanismo de acesso a população em vulnerabilidade (caso da Índia).

A renda adicional gerada pela economia compartilhada aumenta o poder de compra / gasto dos indivíduos. A economia compartilhada permite que os indivíduos assumam riscos empresariais que, de outra forma, não considerariam e subiriam na escala social. (BISWAS; PAHWA; SHETH, 2015) (pg 18)

O *report* que analisou o contexto indiano, apresenta infográficos para ilustrar o impacto da economia compartilhada na realidade do país. A figura 6 apresenta o comparativo do número de veículos a cada 1000 habitantes, antes e depois da economia compartilhada. Na Índia em 2010 eram apenas 12, passando para 72 em 2015. Número este, 6 vezes maior, representando o impacto da economia compartilhada para a população, que passou a ter acesso a veículo, mobilidade e uma

fonte de renda. Este dado, é significativo pois em países como Brasil este crescimento foi de 1,75 vezes e China 4,25 vezes.

Figura 6 - Infográfico contexto indiano



Fonte: (BISWAS; PAHWA; SHETH, 2015) (pg 16)

Principalmente devido à possibilidade de geração de renda, os *reports* discutem e traçam caminhos para a regulamentação desta atividade econômica. Esses caminhos em prol do constante desenvolvimento e crescimento da economia compartilhada, giram em torno da regulamentação específica de forma desburocratizada, que consiste em uma forma de recolhimento de impostos, porém sem a burocracia presente na indústria tradicional, em outras palavras, essa desburocratização envolve o pagamento de imposto ao governo, porém com um controle maior executado pelos próprios pares. Por exemplo, a Austrália, a partir do estudo realizado pela Deloitte em New South Wales (DELOITTE, 2017), apresenta um contexto de regulamentação específica. Neste caso, verifica-se que o Estado encontrou uma forma de regulamentar, porém sem burocratizar a economia compartilhada, o que proporcionou o contínuo desenvolvimento desta economia. No mesmo sentido, na China, discute-se a necessidade de uma “regulação inteligente” (GAWEL; MACHUR; PENNINGTON, 2016). A burocracia regulamentar, bastante comum na indústria tradicional, não condiz com a narrativa de que a economia compartilhada facilita a operação entre pares. Além disso, os dados gerados pela economia compartilhada, podem ser utilizados pelos governos para planejamento urbano, podendo gerar assim sustentabilidade ambiental e políticas públicas. A PwC (2015) argumenta ainda que “a regulamentação entre pares pode ser melhor ou mais eficiente que a governamental”. Assim, gerando, mais confiança para as transações.

Portanto, diante da frequente discussão acerca do tema regulamentação, a necessidade de regulamentação específica é uma macro narrativa identificada.

Para que a economia compartilhada cresça, é necessário um movimento em direção à legislação inteligente, que equilibre os interesses dos consumidores, dos municípios, da segurança pública e dos bens sociais. (GAWEL; MACHUR; PENNINGTON, 2016) (pg 9)

Os governos local, estadual e federal devem regular pelo menos alguns aspectos da economia compartilhada. (THILMANY, 2016) (pg 6)

A internet viabilizou a economia compartilhada. Só a partir do seu advento aliado a novas tecnologias como smartphones é que a economia compartilhada se tornou realidade. Assim, fica evidente nas narrativas que uma das mudanças provenientes desta economia é referente a forma de consumo, que deixa de ser baseado na propriedade e passa a ser de acesso provocando modificações nos padrões de deslocamento e mobilidade, por exemplo. Devido a conectividade proporcionada pela internet, o senso de comunidade ganhou destaque, considerando a ampliação da relação entre os pares, gerando assim, a colaboratividade. Assim, a colaboratividade e conveniência é a terceira macro-narrativa identificada nos *reports* analisados. A figura 7 exemplifica claramente a acessibilidade proporcionada pelas tecnologias como smartphones e computadores gerando conveniência aos pares. As figuras 8 e 9 demonstram o senso de comunidade gerado através da economia compartilhada, e a figura 10 exemplifica a mudança no padrão de mobilidade, em que mais pessoas passaram a ter acesso a veículo.

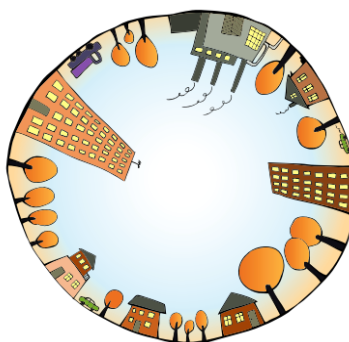
Figura 7 - Acessibilidade



Fonte: PwC (2015) (pg. 13 e pg. 15)

Figura 8 - Comunidade

Fonte: (DELOITTE, 2017)

Figura 9 - Comunidade

Fonte: (THILMANY, 2016) (pg. 4)

Figura 10 - Mobilidade

Fonte: (THILMANY, 2016) (pg. 1 e pg.5)

Apesar de não ser consenso nos *reports* analisados, o benefício ambiental não consta como o principal fator motivador desta economia, e sim como uma consequência devido ao melhor uso dos recursos teoricamente subutilizados. Assim, a sustentabilidade também se consolida como macro-narrativa.

Os defensores também acreditam que a economia de compartilhamento melhorará a sustentabilidade, reduzindo o número de carros e vagas de estacionamento e reduzindo as emissões e o congestionamento. (THILMANY, 2016) (pg 1)

A economia compartilhada pode aliviar parte da tensão no planeta. É mais favorável ao conceito de vida sustentável “reduzir, reutilizar, reciclar” do que a economia convencional. A economia compartilhada promete melhorar a eficiência e reduzir o número de recursos necessários, um elemento necessário para a sobrevivência da humanidade. (KOVACS, 2017) (pg 17).

Ou ainda, que os dados gerados pela economia compartilhada possam ser utilizados em um melhor planejamento urbano tornando o contexto mais sustentável.

A cidade de Boston fez uma parceria com a Uber e usará os dados da empresa para otimizar o planejamento de tráfego e reduzir o congestionamento. (GAWEL; MACHUR; PENNINGTON, 2016) (pg 12)

Com base nas 8.000 respostas da pesquisa, a pesquisa indicou que os hóspedes da Airbnb na Europa usam 78% menos energia, consomem 48% menos água e produzem 0% - 28% menos desperdício em comparação aos hóspedes do hotel. Embora essas descobertas estejam relacionadas aos hóspedes na Europa, isso é indicativo dos potenciais benefícios ambientais do compartilhamento doméstico em todo o mundo. (GAWEL; MACHUR; PENNINGTON, 2016) (pg 7)

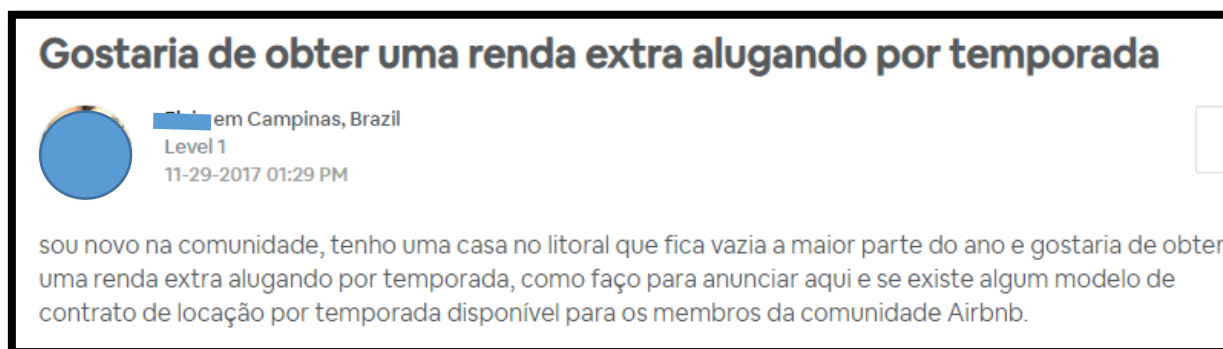
Na análise netnográfica e entrevistas, ao identificar as narrativas das plataformas e iniciativas com fins lucrativos (Airbnb, Blablacar e Dinneer), verifica-se que a oportunidade econômica é uma macro-narrativa novamente presente. A possibilidade de geração de renda através da economia compartilhada aparece mais fortemente em plataformas como Airbnb, pois incentiva não apenas o compartilhamento do mesmo espaço físico como o aluguel de um quarto ocioso, mas também o aluguel por curto espaço de tempo de residências inteiras (figuras 11 e 12).

Figura 11 - Oportunidade econômica



Fonte: Site Airbnb (2018)

Figura 12 - Alusão a renda



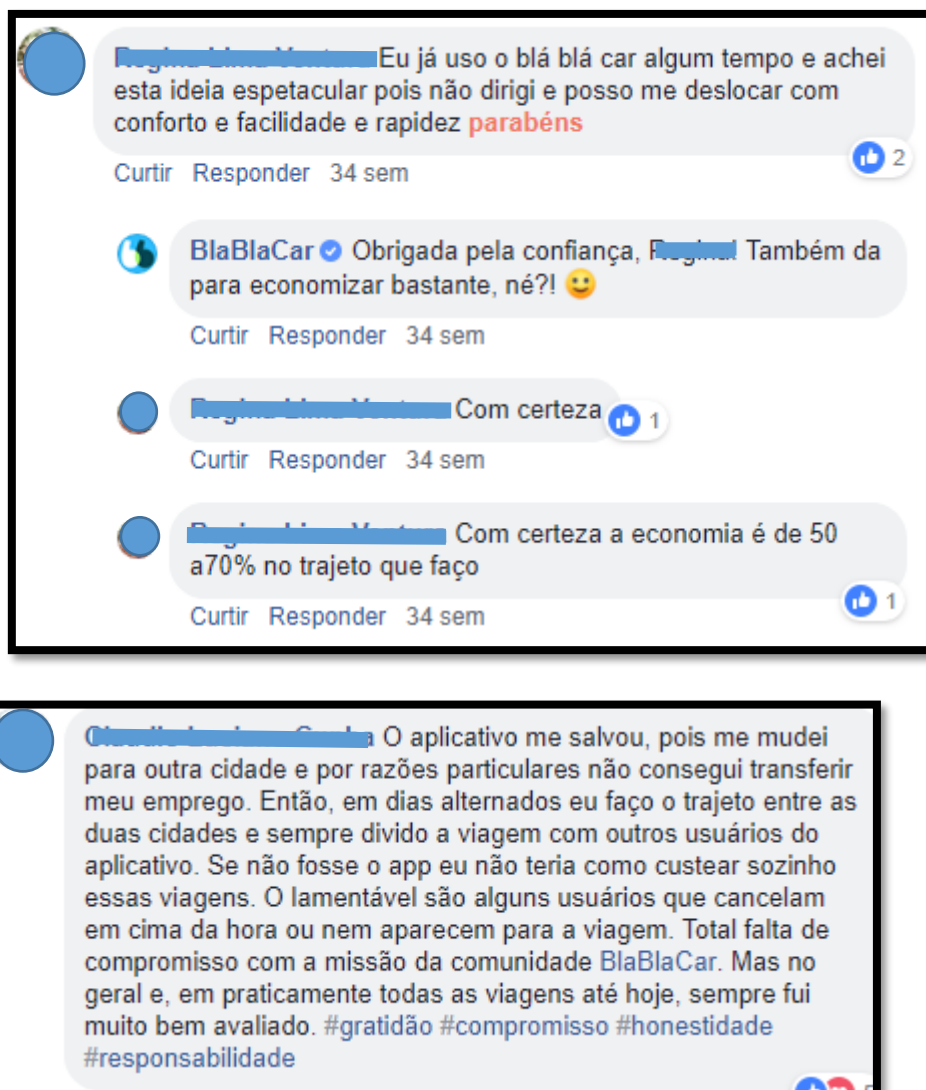
Fonte: Airbnb community (2019)

Em entrevista realizada com uma anfitriã do Airbnb, referente aos motivos em disponibilizar o imóvel na plataforma, ficou evidente a opção pela renda.

O meu objetivo é a renda. Eu coloquei em duas frentes, né? No site, no site local lá, e pra ter uma outra opção pra pegar um público né, um pouco mais amplo, eu anunciei no Airbnb (ENTREVISTA – USUÁRIA ANFITRIÃ AIRBNB, 2019).

A plataforma Blablacar, possui um argumento de renda vinculado a oportunidade de reduzir custos de deslocamento e viabilizar o deslocamento para locais fora dos grandes centros, que possuem deficiência no transporte público (figuras 13).

Figuras 13 - Evidências economia Blablacar.



Fonte: Facebook Blablacar (acesso em 30/01/2019)

Em entrevista realizada com usuário da plataforma Blablacar ele apresenta novamente uma narrativa de economia vinculada ao Blablacar como definição de economia compartilhada:

É uma forma de ajudar o todo e economizar e ser bom pra todos. É o que seja justo pra todos. Que é o exemplo do Blablacar né. Eu vejo... O cálculo pra Canela por R\$ 18, R\$ 20 que eu pago ali do meu lugar. E quando eu subo de carro dá R\$ 70. Então, po, se ele coloca duas, três pessoas, ganha isso realmente tá justo sabe? Realmente a economia compartilhada pra todos. (ENTREVISTA – USUÁRIO, 2019).

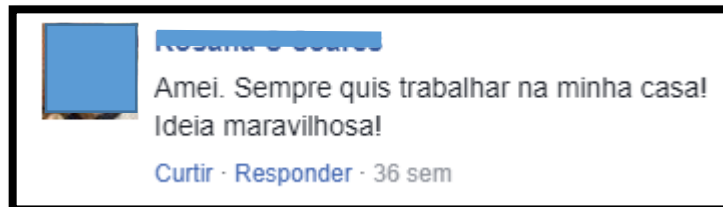
Mesmo a plataforma Dinneer, que utiliza como atrativo a oportunidade de acesso a uma experiência gastronômica diferenciada, deixa claro a narrativa de oportunidade de incremento de renda através da economia compartilhada, sugerindo inclusive ser preferível utilizar a plataforma como anfitrião do que abrir um restaurante. As figuras 14, 15 e 16 exemplificam a evidências da macro-narrativa na plataforma Dinneer.

Figuras 14 - Oportunidade econômica - Plataforma Dinneer



Fonte: Blog Dinneer. Acesso 05/01/2019.

Figura 15 - Oportunidade econômica - Plataforma Dinneer



Fonte: Facebook Dinneer. Acesso 04/02/2019.

Figura 16 - Oportunidade econômica - Plataforma Dinneer



Fonte: Facebook Dinneer. Acesso 04/02/2019.

Em entrevista com o fundador da plataforma Dinneer a oportunidade de ganhos econômicos é evidenciada:

Mas voltando para o Dinneer, o Dinneer não é social, o Dinneer é um negócio que beneficia as pessoas, é isso. E beneficia as pessoas compartilhando riquezas porque a gente está falando o seguinte: tem 80% desse valor de tudo que gera na plataforma que fica na casa do anfitrião, então a gente está falando de uma renda extra, não importa em qual estado ou país ele esteja. Então a gente tem anfitrião tipo em Maragogi, na beira da praia, um ribeirinho na beira da praia num vilarejo lá em Alagoas que tá ganhando dinheiro com o Dinneer e tem uma outra pessoa em Ushuaia na Argentina, lá no fim do mundo, também ganhando dinheiro com o Dinneer. O dinheiro está dentro da casa dele. Então a gente está falando de distribuir a riqueza, não é pensando apenas em um negócio. Então a gente acaba levando riqueza para lugares que não chega, entende? É diferente de um centro comercial em São Paulo onde está rolando restaurantes ali e todo mundo ganha dinheiro naquele espaço. Não. A gente está falando de estar lá em Osasco, no interior, no fim da cidade lá tem uma pessoa que hoje entrou 250 reais na conta dela porque ela fez um jantar ontem. Então é muito mais pontual só que é espalhado. Então acaba fazendo uma... Um efeito, só que um efeito que não é um efeito em apenas um local, é um efeito bem espalhado e.... Acho que é isso. (ENTREVISTA – FUNDADOR E GESTOR DINNEER, 2019).

A macro-narrativa de oportunidade econômica da economia compartilhada é reforçada pela entrevista com o Diretor de Novos Negócios do aplicativo Garupa:

... o Garupa gera negócios, né. O carro roda 24 horas e às vezes é a primeira renda da família. Entendeu? ... nós temos a síndrome do dia 20, chega o dia 20 e tu olha vai faltar mês. O que o cara faz? Ele pega o carro, trabalho uma semana, na outra semana ele recebe, vai lá e paga o condomínio, o colégio das crianças, não precisa de cheque especial, não precisa pedir dinheiro pro cunhado, pro irmão, né. Então, isto movimenta uma economia, uma cidade fantástica, né. e sem contar, não só na cidade, no polo, né. ... (o maior benefício) é o ganho financeiro (ENTREVISTA – FUNDADOR E GESTOR GARUPA, 2019).

E o incremento de renda fica evidente, de acordo com a necessidade o usuário busca uma renda extra, ou a renda principal da família:

Nós temos muitas, muita, muita segunda renda. Ou o pessoal que tá no desvio, vamos dizer assim, o cara perdeu o emprego, ta passando por uma dificuldade. ele vai trabalhar ali (ENTREVISTA – FUNDADOR E GESTOR GARUPA, 2019).

Sendo possível identificar casos de mobilidade social em função da oportunidade de renda gerada através da economia compartilhada:

Tem o caso do Betinho, um senhor de idade, lá de Passo Fundo, que eu tive quarta-feira lá. Ele deu o depoimento dele que ele mudou a vida dele, o Garupa. Ele tem, ele é o Betinho do frete, todo mundo conhecia ele. Ele tinha uma S10, velha, caindo aos pedaços lá. E fazia frete e ele disse: " pô, todo mês o que aumentava era só o número de boletos. Só o número de boletos. Só o número de boletos." Aí tem o sobrinho que trabalhava aqui em Porto Alegre, no Uber e disse que lá não tinha Uber, mas que tinha o Garupa, que funcionava melhor que o Uber em Passo Fundo, que era para ele procurar. Ele foi no escritório e falou com o socio operador. Aí o socio operador sentou com ele, conversou, aí ele precisava trocar de carro, ele não podia trabalhar com uma S10. Aí o socio operador ligou para lojas, falou com o pessoal e tal. Aí ele foi embora, dois dias ele voltou com um Fiesta 2014 e começou a trabalhar. E começou a trabalhar, trabalhar, trabalhar, trabalhar, trabalhar. Aí ele disse que ele viu que ele tinha mudado mesmo quando um dia ele chegou em casa e a mulher veio dizer: "Bah, Beto, como tu ta bonito." Aí ele pegou, olhou assim: " ô mulher, 40 anos depois e agora tu vai me achar bonito." Ela disse: "não, não, tua fisionomia, o teu semblante." Porque todo dia ele chegava em casa com dinheiro. Ele começou a pagar as contas dele. Quarta-feira ele me falou: "olha, tenho mais duas só para resolver e deu. Eu trabalho no Garupa. Acabou aquele negócio de fazer força, carregar e tal." Ele bem vestidinho e tal. Trabalho com negócio limpo, trabalha com as pessoas, conversa. Então isso acontece muito (ENTREVISTA – FUNDADOR E GESTOR GARUPA, 2019).

A partir da análise netnográfica, é possível verificar ainda que a **experiência** aparece como macro-narrativa, devido as possibilidades promovidas pelas plataformas esta macro-narrativa está sempre aliada a oportunidade econômica. Ou

seja, a oportunidade do usuário em gerar relacionamento e acessar experiências culturais e gastronômicas facilitado através de uma plataforma digital. Recentemente, em 2017, o Airbnb lançou em sua plataforma o “Airbnb Experiências”, em que os usuários podem usufruir de atividades promovidas por nativos em troca também, do ganho econômico. Estas experiências incluem executar atividades culturais ou tradicionais para as pessoas que moram naquele local conforme a citação a seguir, ou até mesmo ter a oportunidade de surfar com surfistas profissionais (figura 14). Além disso, é perceptível nos casos de aluguel de quartos e não de residência inteira a vontade do anfitrião em passar pela experiência de conhecer novas pessoas (figura 17 e 18).

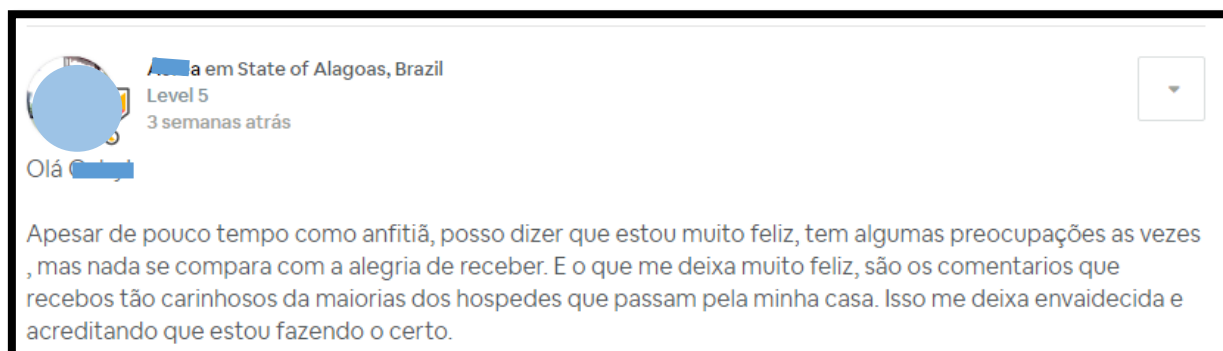
Figura 17 - Experiência Airbnb



Fonte: Site Airbnb (2019)

Tudo pronto para hospedar uma experiência? Dê um passo adiante para compartilhar suas atividades preferidas com os hóspedes. "Guiar uma experiência no Airbnb. Ganhe dinheiro guiando pessoas nas atividades que você ama. (Fonte: site Airbnb, acesso em 03/09/2018)

Figura 18 - Experiência Airbnb



Fonte: Site Airbnb Community (2019).

Em entrevista realizada com usuário do Airbnb que faz uso da plataforma como hóspede, ao ser questionada referente aos motivos prioritários para hospedar-se pelo Airbnb ela fez a seguinte afirmação:

É, um mix das duas coisas (financeiro e experiência), mas o principal a busca de uma experiência né? Buscar uma experiência diferente e testar também esse modelo de Airbnb né? Que a gente não tinha testado antes. (...) Foi muito bom. (...) Acho que o benefício é tu ficar numa casa, né? Vê como que eles vivem, vê como são as casas dos locais, né? Às vezes as pessoas... às vezes é uma questão de investimento que a pessoa tem vários imóveis, e... e aluga né? Pra esses fins, mas normalmente elas têm um formato de casa normal, né? Então acho que isso é uma coisa interessante assim, aí tu tem a liberdade de estar numa casa né? Com mais utensílios, mais cômodos, sei lá né? Uma experiência diferente de hotel, tem um... uma... um ar diferente, não tem cara de hotel, né? Tem cara de casa, acho que isso é legal assim. (ENTREVISTA – USUÁRIA HÓSPEDE AIRBNB, 2019).

Ou ainda, ao ser usuário da plataforma é possível conhecer novas pessoas e assim gerar novos relacionamentos. A plataforma Dinneer a partir do seu foco principal (experiência gastronômica (figura 19)), promove que os usuários podem desfrutar de comidas típicas do local que está visitando, típicas da sua origem, ou simplesmente uma refeição na casa de um anfitrião ao invés de ir a um restaurante.

Figura 19 - Experiência jantar Dinneer



Fonte: Site Dinneer (2019). Acesso 11/09/2018.

A principal motivação é vivenciar experiências, então a gente acaba comunicando... Nós acabamos comunicando que você não vai encontrar... não venha buscar comida para comprar, o Dinneer não vende comida, não tem ninguém vendendo comida, não tem ninguém vendendo jantar, as pessoas estão vendendo experiências gastronômicas. Então a motivação do visitante exatamente essa, buscar experiências gastronômicas diferentes. Como eu disse nas respostas anteriores né, o Dinneer é um marketplace onde as pessoas entram, os anfitriões colocam anúncios para vender. Então ele entrou para vender, não tem ninguém oferecendo de graça, igual qualquer outro marketplace no mundo, todos são iguais, você não vai encontrar nenhum diferente disso (ENTREVISTA – FUNDADOR E GESTOR DINNEER, 2019).

Já a plataforma Blablacar, argumenta que as caronas propiciam a experiência positiva do relacionamento entre os usuários a partir da oportunidade de conhecer novas pessoas (figura 20) demonstra que 84% dos usuários dizem ter adquirido conhecimento sobre um novo tópico durante as viagens.

Fred imaginou uma rede de transportes construída por pessoas, que poderia ser eficiente, resolver problemas de congestionamento nas estradas, e fazer do ato de viajar uma experiência mais econômica e social. Com um currículo científico (ele estudou física e trabalhou na Nasa), Fred visualizou o potencial pleno desta rede de transportes, e os grandes benefícios ambientais e econômicos de permitir um uso mais eficiente dos recursos (BLABLACAR, 2019 (acesso em 03/01/2019)).

Mas então é isso, o principal é...é...é... Agilidade e o valor ser mais barato. E às vezes também tem isso da pessoa te deixar na frente do local né,

combinado assim, te deixa mais próximo, geralmente são pessoas muito gentis assim. E é isso. Não vou dizer que eu não fiz amizade, faz um ano que eu peguei carona com as meninas pra Santa Maria, elas são de Santa Maria e moram em Porto Alegre e sim eu fiz amizades com elas, já vieram no meu aniversário, eu fui no aniversário delas, rendeu sim amizade. (ENTREVISTA USUÁRIA BLABLACAR, 2019).

Figura 20 - Experiência Blablacar



Fonte: Site Blablacar. Acesso em 03/01/2019.

A plataforma Airbnb, destaca-se ainda por apresentar uma alternativa de hospedagem para situações de apoio a desalojados devido a desastres naturais, conflitos fornecendo abrigo a refugiados ou doenças fornecendo abrigo a quem requer cuidados especiais. Com o argumento de “compartilhe sua casa para fazer o bem”, surgiu em 2012, após o furacão Sandy, o programa Open Homes (Figura 21).

Figura 21 - Altruísmo Airbnb



Fonte: Site Airbnb (2019). Acesso em 03/09/2018.

Entretanto, apesar do altruísmo vinculado não é a narrativa principal da plataforma, uma vez que é uma ação para situações emergenciais. Isso indica que em situações de adversidade a sociedade é capaz de se organizar para suprir necessidades maiores que o lucro já que esta ação emergiu da sociedade e o Airbnb

criou o programa para facilitar esta comunicação. Todo este trabalho envolve ainda organizações como o Comitê Internacional de Resgate e o Mercy Corps que passa a ser um ator nestes casos, fazendo o trabalho de comunicação entre o anfitrião Airbnb e as pessoas necessitadas.

Ao analisar o banco de tempo e plataforma Atraia, iniciativa sem fins lucrativos, é possível perceber claramente a macro-narrativa da equidade. Essa macro-narrativa surge, pois, independente da habilidade da pessoa, o valor é o mesmo. Ou seja, não importa a formação ou anos de estudo, o valor consiste no tempo necessário para a execução de determinada atividade.

O Banco de Tempo nada mais é, do que um banco aonde a moeda corrente é o tempo, né então assim a gente tira o dinheiro de circulação e a gente coloca a nossa vontade e os nossos talentos e aí é pra ter uma unidade de medida com equidade ela não dá conta de todas as diferenças que nós temos, mas ela ajuda bastante a tornar mais equânime as relações. A estabelecer que uma hora do meu tempo vale a mesma coisa que uma hora do teu tempo (ENTREVISTA – FUNDADOR E GESTOR BANCO DE TEMPO, 2018).

Os benefícios pra mim são sociais, muito mais sociais do que pessoal assim... Atualmente eu não tenho usufruído da plataforma pra benefício próprio, porém, eu tenho divulgado e incentivado as pessoas a usarem assim (...) usar essa plataforma, que pode beneficiar assim as pessoas de baixa renda, com dificuldade financeira pra adquirir os objetos que elas gostariam né. Então isso cria um... Um impacto social sim muito grande e de alguma forma esse é o meu benefício assim... Saber, perceber que as pessoas se sentem felizes e de alguma forma aliviados de não ter que gastar um dinheiro pra comprar, um dinheiro que eles não têm pra comprar um objeto que precisam. Então é a satisfação o meu benefício assim... A satisfação do outro é o meu benefício atualmente assim (ENTREVISTA – USUÁRIA PORTAL ATRAIA, 2019).

Portanto, ao promover a equidade das relações, não identificamos a visão capitalista da oportunidade de ganhos financeiros. As figuras 22 e 23, representam a essência do banco de tempo, simbolizando o valor do tempo.

Figura 22 - Alusão ao tempo

Fonte: Banco de Tempo - EUA

Figura 23 - Alusão ao tempo

Fonte: Banco de Tempo - Porto Alegre

Então assim, hã economia compartilhada, ou colaborativa é aquela economia que as pessoas constroem sentido mútuo né. E podem se relacionar economicamente seja como for, a partir dessa igualdade nas relações. Então pra isso não há limites assim pra economia colaborativa ou compartilhada, desde que ela realmente seja compartilhada (ENTREVISTA – FUNDADOR E GESTOR BANCO DE TEMPO, 2018).

E fundamentalmente dinheiro é o tempo que a gente gasta para conseguir ele né? Então a gente gasta muito tempo para ganhar um papel assim... Que vai né dizer quanto que o meu tempo vale é uma coisa muito estranha para mim assim... Então se eu puder usar esse tempo direto já, sem precisar ter um intermediador assim, que ótimo. (ENTREVISTA – PARTICIPANTE BANCO DE TEMPO, 2019).

Aliado a macro-narrativa de equidade, o banco de tempo e plataforma Atraia promovem a macro-narrativa de senso de comunidade, devido a aproximação gerada entre as pessoas participantes e uma consequência da equidade aplicada entre elas.

Eu acho que é, o que ela (economia compartilhada) tem de benefícios é a possibilidade da gente ter troca as mais harmoniosas entre as pessoas né. A gente poder trocar com mais fluidez, com mais liberdade, sem desigualdades

assim, acho que também o estímulo da união dentro de uma comunidade, enfim (ENTREVISTA – PARTICIPANTE BANCO DE TEMPO, 2019).

...porque o grande propósito do Banco de Tempo na estrutura que temos aqui, é fomentar os projetos sociais, são projetos coletivos ofertados pela comunidade, para a comunidade (ENTREVISTA – FUNDADOR E GESTOR BANCO DE TEMPO, 2018).

Na verdade, na verdade eu já peguei esses dias até um objeto, tinha até esquecido, mas eu cheguei a pegar uns livros, mas foi pra doar pra uma senhora que é a dona Tânia, que é líder comunitária. Então peguei vários livros sim pra ela né. Mas hoje eu faço muito pouco pra mim, eu uso muito a plataforma com um meio-de-campo assim, eu sou o meio-de-campo entre a plataforma e as pessoas, digamos. (ENTREVISTA – USUÁRIA PORTAL ATRAIA, 2019).

Ou seja, a colaboração entre as pessoas, pode fazer a diferença. No caso desta iniciativa, a partir da ascensão da internet, a tecnologia é utilizada como um meio facilitador de conexão entre os pares, sem ser determinante, considerando que o banco de tempo é uma iniciativa que existe desde 1995 nos Estados Unidos. A figura 24, faz parte do vídeo divulgação do projeto nos Estados Unidos, e faz uma alusão ao senso de comunidade.

Figura 24 - Alusão senso de comunidade



Fonte: Banco de Tempo - EUA

O vídeo relata o banco de tempo de Long Beach, a relação da comunidade e apresenta os cinco valores essenciais do banco de tempo:

- 1) Ativo - Cada um de nós tem algo de valor para compartilhar com outra pessoa.
 - 2) Redefinindo o Trabalho - Existem algumas formas de trabalho que o dinheiro não pagará facilmente, como construir famílias fortes, revitalizar os bairros, fazer a democracia funcionar, promover a justiça social. Os créditos de tempo foram projetados para recompensar, reconhecer e honrar esse trabalho.
 - 3) Reciprocidade - A pergunta: "Como posso ajudá-lo?" Precisa ser mudada, então perguntamos: "Você vai ajudar alguém também?" Pagar para frente garante que, juntos, ajudemos uns aos outros a construir o mundo em que todos viveremos.
 - 4) Comunidade / Redes Sociais - Ajudando-nos mutuamente, renovamos comunidades de apoio, força e confiança. A comunidade é construída com raízes, construindo confiança, criando redes.
 - 5) Respeito - O coração e a alma da democracia estão no respeito pelos outros. Nós nos esforçamos para respeitar onde as pessoas estão no momento, não onde esperamos que elas estejam em algum momento futuro.
- Fonte: timebanking.org; acesso em 03/01/2019. Tradução a autora.

Esta macro-narrativa também é presente na instituição de fomento Ouishare pois seu objetivo principal é “transformar o mundo através do compartilhamento”, e isso ocorre principalmente através da organização de eventos inovadores e participativos (figura 25). Ou seja, o “senso de comunidade” é desenvolvido através da união de pessoas com visão semelhante em questionar e atuar na transformação do mundo através do compartilhamento.

Figura 25 - Evento promovido pela organização Ouishare



Fonte: Site Ouishare (2018). Acesso 13/09/2018.

O evento Colaboramerica contou com uma infraestrutura sustentável e com incentivo ao lixo zero, ou seja, a mínima produção de resíduos durante o evento. Neste sentido, a sustentabilidade estava presente na estrutura do evento e comunicada nas narrativas. As fotos abaixo (figura 26) sinalizam algumas das palavras-chave do evento, como “propósito, sociedade, cultura, pluralidade, tecnologia, consciência,

diversidade, etc.” e demonstra a estrutura com preocupação sustentável através da mobília em papelão e filtros de água disponíveis para consumo. Em relação ao conteúdo, o evento foi estruturado em quatro grandes pilares: economia, cultura, tecnologia e autoconhecimento.

Figura 26 - Fotos da infraestrutura do evento



Fonte: a autora (2018)

No pilar economia, as narrativas giraram em torno de modelos de negócios estruturados para gerar impacto positivo. Neste pilar, ficou evidente que devemos pensar ou re-pensar os modelos econômicos de forma sustentável e de alguma forma causar impacto positivo. Estavam presentes no evento, representantes de grandes empresas da economia tradicional, que demonstraram as ações destas empresas com o objetivo de atingir uma nova demanda de consumidor preocupada com práticas sustentáveis e impacto social positivo. Em outras palavras, é necessário que os modelos de negócios vinculados a economia tradicional se reinventem, com o objetivo de atingir as necessidades do planeta e em prol do bem estar social. É neste contexto que apresentou-se o sistema B, que se define como um movimento que reconhece economias que permitam gerar valor para o mundo e a Terra. O sistema B tem como missão “Construir um ecossistema favorável para fortalecer empresas que usam a força do mercado para solucionar problemas sociais e ambientais: as Empresas B”, assim na certificação, as empresas são medidas com base no bem-estar das pessoas, da sociedade e da Terra de forma simultânea⁴ – ilustrado pela palestra

⁴ Fonte: divulgação site Sistema B - <https://sistemab.org/brasil/>

Transacionando da Economia Atual à Nova Economia apresentada por Pancho Murray – Diretor Executivo do Sistema B Argentina. Estar no mínimo em um caminho para a transformação e evolução apareceu fortemente nas discussões. A figura 27, representa a síntese de quatro das palestras ocorridas no evento. É importante ressaltar que estas facilitações gráficas não foram realizadas para todas as palestras no evento, e sim para aquelas que ocorreram nos palcos principais. Conforme observação realizada, e ilustrado pelas imagens abaixo, estamos em um processo de construção de uma nova economia, em que precisamos deixar a economia “extrativista” de lado para focar no social e redução da desigualdade. Jonathan Dawson⁵, na palestra Enxergando Além do Crescimento faz uma crítica as atuais métricas de crescimento (exemplo: PIB) por não considerarem questões como o social e ambiental. E que, portanto, deveríamos criar indicadores mais globais, não puramente econômicos, mas que contemplassem o “crescimento mais genuíno”. Na mesma temática, Katherine Trebeck⁶ na palestra Como a Maneira Como Projetamos Nossas Economia Nos Afeta Como Seres Humanos, trouxe uma reflexão de como alinharmos o crescimento econômico com o desenvolvimento sustentável e o bem-estar social. No painel Novas Economias Como Vetores de Crescimento, com a participação de Michel Bauwens⁷, Gabriel Pinto⁸ e Maria Paz Cigaran⁹ discutiu-se as novas economias em prol da transformação para uma economia mais sustentável e com foco no social.

⁵ Jonathan é educador de sustentabilidade e ex-presidente da Global Ecovillage Network.

⁶ Katherine é diretora de pesquisa da Wellbeing Economy Alliance. É Professora Honorária da Universidade do Oeste da Escócia e pesquisadora visitante sênior na Universidade de Strathclyde.

⁷ Fundador da P2P Foundation.

⁸ Gerente da Casa FIRJAN, lidera um projeto que tem como objetivo criar propostas e soluções para nova economia em uma sociedade em transformação.

⁹ Co-fundadora / CEO da Libélula, B Corp cuja missão é promover uma comunidade de transformação para ajudar o mundo a mudar seu rumo em direção a 0 emissões, 0 resíduos, 0 pobreza e ecossistemas saudáveis.

Figura 27 - Facilitação gráfica de palestras do pilar economia.

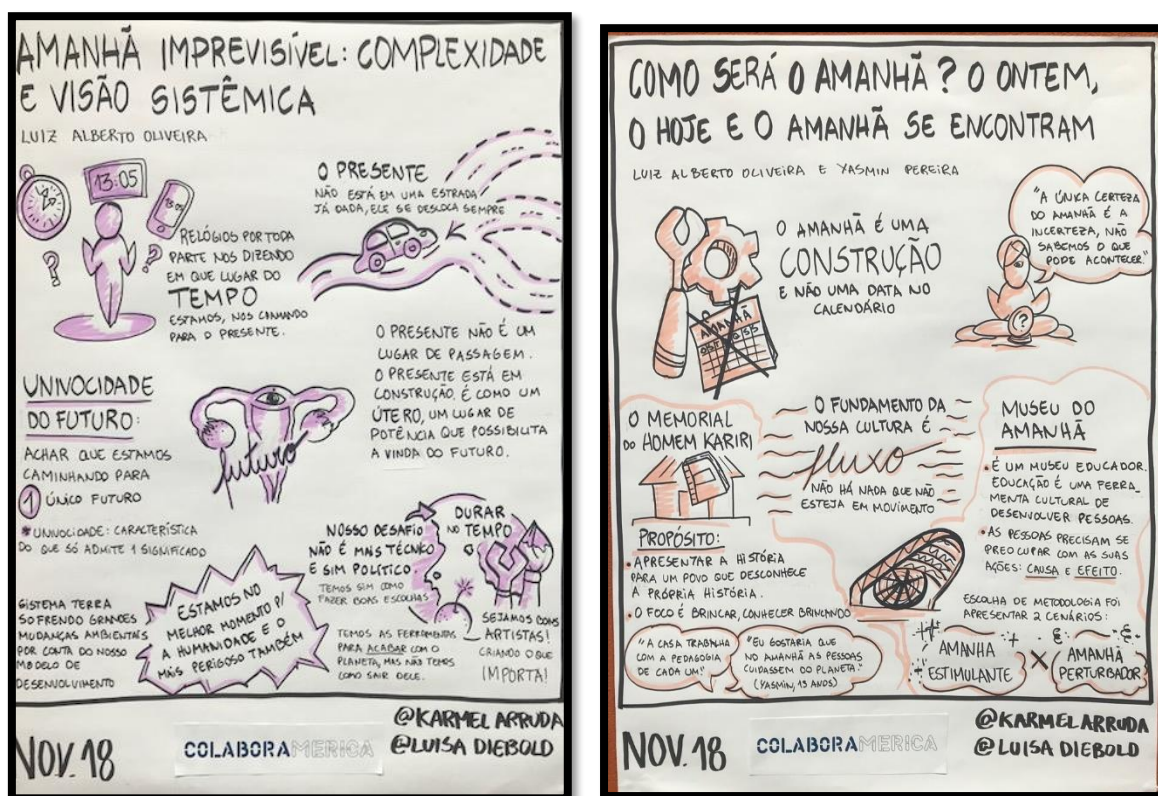


Fonte: Divulgado no evento Colaboramerica (2018). Elaborado durante o evento por: ARRUDA, Karmel e DIEBOLD, Luisa.

No pilar cultura, discutiu-se como a cultura pode contribuir para as economias colaborativas. Um dos argumentos, na palestra Amanhã Imprevisível: Complexidade e Visão Sistêmica, o *speaker* Luis Alberto Oliveira, curador do Museu do Amanhã, disse que “o futuro não está pronto” e que nós “fazemos parte desta construção (do

futuro)”. Ou seja, nós podemos transformar. No painel Festivais de Cultura Colaborativa e Transformação positiva pelo Mundo, cinco *speakers* organizadores de festivais pelo mundo apresentaram a missão de cada festival. De diferentes maneiras, todos buscam conectar pessoas em prol da colaboração e melhor uso dos recursos. Na palestra Design & UX para o Bem, o *speaker* Jason Ulaszek refletiu sobre como incentivar pessoas a adotarem uma nova forma econômica, Jason possui uma ONG e utiliza o Design para buscar soluções para combater problemas sociais. A figura 28 representa a facilitação gráfica de duas palestras ocorridas no pilar cultura. Essas representações, ilustram a narrativa do *speaker* Luis Alberto Oliveira.

Figura 28 - Facilitação gráfica de palestras do eixo cultura.

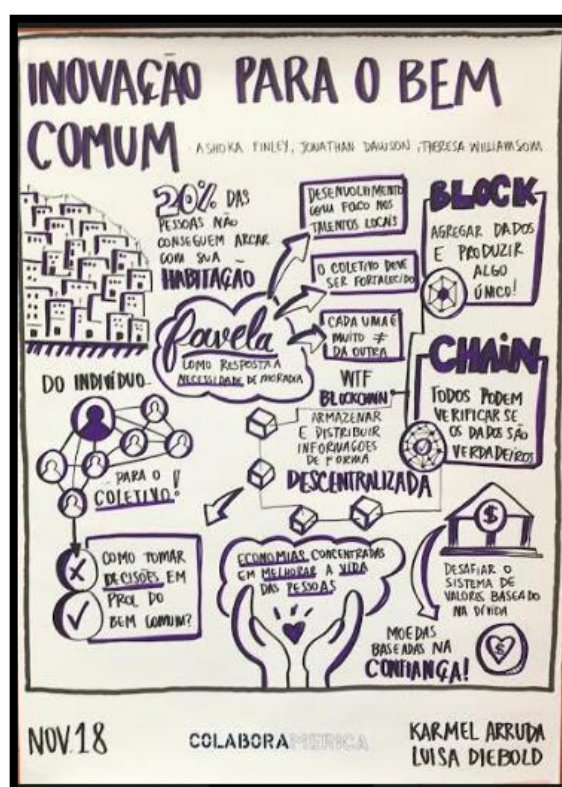


Fonte: Divulgado no evento Colaboramerica (2018). Elaborado durante o evento por: ARRUDA, Karmel e DIEBOLD, Luisa.

No pilar tecnologia verificou-se uma abordagem relacionada ao controle de dados e descentralização da economia. Ou seja, que a sociedade é capaz de se organizar e definir formas e moedas de transações. Da mesma forma dos outros pilares, discutiu-se a tecnologia para o bem comum. Thalita Gelenske, CEO da startup Blend Edu (educação sobre diversidade e inclusão), foi *speaker* da palestra Transformação Digital e a importância da empatia para as organizações. Thalita

afirma que é “necessário empatia para pensar em soluções” e que as “referências que as pessoas possuem atualmente, dificultam a colaboração”. Luiz Ludwig¹⁰, apresentou a palestra “Um mundo de dados: visualizando grandes volumes de informações”, em que tratou a importância dos dados e como podem ser utilizados para compreensão do todo e de diferentes contextos. A figura 29 ilustra uma das discussões ocorridas no evento no pilar tecnologia. A tecnologia deve nos auxiliar em “economia concentradas em melhorar a vida das pessoas”, ou seja os problemas sociais são reais, e a tecnologia pode nos ajudar a pensar em soluções. Um dos benefícios da tecnologia é a descentralização das relações, como é o caso do *blockchain*, em que a relação de transação passa a ser direta entre os pares sem a interferência dos bancos, gerando assim autonomia para a sociedade.

Figura 29 - Facilitação gráfica de palestra do eixo tecnologia.



Fonte: Divulgado no evento Colaboramerica (2018); Elaborado durante o evento por: ARRUDA, Karmel e DIEBOLD, Luiza.

Referente ao pilar de autoconhecimento, foi possível participar de apenas uma atividade no formato roda de conversa. Não ocorreu a participação maior da

¹⁰ Profissional autônomo focado na interseção entre tecnologia, arte e design. Luiz Ludwig trabalha com exposições e ambientes interativos.

pesquisadora neste pilar devido ao formato das atividades, em que o objetivo era executar rotinas de relaxamento e conexão com o outro, assim, especificamente neste eixo o número de palestras e discussões foi reduzido. A roda de conversa Raça, Gênero e Identidade: Como Ocupamos Lugares de Privilégio, tratou da importância da colaboração e a confiança no coletivo. A roda de conversa contou com depoimento de diversas pessoas que participam de iniciativas vinculadas a economia compartilhada (Ex.: Hub Florianópolis, Benfeitoria, Ecovilla, etc.) O objetivo foi inspirar as pessoas a se fortalecer e buscar a transformação. A foto abaixo (figura 30) ilustra o formato da roda de conversa ocorrida, em que o público pode participar ativamente da conversa.

Figura 30 - Roda de conversa - Raça, Gênero e Identidade: Como Ocupamos Lugares de Privilégio. Evento Colaboramerica 2018.



Fonte: a autora (2018)

Em síntese, o evento foi bastante rico em informações. Ao contrário da divulgação promovida pelo Ouishare e comunicação do evento Colaboramerica, a economia compartilhada no formato *peer-to-peer* não aparece explicitamente como uma nova economia, o compartilhamento aparece sem a plataforma como intermediadora. Ficou evidente através da observação participante, que a narrativa visava a discussão de caminhos para uma transformação de cunho social e ambiental, e que para isso ocorrer é necessário “olhar para o todo” – tema do evento, chamado assim a

sociedade para ser protagonista da transformação. Ao realizar a observação participante no evento, foi possível evidenciar ainda como macro-narrativa a “transformação”. A transformação fica clara em todas as abordagens do evento. Esta transformação consiste na necessidade em começar a agir em prol do social gerando impacto positivo mesmo que localmente e atuar de forma sustentável para preservação dos recursos do planeta. Até mesmo, nas grandes empresas presentes vinculadas a economia tradicional, a “transformação” ficou evidente por argumentarem que existe uma nova demanda de consumidor. E estas empresas estão se transformando para atender a esta nova demanda. A transformação portanto, é para o social e ambiental, e a colaboração entre as pessoas é um caminho para que a transformação ocorra. Ou seja, é necessário compreender as necessidades sociais e ambientais para pensar em soluções. Neste sentido, o senso de comunidade e equidade ressaltam como macro-narrativa. Ou seja, a discussão toda do evento busca o desenvolvimento de fatores sociais. As plataformas de economia compartilhada, apareceram em número reduzido, duas foram identificadas no evento: Benfeitoria (*crowdfunding* de projetos sociais) e Compartilhar (plataforma lançada durante o evento, e possui como objetivo conectar soluções sociais com atores que possam impulsionar o desenvolvimento da solução). Assim, as plataformas de economia compartilhada se apresentaram em uma única temática, arrecadar fundos para a inovação social.

A partir das entrevistas realizadas, a sustentabilidade volta a aparecer porém não como consequência da economia compartilhada conforme verificado nos reports, e sim como propósito. Este propósito da sustentabilidade ficou evidente na iniciativa sem fins lucrativos plataforma Atraia:


“Eu acho que é um modelo mais adequado hoje a seguir entendeu? É... Porque, sei lá, até umas décadas atrás a gente não tinha percepção do impacto que a gente causava né? No planeta, né. Hoje está tudo muito claro pra nós. Então não faz mais sentido a gente viver, ter uma economia como era antes. A gente não tem mais desculpa. A gente... Eu acho que é uma maneira da gente usar realmente os recursos e repensar muita coisa. Até de não... A questão do consumo em si, não é... A gente, isso também trás assim a questão assim: "será que eu realmente preciso comprar aquilo?" né? Hã... A gente tem que realmente pensar se precisa consumir né. Antes de a gente pensar, ah vamos girar a economia e tal, uma economia compartilhada. Mas

eu acho que o primeiro pensamento é esse: realmente preciso? Né.” (ENTREVISTA – FUNDADOR E GESTOR PORTAL ATRAIA, 2018).

“Eu não via a questão de poder ganhar muito dinheiro. Poder me manter e trabalhar sustentabilidade, difundir esses conceitos, sabe, na nossa comunidade é o que mais me interessa, assim. Eu realmente, eu mudei muito a minha maneira de ver as coisas, vivenciando isso sabe? Eu coloco o propósito em primeiro lugar, assim.” (ENTREVISTA – FUNDADOR E GESTOR PORTAL ATRAIA, 2018).

O quadro 7 a seguir resume as macro-narrativas identificadas em cada técnica de coleta de acordo com a aproximação das iniciativas:

Quadro 7 - Resumo das macro-narrativas identificadas

TÉCNICA DE COLETA INICIATIVA	ANÁLISE DOCUMENTAL	NETNOGRAFIA	OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE	ENTREVISTA
Iniciativas com fins lucrativos	Oportunidade econômica	Oportunidade econômica	-	Oportunidade econômica
	Necessidade de regulamentação específica	-	-	-
	-	Experiência	-	Experiência
	Colaboratividade e conveniência	-	-	-
	Sustentabilidade	-	-	Sustentabilidade
Iniciativas sem fins lucrativos	-	Equidade	Equidade	Equidade
	-	Senso de Comunidade	Senso de Comunidade	Senso de Comunidade
	-	-	Transformação	-

Fonte: elaborado pela autora (2018)

5 DISCUSSÃO

Apresentamos a discussão em três temas: 1) A voz e a audiência; 2) As Nuances das Narrativas: Iniciativas com e sem fins lucrativos; 3) O papel das narrativas e as mudanças sociais.

5.1 A VOZ E A AUDIÊNCIA

De acordo com Avelino et al. (2017b), as transformações tendem a ocorrer a partir de eventos, fatos ou acontecimentos que geram mudanças. É possível evidenciar que a crise econômica de 2008, foi o principal fator de desencadeamento para um contexto de mudança em prol da economia compartilhada. Diante da valorização de empresas vinculadas a esta nova economia, órgãos setoriais ligados a indústria tradicional, órgãos de governo, institutos de pesquisa e empresas de consultoria emitiram *reports* com estudos e análises em uma tentativa de compreender e avaliar os impactos para sociedade e para economia tradicional. São narrativas voltadas para uma audiência específica, que busca a compreensão do fenômeno economia compartilhada. Ou seja, estudos que são destinados às empresas da indústria tradicional, para pensar em ações de competição ou repaginação de seus negócios, e ao governo, para que a partir da compreensão pudesse avaliar e atuar em ações reguladoras. Especialmente, devido a importante valorização de mercado das plataformas Uber e Airbnb, os setores de mobilidade e turismo foram os mais citados nestas análises. Por serem precursores na valorização dentro desta economia, são utilizados como metonímia da economia compartilhada, no que se refere a mobilidade e hospitalidade. Os *reports* apresentam uma perspectiva puramente econômica, sob uma ótica mercadológica, apresentada como uma oportunidade de movimentar a economia através da geração de emprego e renda, e declarada como uma alternativa à indústria tradicional. Se por um lado um incentivo ao empreendedorismo é destacado nesta nova economia, por outro lado as organizações que atuam no *mainstream* da economia são chamadas a responder a essa “ameaça” corroborando com Petrini, Freitas e Silveira (2017), que apresentaram a definição de negócios repaginados como as empresas da economia tradicional que buscaram se reinventar a partir da economia compartilhada. A crise econômica se traduziu em um caminho para geração ou repaginação de negócios, para quem a

compreendeu como uma oportunidade e não uma ameaça. Esta perspectiva econômica é refletida diretamente em duas das macro-narrativas identificadas (oportunidade de renda e necessidade de regulamentação específica) representando a voz dos seus narradores (empresas de consultoria, órgãos de governo, instituições de pesquisa, etc) para a sua audiência – empresas da economia tradicional e governo. Além de narradores, estes atores se enquadram como expectadores, não possuindo papel ativo no desenvolvimento ou obstrução da economia compartilhada, apenas “assistindo” e buscando compreender o seu crescimento.

A partir do entendimento da economia compartilhada como uma fonte de geração de receita, a regulamentação passa a ser fator de discussão. De acordo com os resultados dos *reports* analisados, os países que implementaram ações no sentido de desburocratizar o crescimento da economia compartilhada (DELOITTE, 2017) tiveram ganhos maiores através de novos entrantes no mercado. Ao mesmo tempo que um ambiente menos burocratizado é incentivado, desafios como as relações de emprego e legalidade das atividades são levantados. Se a regulamentação for aplicada de forma específica para a economia compartilhada, e não herdada da economia tradicional, pode ser benéfica, proporcionando o crescimento da economia, e os impostos arrecadados retornarem à sociedade por meio de políticas públicas, e até mesmo, o governo fazer uso das informações geradas pela economia compartilhada no planejamento de ações em prol da sociedade.

Quando o narrador passa a ser os atores diretamente envolvidos na economia compartilhada (apoiadores, beneficiários e protagonistas), e a audiência são eles mesmos, as narrativas se apresentam de forma diferente. Neste caso, na voz deles, o governo é caracterizado apenas como um ator burocrata do processo de mudança, impedindo o seu crescimento, principalmente no segmento de mobilidade urbana, um dos segmentos pioneiros da economia compartilhada. Nesse sentido, as iniciativas da economia compartilhada, buscam demonstrar de forma abrangente os seus benefícios para os *prosumers*. Uzunca, Rigtering e Ozcan (2018), dizem que as iniciativas tendem a utilizar a divulgação ampla de benefícios também como estratégia de influenciar a sociedade no apoio à legitimação da economia compartilhada junto ao governo. O papel das narrativas de empoderamento (individual e coletivo) se destaca neste caso, retomando Polletta (1998), que diz que ao contar histórias estabelecemos quem somos, e, portanto, as narrativas são empregadas para fortalecer a identidade

coletiva. Portanto, o fato da necessidade de regulamentação não aparecer quando os narradores são as iniciativas, deve-se justamente por seus narradores entenderem que a regulamentação não é necessária, e que na prática o governo burocratiza o crescimento da economia compartilhada. Já nos *reports*, os narradores consideram que a regulamentação deve existir, porém de forma inteligente, não sendo a mesma aplicada a indústria tradicional.

5.2 AS NUANCES DAS NARRATIVAS: INICIATIVAS COM E SEM FINS LUCRATIVOS

Ao aprofundar as narrativas das iniciativas - que possuem como audiência os interessados em participar da economia compartilhada – identificamos que para as iniciativas com e sem fins lucrativos, as narrativas se apresentam diferente. No caso das plataformas com fins lucrativos, a macro-narrativa oportunidade de renda é a mais presente. Essa oportunidade de renda se comporta de maneira diferente diante do contexto. Ou seja, é possível verificar que em situações de menor vulnerabilidade, os benefícios financeiros geram puramente empoderamento econômico como renda extra aos participantes que atuam como fornecedores. E, em situações de maior vulnerabilidade, passa a ser uma oportunidade de renda principal, sendo mais representativa para o indivíduo, conforme evidenciado no depoimento do gestor e fundador do aplicativo Garupa, que relatou o caso de um motorista que teve na economia compartilhada uma oportunidade de empreender e melhorar a condição financeira da sua família. Assim como, o depoimento do fundador da plataforma Dinneer, que sinaliza a abrangência da economia compartilhada ao relatar que populações com dificuldades de acesso e em situações mais vulneráveis tem na economia compartilhada uma importante oportunidade de renda. Ou ainda, o caso apresentado no contexto indiano (BISWAS; PAHWA; SHETH, 2015), em que de acordo com os autores a população teve escalabilidade social proporcionada pela economia compartilhada devido ao aumento nos níveis de renda dos indivíduos, especialmente aqueles no segmento socioeconômico mais baixo. Entretanto, a oportunidade econômica não aparece sozinha, frequentemente está acompanhada de outra narrativa que demonstram outros benefícios ao usuário. Assim, a experiência foi identificada como uma segunda macro-narrativa nas plataformas com fins lucrativos. A experiência, parece ser a justificativa dos usuários da economia compartilhada

aderirem mesmo quando a redução de custo não se apresenta de forma significativa. Como por exemplo, a adesão à jantares oferecidos através da plataforma Dinneer, que em sua maioria, possuem o custo para o participante equivalente a de um restaurante (cerca de R\$ 80,00 – R\$ 100,00 por pessoa). Adicionalmente, é uma narrativa utilizada na comunicação dos benefícios da economia compartilhada, onde, a oportunidade de renda é uma narrativa central que nunca se apresenta sozinha.

Já as iniciativas sem fins lucrativos, abordam o compartilhamento a partir da sua essência, e apresentam um contexto voltado a busca por uma alternativa à economia tradicional, com um enredo de estímulo a mudança de mentalidade da sociedade para objetivos mais sociais, retomando o papel das narrativas de empoderamento individual e coletivo. A macro-narrativa de senso de comunidade e equidade foram identificadas, e corroboram com Kornberger et al (2018), que diz que o “sentimento de companheirismo” é que cria laços entre as pessoas e consequentemente constitui a sociedade. Assim, para estas iniciativas, a economia compartilhada promove a união das pessoas e uma maior equidade na sociedade. Estas iniciativas sem fins lucrativos, conforme definido por Petrini, Freitas e Silveira (2017), promovem o compartilhamento por ideal e portanto, possuem uma aproximação maior à inovação social (como evidenciado nas análises do Banco de Tempo, Plataforma Atraia e do evento Colaboramerica). Assim, a transformação é uma narrativa constante nestas iniciativas. E o senso de comunidade gerado através das pessoas, é um caminho para que esta transformação ocorra. A oportunidade de renda não fica evidente quando vinculada as iniciativas sem fins lucrativos, a renda é tratada como consequência, e talvez necessária para o andamento e manutenção das iniciativas. Como exemplo, podemos citar a Plataforma AtraiA que conta com o apoio financeiro de patrocinadores para custear a manutenção e administração da plataforma, e o *crowdfunding* Benfeitoria (presente no evento ColaborAmerica) que mantém a sua estrutura sem cobrar comissão de cada projeto financiado. O sustento da iniciativa ocorre através de um sistema de “comissão livre”, ou seja, as pessoas contribuem de forma espontânea e com o valor que quiserem. Assim, para as iniciativas sem fins lucrativos, o mais importante é o propósito na transformação em prol do social e não a busca do lucro. Algumas empresas da economia tradicional e com fins lucrativos, conforme descrito nos resultados, tentam uma aproximação a perspectiva social, através da execução de projetos sociais pontuais. Porém, isso

ocorre apenas como uma estratégia de atingir uma nova demanda dos consumidores e, conforme citado pelo representante de uma grande empresa de bebidas durante o evento ColaborAmerica: “Fugir do efeito Kodak”.

Por fim, a macro-narrativa de sustentabilidade parece sempre acompanhar as demais macro-narrativas identificadas, mas de forma retórica. Apesar de muito citada como uma consequência da economia compartilhada, Geissinger et al. 2019 dizem que as plataformas orientadas para a sustentabilidade ainda estão surgindo, já que esta é uma demanda da sociedade. Hoje, as iniciativas neste sentido, de acordo com os autores, ainda estão em segundo plano sendo mais evidente em setores específicos, como moda por exemplo, em que os consumidores já consideram a sustentabilidade como fator de consumo ou por exigências legais. Portanto, as iniciativas com foco maior em sustentabilidade ainda dependem do movimento da sociedade em exigir isso.

Podemos afirmar que as narrativas de mudança apresentam duas grandes nuances da economia compartilhada, sendo uma nuance forte vinculada às iniciativas com fins lucrativos, e uma mais fraca vinculada às iniciativas sem fins lucrativos. Ou seja, a nuance forte da economia compartilhada, apresenta-se muito mais voltadas à perspectiva econômica e financeira do que à perspectiva social. Rowe (2017) afirma que as iniciativas sem fins lucrativos, tendem a se destacar em lugares em que o apoio social é reduzido. As iniciativas com fins lucrativos, parecem atrair mais fortemente os atores à participação, se tornando mais populares e polêmicas, assim suas narrativas se destacam no contexto da economia compartilhada. Estas nuances, são representadas na figura 31, em que as macro-narrativas foram consolidadas conforme se apresentaram. As iniciativas sem fins lucrativos, assumiram características mais próximas da perspectiva social e ambiental, em que claramente buscam uma posição mais voltada as relações sociais e a transformação do mundo através da colaboração. A economia compartilhada, é um meio para que esta transformação ocorra, uma vez que a comunicação entre os pares, e acesso a produtos e serviços é facilitado. Já as iniciativas com fins lucrativos, apresentam-se mais próximas da perspectiva econômica, em que a busca é prioritariamente pela lucratividade, tratando a economia compartilhada apenas como mais uma forma de fazer negócios, e gerar renda a quem participa. A macro-narrativa colaboratividade e conveniência apresentou-se presente nas narrativas de análise do fenômeno como um todo, firmando-se como

característica da nova economia e posicionando-se na intersecção das duas nuances. Sendo a conveniência, entendida como a facilitação do acesso aos pares proporcionado pela tecnologia. O colaborativo, é promovido através da acessibilidade e a consequente interação das pessoas. Reischauer e Mair (2018), dizem que a partir da tecnologia empregada na economia compartilhada, as organizações ao operar as plataformas hospedam comunidades on-line, facilitando a interação entre as pessoas. Por serem inerentes a economia compartilhada, não aparecem explicitamente como macro-narrativa quando o narrador são as iniciativas ou usuários da economia compartilhada. Sob a perspectiva das plataformas, é possível perceber, que a tecnologia teve papel fundamental na disseminação da iniciativa Banco de Tempo, uma vez que a sua concepção é bem anterior ao *boom* da economia compartilhada em 2008. Já, nos demais casos, o surgimento das iniciativas foi concomitante com o crescimento da tecnologia da economia compartilhada. A macro-narrativa da sustentabilidade também apresenta-se na intersecção da figura 31, pois conforme discutido, atualmente ainda é tratada como uma expectativa da economia compartilhada tanto para iniciativas com fins lucrativos como para iniciativas sem fins lucrativos.

Figura 31 – As nuances das macro-narrativas da economia compartilhada.



Fonte: elaborado pela autora (2019)

5.3 O PAPEL DAS NARRATIVAS E AS MUDANÇAS SOCIAIS

As narrativas desempenham um papel significativo para influenciar os processos de mudança, gerando práticas sociais através da sua propagação. A economia compartilhada, de maneira geral, se traduz em uma nova forma de relacionamento econômico, reforçando a possibilidade de ganhos financeiros através do incentivo a oportunidade de emprego, empreendedorismo ou renda extra. As narrativas são recurso de empoderamento, na medida em que elas se engajam em produzir e manter certos significados como os benefícios da economia compartilhada. Destacam-se como benefícios que reforçam o papel de empoderamento, a macro-narrativa “oportunidade de renda” para as iniciativas com fins lucrativos, e “senso de comunidade” para as iniciativas sem fins lucrativos. A partir do entendimento das possibilidades de ganhos com a economia compartilhada, sejam estes ganhos financeiros ou não, a sociedade passa a entender a economia compartilhada como uma necessidade, sendo inclusive usado pelas empresas como estratégia de legitimação. Assim, as narrativas geram empoderamento individual ao incentivar os benefícios direto aos participantes. Conseqüentemente, geram empoderamento coletivo, quando interfere em uma conjuntura econômica se tornando uma opção para a sociedade transformando a economia local, no caso das iniciativas com fins lucrativos, e transformando as relações das pessoas gerando um relacionamento de confiança e fraternidade, no caso das iniciativas sem fins lucrativos. Avelino et al. (2017b), apresentam em seu estudo um paradoxo em relação ao empoderamento. As autoras consideram que enquanto os atores são empoderados, ao mesmo tempo sofrem com o “desempoderamento”. No caso da economia compartilhada, verifica-se que enquanto ocorre o empoderamento dos *prosumers* devido ao benefício da possibilidade de renda e incentivo ao empreendedorismo, estes mesmos atores podem ser desempoderados considerando o risco da precarização das relações de trabalho e legalidade das atividades, ponderando e enfraquecendo desta forma o empoderamento gerado, indicando que as iniciativas com fins lucrativos da economia compartilhada, não necessariamente leva a objetivos sociais. Martin, Evans e Karvonen (2018), corroboram dizendo que os benefícios de plataformas como Uber e Airbnb são contraditórios uma vez que podem estar tirando recursos do cidadão, ou seja, desempoderando a sociedade.

As narrativas da economia compartilhada desencadeiam a imaginação de quem faz parte. Induzindo a um novo futuro possível através da incerteza, gerando expectativa de mais mudanças, como o futuro do trabalho e novas formas de geração de renda no caso das iniciativas com fins lucrativos, e para as iniciativas sem fins lucrativos, uma busca de uma sociedade mais humana, em que as pessoas terão mais consciência dos recursos disponíveis. As macro-narrativas identificadas evidenciam a forte nuance econômica da economia compartilhada. Indicando que as narrativas estão relacionadas a perspectiva econômica de forma mais ampla em relação às sociais, reforçando a visão de parte dos autores que direcionam a economia compartilhada como mais uma ferramenta capitalista, como Morozov (2013) que denominou a economia compartilhada de “neoliberalismo de esteroides”, diante da atuação desenfreada destas iniciativas e da falta de regulamentação, e Martin, Upham e Budd (2015) que afirmam que na economia compartilhada, mesmo as iniciativas sem fins lucrativos, podem se tornar comercialmente orientadas ao longo do tempo. Mesmo quando as iniciativas com fins lucrativos atuam de forma altruísta (caso do Airbnb Open Homes), ainda assim enxergam nisso uma estratégia de legitimar a sua presença no mercado.

O papel das narrativas como expressões de contra-cultura não foi identificado. Não podemos tratar a economia compartilhada como um movimento que luta contra narrativas culturais e institucionais estabelecidas. As iniciativas sem fins lucrativos, até apresentam uma narrativa de busca por uma mudança de mentalidade da sociedade, no sentido de desenvolver caminhos que geram impacto social positivo. Porém, isso ocorre de forma paralela a estrutura econômica vigente, como um modelo alternativo e não como uma “bandeira” de luta contra a narrativa dominante. O mesmo ocorre com as iniciativas com fins lucrativos que se posicionam contra as medidas reguladoras. A partir da aceitação e crescimento da economia compartilhada, emergem algumas mudanças sociais provenientes deste novo modelo econômico, como a forma de acesso a produtos e serviços e a forma de relação entre os pares. A partir das iniciativas com fins lucrativos, destaca-se a forma de acesso a renda e especificamente nas iniciativas sem fins lucrativos, adiciona-se como mudança social emergente a retomada do senso de comunidade e companheirismo. As novas tecnologias facilitam o acesso e mudaram a forma das pessoas se relacionarem, e essa forma de relacionamento pode ser utilizada de forma altruísta ou para a busca

de lucro. Assim, a economia compartilhada pode ser um excelente meio de comunicação e geração de relação entre pares, mas depende de como é utilizada.

6 CONCLUSÃO

Este estudo teve por objetivo analisar as narrativas de mudanças no contexto da economia compartilhada. A economia compartilhada é composta por atores que atuam como protagonistas da mudança. Os chamados *prosumers* juntamente com as plataformas, são os atores principais e são os beneficiários diretos da economia compartilhada. Destacam-se ainda como atores, o governo e a economia tradicional que buscam a compreensão da nova economia. Além, de empreendedores, líderes e entidades que atuam como apoiadores da economia compartilhada. Diante dos resultados, concluímos que a economia compartilhada se apresenta conforme o narrador e para qual audiência está se posicionando. Ou seja, as narrativas diferem quando a audiência são o governo e empresas da indústria tradicional, ou quando a audiência é o público beneficiário direto da ascensão da economia compartilhada. Além disso, identificamos que a economia compartilhada apresenta diferentes narrativas conforme o posicionamento quando aos fins lucrativos da iniciativa. Iniciativas com fins lucrativos, apresentaram macro-narrativas mais voltadas a uma perspectiva econômica e financeira, sendo “oportunidade econômica”, “experiência” e “necessidade de regulamentação específica”. As iniciativas sem fins lucrativos, apresentaram macro-narrativas mais voltadas a uma perspectiva social, sendo “senso de comunidade”, “equidade” e “transformação”. As iniciativas sem fins lucrativos, apresentam uma preocupação maior em transformar a sociedade em prol do social. Já as com fins lucrativos, veem na economia compartilhada apenas mais uma forma de geração de renda. Foram identificadas macro-narrativas que ficaram na intersecção dos dois enquadramentos, sendo “colaboratividade e conveniência” e “sustentabilidade”. Verificou-se que as narrativas da economia compartilhada se apresentam em duas nuances, uma mais forte voltada às iniciativas com fins lucrativos e uma mais fraca voltada as iniciativas sem fins lucrativos.

A partir deste estudo, identificamos ainda o contexto, atores e enredo destas narrativas, bem como o papel das narrativas de mudanças. Identificamos que as narrativas exercem um papel de recurso de empoderamento para a sociedade através da divulgação dos seus benefícios, mesmo que ao mesmo tempo o desempoderamento possa ocorrer devido a perda de recursos. Verificou-se ainda o papel de desencadeamento da imaginação considerando a expectativa e incertezas geradas em torno da economia compartilhada. Foi possível verificar que a economia

compartilhada proporcionou algumas mudanças sociais, como a forma de acesso a produtos e serviços e a forma de relacionamento entre os pares. Além disso, é um mecanismo que pode proporcionar crescimento econômico através do empoderamento gerado pelas iniciativas com fins lucrativos. Porém, levando em consideração o contexto que está inserida, ou seja, em contextos mais vulneráveis, estes ganhos econômicos são mais significativos quanto ao impacto gerado ao indivíduo.

Esta pesquisa, tem limitações que sugerem direções para estudos futuros. Embora nos esforçamos em utilizar dados que contemplassem de forma abrangente o contexto da economia compartilhada, podemos destacar como limitações deste estudo, o fato da observação participante e entrevistas terem sido realizadas com iniciativas e *prosumers* vinculados a realidade brasileira. Assim, como pesquisas futuras é possível evoluir na discussão da diferença de narrativas em diferentes países. Pode-se evoluir ainda, referente ao efeito de ações regulamentares e abranger iniciativas com foco nas perspectivas de sustentabilidade.

Este estudo, contribui com a academia no aprofundamento do entendimento do contexto da economia compartilhada, seu vínculo com o social, de que forma a economia compartilhada realmente é benéfica para a sociedade, e destaca a importância das narrativas na produção de significado na economia compartilhada. Do ponto de vista gerencial, podemos destacar a contribuição uma vez que a partir deste estudo as empresas da economia compartilhada poderão conhecer melhor seus impactos e possibilidades de atuação e as empresas da economia tradicional, poderão pensar em estratégias de (re)posicionamento.

REFERÊNCIAS

- AIG. **The Data Sharing Economy : Quantifying Tradeoffs that Power New Business Models**. [s.l: s.n.].
- ANDREWS, M.; SQUIRE, C.; TAMBOUKOU, M. Doing Narrative Research. In: **Doing Narrative Research**. London: SAGE, 2008. p. 1–26.
- ANGROSINO, M. **Etnografia e observação participante**. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- AVELINO, F. et al. **Transitions towards New Economies? A Transformative Social Innovation Perspective** TRANSIT working paper series. [s.l: s.n.]. Disponível em: <<http://www.transitsocialinnovation.eu/>>.
- AVELINO, F. et al. Game-changers and transformative social innovation. **Ecology and Society**, v. 22, n. 4, p. 7, 2017a.
- AVELINO, F. et al. Transformative social innovation and (dis)empowerment. **Technological Forecasting & Social Change**, 2017b.
- BASTOS, L. C.; BIAR, L. DE A. Análise de narrativa e práticas de entendimento da vida social. **D.E.L.T.A. - Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, v. 31, p. 97–126, 2015.
- BAÚ, V. A Narrative Approach in Evaluation: “Narratives of Change” method. **Qualitative Research Journal**, v. 16, n. 4, p. 374–387, 2016.
- BELK, R. You are what you can access: Sharing and collaborative consumption online. **Journal of Business Research**, v. 67, p. 1595–1600, 2014.
- BELLOS, I.; FERGUSON, M.; TOKTAY, L. B. The Car Sharing Economy: Interaction of Business Model Choice and Product Line Design. **Manufacturing & Service Operations Management**, v. 19, n. 2, p. 185–201, 2017.
- BENOIT, S. et al. A triadic framework for collaborative consumption (CC): Motives, activities and resources & capabilities of actors. **Journal of Business Research**, n. November 2016, p. 1–9, 2017.
- BERGH, A.; FUNCKE, A.; WERNBERG, J. **Timbro sharing economy index**. [s.l: s.n.]. Disponível em: <https://timbro.se/allmant/timbro-sharing-economy-index/attachment/tsei-version-17_web/>.
- BINNINGER, A. S.; OURAHMOUNE, N.; ROBERT, I. Collaborative consumption and sustainability: A discursive analysis of consumer representations and collaborative website narratives. **Journal of Applied Business Research**, v. 31, n. 3, p. 969–986,

2015.

BISWAS, R.; PAHWA, A.; SHETH, M. **The rise of the sharing economy: the Indian landscape**Ernst & Young LLP. [s.l.: s.n.].

BÖCKER, L.; MEELEN, T. Sharing for people, planet or profit? Analysing motivations for intended sharing economy participation. **Environmental Innovation and Societal Transitions**, v. 23, p. 28–39, 2017.

BOTSMAN, R.; ROGERS, R. **What's Mine Is Yours: The Rise of Collaborative Consumption**. [s.l.] Bookman, 2011.

BREM, A.; BILGRAM, V. The search for innovative partners in co-creation: Identifying lead users in social media through netnography and crowdsourcing. **Journal of Engineering and Technology Management**, v. 37, p. 40–51, 2015.

CHENG, M. Sharing economy: A review and agenda for future research. **International Journal of Hospitality Management**, v. 57, p. 60–70, 2016.

COHEN, B.; KIETZMANN, J. Ride On! Mobility Business Models for the Sharing Economy. **Organization & Environment**, v. 27, n. 3, p. 279–296, 2014.

COLABORAMERICA. **Guia das Jornadas**Rio de JaneiroColaboramerica, , 2018.

COSTELLO, L.; MCDERMOTT, M. L.; WALLACE, R. Netnography: Range of practices, misperceptions, and missed opportunities. **International Journal of Qualitative Methods**, v. 16, n. 1, p. 1–12, 2017.

CUSUMANO, M. A. How traditional firms must compete in the sharing economy. **Communications of the ACM**, v. 58, n. 1, p. 32–34, 2014.

CZARNIAWSKA, B. **The Uses of Narrative in Organization Research**. Gothenburg, Sweden: [s.n.].

CZARNIAWSKA, B. **Narratives in Social Science Research**. London: [s.n.]. v. 2

DAUNORIENÉ, A. et al. Evaluating Sustainability of Sharing Economy Business Models. **Procedia - Social and Behavioral Sciences**, v. 213, p. 836–841, 2015.

DAVIS, J. E. Narrative and social Movements. In: **Stories of Change**. Albany: State University of New York Press, 2002. p. 3–22.

DE FINA, A.; GEORGAKOPOULOU, A. Analysing narrative as practices. **Qualitative Research**, v. 8, n. 3, p. 379–387, 2008.

DE RIVERA, J. et al. A netnographic study of P2P collaborative consumption platforms' user interface and design. **Environmental Innovation and Societal Transitions**, v. 23, p. 11–27, 2017.

- DELOITTE. **Developments in the Collaborative Economy in NSW**. [s.l: s.n.].
- DOOLIN, B. Narratives of Change: Discourse, Technology and Organization. **Organization**, v. 10, n. 4, p. 751–770, 2003.
- EUROPÉIA, C. **Comunicação da Comissão ao Parlamento Europeu, ao Conselho, Ao Comitê Econômico Social Europeu e ao Comitê das Regiões - Uma Agenda Europeia para a Economia Colaborativa**. Bruxelas: [s.n.].
- FLICK, U. **Métodos de Pesquisa - Introdução à Pesquisa Qualitativa**. 3. ed. [s.l.] Bookman, 2009. v. 3
- FRANCESCHINI, S.; PANSERA, M. Beyond unsustainable eco-innovation: The role of narratives in the evolution of the lighting sector. **Technological Forecasting and Social Change**, v. 92, p. 69–83, 2015.
- FRENKEN, K. Sustainability perspectives on the sharing economy. **Environmental Innovation and Societal Transitions**, v. 23, n. May, p. 1–2, 2017.
- FRENKEN, K.; SCHOR, J. Putting the sharing economy into perspective. **Environmental Innovation and Societal Transitions**, v. 23, p. 3–10, 2017.
- GAWEL, A.; MACHUR, W.; PENNINGTON, J. **Understanding the Sharing Economy** **World Economic Forum**. [s.l: s.n.]. Disponível em: <http://www3.weforum.org/docs/WEF_Understanding_the_Sharing_Economy_report_2016.pdf>.
- GEISSINGER, A. et al. How sustainable is the sharing economy ? On the sustainability connotations of sharing economy platforms. **Journal of Cleaner Production**, v. 206, p. 419–429, 2019.
- GIBBS, G. **Análise de Dados Qualitativos**. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- GODOY, A. S. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**, v. 35, n. 3, p. 20–29, 1995.
- GOMES, L.; PESSÔA, A. **Release para imprensa. Colaboramerica 2018**. Rio de Janeiro MNiemeyer Assessoria de Comunicação, , 2018.
- HABIBI, M. R.; DAVIDSON, A.; LAROCHE, M. What managers should know about the sharing economy. **Business Horizons**, v. 60, p. 113–121, 2017.
- HERMWILLE, L. The role of narratives in socio-technical transitions - Fukushima and the energy regimes of Japan, Germany, and the United Kingdom. **Energy Research and Social Science**, v. 11, p. 237–246, 2016.

- HOLMES, A.; MCGUINTY, L. **Harnessing the Power of the Sharing Economy: Next Steps for Ontario**. Ontario: [s.n.]. Disponível em: <<http://www.occ.ca/wp-content/uploads/2013/05/Harnessing-the-Power-of-the-Sharing-Economy.pdf>>.
- HOWALDT, J.; SCHWARZ, M. **Social Innovation and its relationship to social change - Verifying existing Social Theories in reference to Social Innovation and its Relationship to Social Change**. [s.l: s.n.].
- KATHAN, W.; MATZLER, K.; VEIDER, V. The sharing economy: Your business model's friend or foe? **Business Horizons**, v. 59, p. 663–672, 2016.
- KORNBERGER, M. et al. Rethinking the Sharing Economy: The Nature and Organization of Sharing in the 2015 Refugee Crisis. **Academy of Management Discoveries**, v. 4, n. 3, 2018.
- KOVACS, P. **Sharing Economy - Implications for the Insurance Industry in Canada**. Ontario: [s.n.].
- KOZINETS, R. **Netnography: redefined**. 2. ed. London: SAGE, 2015.
- LIANG, S. et al. Be a Superhost: The importance of badge systems for peer-to-peer rental accommodations. **Tourism Management**, v. 60, p. 454–465, 2017.
- MARTIN, C. J.; EVANS, J.; KARVONEN, A. Smart and sustainable? Five tensions in the visions and practices of the smart-sustainable city in Europe and North America. **Technological Forecasting and Social Change**, v. 133, n. December 2017, p. 269–278, 2018.
- MARTIN, C. J.; UPHAM, P.; BUDD, L. Commercial orientation in grassroots social innovation: Insights from the sharing economy. **Ecological Economics**, v. 118, p. 240–251, 2015.
- MATZLER, K.; VEIDER, V.; KATHAN, W. Adapting to the Sharing Economy. **Mit Sloan Management Review**, v. 56, n. 2, p. 71–77, 2014.
- MCKEE, D. Neoliberalism and the legality of peer platform markets. **Environmental Innovation and Societal Transitions**, v. 23, n. February, p. 105–113, 2017.
- MCLAREN, D.; AGYEMAN, J. **Commentary on Debating the Sharing Economy**. Disponível em: <<http://www.greattransition.org/commentary/julian-agyeman-and-duncan-mclaren-debating-the-sharing-economy-juliet-schor>>. Acesso em: 2 dez. 2017.
- MILANOVA, V.; MAAS, P. Sharing intangibles: Uncovering individual motives for engagement in a sharing service setting. **Journal of Business Research**, v. 75, p.

159–171, 2017.

MONT, O.; NEUVONEN, A.; LÄHTEENOJA, S. Sustainable lifestyles 2050: Stakeholder visions, emerging practices and future research. **Journal of Cleaner Production**, v. 63, p. 24–32, 2014.

MOROZOV, E. The “sharing economy” undermines workers’ rights.(COMMENT). **The Financial Times**, 2013.

MUÑOZ, P.; COHEN, B. Mapping out the sharing economy: A configurational approach to sharing business modeling. **Technological Forecasting & Social Change**, v. 125, p. 21–37, 2017.

MURILLO, D.; BUCKLAND, H.; VAL, E. When the sharing economy becomes neoliberalism on steroids: Unravelling the controversies. **Technological Forecasting and Social Change**, v. 125, n. May, p. 66–76, 2017.

NIELSEN. Is Sharing the New Buying? Reputation and Trust Are Emerging As New Currencies. **Nielsen Global Share Community Report**, n. May, p. 1–14, 2014.

PALGAN, Y. V.; ZVOLSKA, L.; MONT, O. Sustainability framings of accommodation sharing. **Environmental Innovation and Societal Transitions**, v. 23, p. 70–83, 2017.

PALOS-SANCHEZ, P. R.; CORREIA, M. B. The Collaborative Economy Based Analysis of Demand : Study of Airbnb Case in Spain and Portugal. **Journal of Theoretical and Applied Electronic Commerce Research**, v. 13, n. 3, p. 85–98, 2018.

PETRINI, M.; FREITAS, C. S. DE; SILVEIRA, L. M. DA. A Proposal for a Typology of Sharing Economy. **Revista de Administração Mackenzie**, v. 18, n. 5, p. 39–62, 2017.

POLLETTA, F. Contending Stories: Narrative in Social Movements. **Qualitative Sociology**, v. 21, n. 4, 1998.

PWC. **The Sharing Economy - Consumer Intelligence Series**. [s.l: s.n.].

Disponível em: <<http://www.pwc.com/us/en/industry/entertainment-media/publications/consumer-intelligence-series/assets/pwc-cis-sharing-economy.pdf>>.

RAHIM, N. et al. **Research on the Sharing Economy**. [s.l: s.n.].

RAMIREZ, E.; OHLHAUSEN, M. K.; MCSWEENEY, T. P. **The “Sharing” Economy Issues Facing Platforms, Participants & Regulators**. [s.l: s.n.].

- REISCHAUER, G.; MAIR, J. How Organizations Strategically Govern Online Communities: Lessons from the Sharing Economy. **Academy of Management Discoveries**, v. 4, n. 3, 2018.
- ROH, T. H. The sharing economy: Business cases of social enterprises using collaborative networks. **Procedia Computer Science**, v. 91, p. 502–511, 2016.
- ROWE, P. C. M. Beyond Uber and Airbnb : The Social Economy of Collaborative Consumption. **Social Media + Society**, n. April_June, p. 1–10, 2017.
- SCHOR, J. Debating the Sharing Economy. **A Great Transition Initiative Essay**, 2014.
- SCHWANDT, T. Three epistemological stances for qualitative inquiry: Interpretivism, hermeneutics, and social constructionism. In: **Handbook of Qualitative Research**. 2nd. ed. London: SAGE, 2000. p. 189–213.
- STEINKE, I. Quality Criteria in Qualitative Research. In: **Flick; Von Kardoff; Steinke. A companion to qualitative research**. Sage ed. [s.l: s.n.].
- STOKES, K. et al. **Making Sense of the Uk Collaborative EconomyNesta; Collaborative Lab**. [s.l: s.n.].
- THILMANY, J. **Symposium on the Sharing Economy**. (M. McCarthy, Ed.)Proceedings of the Symposia. **Anais...Minnesota: Center For Transportation Studies - University of Minnesota**, 2016Disponível em: <sharingeconomy.umn.edu>
- TRAHAR, S. Beyond the story itself: Narrative inquiry and Autoethnography in Intercultural Research in Higher Education. **Forum : Qualitative Social Research**, v. 10, n. 1, p. Art. 30, 2009.
- URHAMMER, E.; ROPKE, I. Macroeconomic narratives in a world of crises: An analysis of stories about solving the system crisis. **Ecological Economics**, 2013.
- UZUNCA, B.; RIGTERING, J. P. C.; OZCAN, P. Sharing and Shaping: A cross-country comparison of how sharing economy firms shape their institutional environment to gain legitimacy. **Academy of Management Discoveries**, n. January, p. amd.2016.0153, 2018.
- WEBER, T. A. Intermediation in a Sharing Economy: Insurance, Moral Hazard, and Rent Extraction. **Journal of Management Information Systems**, v. 31, n. 3, p. 35–71, 2014.
- WEBER, T. A. Product Pricing in a Peer-to-Peer Economy. **Journal of Management Information Systems**, v. 33, n. 2, p. 573–596, 2016.

WITTMAYER, J. et al. **Narratives of change : How Social Innovation Initiatives engage with their transformative ambitions**TRANSIT Working Paper. [s.l: s.n.].

Disponível em: <[http://www.transitsocialinnovation.eu/content/original/Book covers/Local PDFs/181_TRANSIT_WorkingPaper4_Narratives of Change_Wittmayer et al_October2015_2.pdf](http://www.transitsocialinnovation.eu/content/original/Book_covers/Local_PDFs/181_TRANSIT_WorkingPaper4_Narratives_of_Change_Wittmayer_et_al_October2015_2.pdf)>.

YANG, S. et al. Why are customers loyal in sharing-economy services? A relational benefits perspective. **Journal of Services Marketing**, v. 31, n. 1, p. 48–62, 2017.

ANEXO A

Protocolo de Observação Participante

Quem é o narrador?

Quem são os participantes do evento?

Qual o objetivo do evento?

Quais os principais tópicos discutidos?

Quais atividades foram/são geradas?

Que tipo de imagens são utilizadas?

Quais os motivadores para participar da economia compartilhada?

É possível identificar alguma representação da prática da economia compartilhada?
Qual(is)?

É possível identificar a relação entre economia compartilhada com inovação social e aspectos ambientais ou econômico e financeiro?

ANEXO B

Guia de entrevista semi-estruturado

Nome do entrevistado:

Plataforma/iniciativa:

Função:

Data:

- 1) O que é a plataforma/iniciativa, como funciona?
- 2) Como surgiu? Qual o contexto?
- 3) Qual o objetivo da plataforma/iniciativa?
- 4) Quais são os atores envolvidos na iniciativa?
- 5) Quais você acredita ser a(s) motivação(ões) das pessoas em participar?
- 6) Na sua opinião qual o principal motivo em participar?
- 7) As pessoas participam de forma voluntária?
- 8) Os participantes possuem alguma forma de ganhos financeiros?
- 9) Quais as consequências/benefícios de participar da plataforma/iniciativa?
- 10) Como a plataforma/iniciativa rentabiliza/monetiza?
- 11) Existe mudança social?
- 12) Qual a visão futura da plataforma? Projeção?
- 13) O que você entende como economia compartilhada?
- 14) Você acha que tem diferença entre plataformas com fins lucrativos e sem fins lucrativos?
- 15) EC = social / ambiental ou econômico / financeiro?

Entrevista com usuário

Nome:

Idade:

Profissão:

- 1) Como você começou a participar da plataforma? Como você atua?
- 2) Quais são os motivos em participar? Existe algum benefício?
- 3) Você tem algum tipo de ganho financeiro com a participação?
- 4) Participa de outras iniciativas da economia compartilhada? Quais?
- 5) O que você entende como economia compartilhada?
- 6) Quais são os benefícios ou custos envolvidos na economia compartilhada?
- 7) Existe mudança social através da EC? E através desta iniciativa?
- 8) Você acha que tem diferença entre plataformas com fins lucrativos e sem fins lucrativos?
- 9) EC = social / ambiental ou econômico / financeiro?

ANEXO C

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL – PUCRS
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO
MESTRADO EM ADMINISTRAÇÃO E NEGÓCIOS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Tema de pesquisa: As Narrativas de Mudança na Economia Compartilhada

Pesquisadora responsável: Aline De Geroni Roncato Lazzari

Orientadora: Maira de Cassia Petrini

Prezado(a) Senhor(a),

Você está sendo convidado a participar de uma pesquisa científica. Esta pesquisa pretende analisar as narrativas de mudanças no contexto da economia compartilhada. Acreditamos que ela seja importante para a melhor compreensão deste novo contexto econômico bem como seus potenciais impactos sociais positivos. Antes de concordar em participar das atividades, é muito importante que você compreenda os objetivos e esclareça todas as suas dúvidas.

Durante todo o período da pesquisa você tem o direito de esclarecer qualquer dúvida ou pedir qualquer outro esclarecimento, bastando para isso entrar em contato, com a pesquisadora responsável no telefone 51 98231-5555. Você tem garantido o seu direito de não aceitar participar ou de retirar sua permissão, a qualquer momento, sem nenhum tipo de prejuízo ou retaliação, pela sua decisão. As informações desta pesquisa serão confidenciais, e serão divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas, não havendo identificação dos participantes.

Diante do exposto expresse minha concordância de espontânea vontade em participar deste estudo.

Eu, _____, declaro que obtive todas as informações necessárias e esclarecimentos quanto às dúvidas por mim apresentadas e, por estar de acordo, assino o presente documento em duas vias de igual conteúdo e forma, ficando uma em minha posse.

- () Autorizo gravar entrevistas e outras atividades realizadas.
() Não autorizo gravações e atividades realizadas de qualquer tipo.

_____, ____ de _____ de _____.

Pesquisadora Responsável
(assinatura)

Participante da Pesquisa
(assinatura)

APÊNDICE A – RESULTADOS

RESUMO DOS REPORTS

No Canadá através de estudo realizado pela Câmara do Comércio de Ontário (2015) e pelo Instituto de Segurança (2017) entende-se que a economia compartilhada é uma oportunidade econômica que não pode ser descartada. É um processo de mudança, que tem tido aceitação da população pela “perda de confiança” nos negócios tradicionais. Os atores governamentais e setoriais (segmento de seguros) têm buscado compreender este fenômeno no sentido de estabelecer regras regulamentares e verificar a possibilidade de concorrência. Para gerenciar esta mudança os órgãos setoriais decidiram junto com o governo montar uma força-tarefa para acompanhar o incremento de receita proveniente da economia compartilhada e estabelecer ações como por exemplo, revisar a legislação trabalhista e conformidade fiscal. A economia compartilhada é entendida como uma ameaça devido ao seu potencial disruptivo através da internet, entretanto se bem compreendida pode ser uma oportunidade, uma vez que empresas já estabelecidas podem tornar-se fornecedores desta nova economia. O entendimento sobre propriedade está mudando, e muitas pessoas tem buscado um incremento de renda através desta mudança. A crise econômica (2007 – 2009) aparece como grande impulsionador da economia compartilhada. Os atores da indústria tradicional canadense entendem que precisam se adaptar para atender as necessidades desse setor em crescimento (HOLMES; MCGUINTY, 2015; KOVACS, 2017). O governo canadense tem olhado para a economia compartilhada para melhor compreendê-la e assim estabelecer ações regulatórias. É uma oportunidade de indivíduos tornarem-se microempreendedores, sendo a economia compartilhada uma atividade econômica de futuro para o Canadá. São mencionados o envolvimento de fatores sociais (como confiança e conexões), fatores econômicos (incremento de renda) e fatores tecnológicos (facilidade de conexão via internet) como características desse contexto.

A Comissão Europeia é um órgão executivo, politicamente independente, que defende os interesses gerais da União Europeia. No *report* elaborado em 2016 em Bruxelas, a comissão apresenta a economia compartilhada como um contexto de novas oportunidades, tanto para as empresas quanto aos consumidores. O report

destaca a atuação de atores humanos, como profissionais, consumidor e não-humanos como a plataforma tecnológica. Do ponto de vista da comissão europeia, a economia compartilhada é um importante contributo para a criação de empregos e crescimento da União Europeia (EUROPÉIA, 2016). Para a União Européia, a economia compartilhada ao mesmo tempo que desafiam os operadores tradicionais, são promotoras de novas oportunidades de emprego, regime de trabalho flexíveis e novas fontes de rendimento, além de proporcionar ao consumidor uma maior oferta de serviços e preços mais baixos. Aliado a isso, também incentiva a utilização mais eficiente de recursos, contribuindo com a estratégia da União Europeia em se tornar mais sustentável.

O NESTA (fundação global de incentivo a inovação) junto com o Collaborative Lab (organização especialista em economia compartilhada) (2014), apresentaram uma visão sobre a economia compartilhada no Reino Unido e em menor grau na Europa. A economia compartilhada aparece em um contexto em que um quarto da população do Reino Unido já usou as tecnologias digitais para acessar bens e serviços. O período atual é de crescimento e experimentação. Os atores citados no relatório são o governo, que deveriam ver a economia compartilhada como uma oportunidade de melhor uso dos recursos físicos, as pessoas como usuários das plataformas, principalmente de 25 a 54 anos. O enredo apresentado por trás da economia compartilhada, é a tecnologia. O advento da internet facilitou o processo de execução de muitas atividades. É a internet que permite as pessoas se conectarem no formato peer-to-peer. Para atingir um nível mais elevado, são desafios da economia compartilhada a regulamentação em torno da tributação, seguro e licenciamento (STOKES et al., 2014). O NESTA junto com o Collaborative Lab, apresentaram uma visão sobre a economia compartilhada no Reino Unido e em menor grau na Europa. A economia compartilhada está ajudando a economia e a sociedade simultaneamente, liberando o valor dos ativos ociosos e ao mesmo tempo reconstruindo o capital social. Os autores afirmam que:

“O século 20 viu um fluxo constante de inovações que permitiram que as pessoas compartilhassem mais. Algumas destas inovações eram sociais e ocorriam fora das estruturas tradicionais de mercado, como cooperativas de babá ou sociedades de ajuda mútua; alguns eram totalmente comerciais dentro do mainstream da economia de mercado, como o negócio de compartilhamento de jatos privados de Warren Buffet, a NetJets.

Dependendo de que exemplo você olha, a história inicial da economia colaborativa era tanto uma reação ao capitalismo quanto ao consumismo.(pg 7)”

O Instituto de pesquisa social NatCen (2017), analisou a extensão da economia compartilhada na Grã-Bretanha. A pesquisa focou os atores individuais e plataformas com fins lucrativos, mais da metade dos atores (54%) veem a economia compartilhada apenas como uma forma de ganhar dinheiro e estes não sabem claramente como pagar os impostos provenientes dessa renda (RAHIM et al., 2017). O governo da Grã-Bretanha, entende o potencial da economia compartilhada, e por isso deseja estabelecer uma regulamentação que não influencia negativamente no crescimento desta economia.

Nos Estados Unidos, foi realizado um simpósio na Universidade de Minnessota (2016) para discutir a emergente economia compartilhada e principalmente seu impacto no transporte. O enredo apresentado é a explosão de plataformas como Uber, Lyft, Aibnb e JustPark nos últimos anos, em que indivíduos podem obter renda flexível de ativos subutilizados (THILMANY, 2016). Na mesma linha, a Comissão Federal de Comércio, discute a economia compartilhada a partir do seu crescimento nos últimos anos e pelo debate referente a forma de regulamentação. Assim, a economia compartilhada foi analisada do ponto de vista de legisladores e especialistas jurídicos, econômicos e empresariais para avaliar a concorrência, proteção ao consumidor e as questões econômicas (RAMIREZ; OHLHAUSEN; MCSWEENY, 2016). Nos Estados Unidos, a partir do seminário incluindo pesquisadores, especialistas e representantes do governo, as narrativas consistem nas mudanças dos empregos no futuro e rápida urbanização. A economia compartilhada surge como uma oportunidade de inovação empresarial e empreendedorismo, e ao mesmo tempo, alguns acreditam que melhorará a sustentabilidade pela redução de número de veículos, vagas de estacionamento e redução de congestionamentos. Para a Comissão Federal de Comércio, a economia compartilhada pode aumentar o bem-estar do consumidor devido a entrada de novas fontes de suprimento. A regulamentação é necessária devido a assimetria de informações provenientes da economia compartilhada, mas esta regulamentação não pode impedir o seu sucesso.

O Fórum Econômico Mundial (2016), analisou o impacto da economia compartilhada na China e o efeito que provavelmente terá na sociedade. Os atores

identificados são os consumidores, *marketplaces*, fornecedores e o governo para a implementação de políticas públicas. Esta nova economia aparece como uma alternativa de suprimento à indústria tradicional, por exemplo, em épocas de grande movimento, os hotéis locais podem lotar facilmente, e o Airbnb pode suprir a necessidade de acomodações. Na China a economia compartilhada levou a transformação nos setores de turismo, imobiliário e mobilidade, bem como alterou a forma de trabalho de algumas pessoas. O Uber e Airbnb, se utilizado em modelo de *pool*, pode reduzir os danos ao meio ambiente. Os impulsionadores da economia compartilhada é a favorabilidade econômica e a conexão com a comunidade. O *report* incentiva o uso de dados gerados pelas plataformas para a definição de políticas públicas.

A consultoria Deloitte Access Economics (2017), realizou um estudo para compreender a economia compartilhada a partir do crescimento significativo na Austrália. A economia compartilhada aumentou a concorrência de novos entrantes no mercado e a receita obtida pelos principais *players* cresceu 68% de 2015 para 2016. O governo local trabalhou na regulamentação, no sentido de incentivar a economia compartilhada, assim, o futuro descrito é a continuidade do crescimento das plataformas da economia compartilhada. Os atores envolvidos na decisão e projeção de crescimento foi o departamento de finanças, serviços e inovação do governo, as organizações e os usuários. A partir da regulamentação, mais fornecedores e usuários se cadastraram no mercado de compartilhamento (DELOITTE, 2017). O *report* emitido pela Deloitte Access Economics que analisou o contexto australiano, apresenta uma narrativa vinculada ao crescimento da economia compartilhada a partir da sua regulamentação. A economia compartilhada é apresentada como um sistema econômico que segue em inovação, tanto nas plataformas com fins lucrativos, quanto nas sem fins lucrativos. O incentivo ocorre não apenas aos grandes *players* de mercado, mas também para as pequenas plataformas. Houve um crescimento substancial de trabalhadores vinculados e tarifas arrecadadas.

A seguradora especialista em riscos AIG encomendou uma pesquisa analisando nove países (Estados Unidos, Reino Unido, França, Alemanha, Itália, Austrália, Cingapura, Japão e China), que avaliou a economia compartilhada sob a perspectiva de compartilhamento de dados. Os dados podem auxiliar no incremento da segurança das informações, escalabilidade, conhecimento de mercado/preço,

abrindo oportunidades no mercado (AIG, 2017). Em uma análise de nove países, as narrativas produzidas incentivam o uso dos dados compartilhados através da economia compartilhada bem como dados internos gerados pelas empresas, gerando assim confiança digital, melhor domínio de informações de mercado, consumidores, preços, além de redução de riscos internos. Já a Nielsen, no estudo envolvendo 60 países, identificaram que mais de dois terços dos entrevistados globais estão dispostos a compartilhar ou alugar seus ativos pessoais em troca de ganhos financeiros, compartilhando por lucro e assim, redefinindo a importância da confiança e as relações. Já a Nielsen (2014), avaliou a reputação e confiança através da economia compartilhada em um estudo envolvendo 60 países. Uma economia em queda e um mercado salarial estagnado, aliado a internet deram origem ao mercado de compartilhamento. Os participantes da Ásia-Pacífico são os mais dispostos a compartilhar, e na maior parte, pertencem a geração dos Millennials (NIELSEN, 2014).

O estudo realizado pela Pwc (2015) explorou a economia compartilhada para verificar como o ethos do compartilhamento permanecerá no mercado como os concorrentes podem se posicionar para concorrer com a economia compartilhada. Os atores desta nova economia são as organizações e indivíduos que faturam com o compartilhamento de ativos subutilizados. Novos modelos de negócios surgiram e negócios tradicionais buscaram adaptar-se para possibilitar a concorrência. A mudança consiste na forma que ocorre a transação, na necessidade de incremento de confiança, e até mesmo, fazendo com que os indivíduos pensem na economia compartilhada ao realizar um investimento, por exemplo, adquirindo um imóvel com número de quartos de acordo com a necessidade de mercado do Airbnb (PWC, 2015). A definição apresentada pela Pwc demonstra o foco econômico da economia compartilhada: “Economia de compartilhamento permitem que indivíduos e grupos ganhem dinheiro com ativos subutilizados”, sendo tratada como um movimento que um único rótulo não pode defini-lo. É consenso que a economia compartilhada está crescendo e a mudança de posse para acesso é evidente. A regulação entre pares, através de sistemas de reputação e confiança, apareceu ser mais importantes do que a regulamentação governamental.

A Ernst & Young (2015) apresenta um contexto muito recente de economia compartilhada na Índia. Acredita-se que haverá uma mudança no futuro do trabalho, produção e colaboração, e a economia compartilhada aparece como uma

oportunidade de lucro para muitos indivíduos. Os atores são empresas, consumidores, fornecedores, investidores, advogados, entre outros. A evolução digital na Índia e a penetração dos smartphones permitiu o acesso a economia compartilhada. O maior impacto tem sido sentido a nível pessoal, em que por exemplo, agora é possível deslocar-se com facilidade, em uma realidade em que grande parte da população não possui veículo (BISWAS; PAHWA; SHETH, 2015). Ernst & Young apresenta a economia compartilhada na Índia como uma oportunidade de acesso a emprego, renda e deslocamento (para quem não possui veículo). Em comparação com o mercado tradicional, é vista como um uso mais sustentável dos recursos, redução de custo e modo alternativo de precificação. Na Índia a economia compartilhada parece ser positiva na geração de renda a população, promovendo benefícios sociais como ascensão social, desenvolvimento de habilidades, conveniência (acesso a produtos/serviços) e alfabetização digital. Os autores afirmam que:

A economia compartilhada também representa uma mudança de paradigma no mercado de trabalho e permite que muitos indivíduos obtenham um emprego lucrativo através do aumento do microempreendedorismo (BISWAS; PAHWA; SHETH, 2015).

A Timbro, através de pesquisadores acadêmicos estudou a economia compartilhada no contexto da Islândia em que o fenômeno ganhou força a partir da crise econômica de 2008, sendo uma alternativa de renda para a população. O foco do estudo foi na compreensão da relação da regulamentação com a evolução da economia compartilhada (BERGH; FUNCKE; WERNBERG, 2018). No contexto da Islândia, os narradores defendem uma política liberal entre mercado e governo para a ascensão da economia compartilhada, pois consideram que quanto maior a liberdade de atuação econômica, maior o crescimento da economia como um todo.

Diante da análise das narrativas produzidas, verifica-se que a economia compartilhada é amplamente compreendida como uma oportunidade econômica sendo tratada claramente como uma alternativa de ganhos econômicos. Inclusive, com análises referentes a competição de mercado quando comparada à indústria tradicional. Assim, a economia compartilhada, passou a ser uma nova alternativa de renda aos pares, sendo um recurso de empoderamento econômico.

RESUMO DOS REPORTS – PAPEL DAS NARRATIVAS

No Canadá as narrativas estudadas desencadeiam a imaginação, pois discutem o presente e estabelecem ações futuras, ainda, pode ser um recurso de empoderamento se entendida como uma oportunidade da indústria tradicional adaptar-se em busca deste mercado. Através dos reports, a narrativa da Comissão Europeia é um recurso de empoderamento pois deixa claro a possibilidade da economia compartilhada ser uma oportunidade financeira tanto para fornecedores quanto para consumidores. De acordo com a visão do NESTA e Collaborative Lab, a economia compartilhada tem provocado mudanças nos hábitos de consumo com o advento da internet. Na Grã-Bretanha, a economia compartilhada é vista pelo NatCen como um recurso de empoderamento, pois para mais da metade dos usuários é uma fonte de renda extra. Nos Estados Unidos, a economia compartilhada também é vista como um recurso de empoderamento, por ser uma alternativa de renda flexível de ativos subutilizados.

Na China, a economia compartilhada aparece com um recurso para o empoderamento, pois movimentando a economia local e global, ainda desencadeia a imaginação, uma vez que possui projeção de crescimento. Através do report da Deloitte Access Economic, referente a estudo na Austrália, as narrativas possuem o papel de recurso para o empoderamento, pois a atuação na regulamentação incentivou o cadastramento de fornecedores e usuários, gerando maior confiança no sistema da economia compartilhada. A AIG, ao analisar nove países, apresentam uma narrativa que desencadeia a imaginação, pois faz uma projeção de ganhos a partir do uso dos dados compartilhados. Por ser um report estatístico, o estudo da Nielsen, desencadeia a imaginação através dos dados apresentados.

A Pwc apresenta claramente a economia compartilhada como um recurso de empoderamento, por ser uma forma de ganho. A narrativa desencadeia a imaginação por apresentar uma economia em expansão e formas de atuação. A narrativa apresentada pela Ernst & Young sobre a Índia, é de recurso para o empoderamento, pois a economia compartilhada estimulou os microempreendedores e facilitou a criação de novos mercados e atividades econômicas que não existiam anteriormente. A economia compartilhada aumentou o número de pessoas com emprego na Índia. Na Islândia a economia compartilhada foi apresentada pela Timbro como um recurso

para o empoderamento, considerando uma alternativa de renda a partir da crise econômica.



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Pró-Reitoria de Graduação
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 1 - 3º. andar
Porto Alegre - RS - Brasil
Fone: (51) 3320-3500 - Fax: (51) 3339-1564
E-mail: prograd@pucrs.br
Site: www.pucrs.br